Henri Rossier

Estudos



SOBRE O LIVRO DE

JOSUÉ

DLC

Henri Rossier

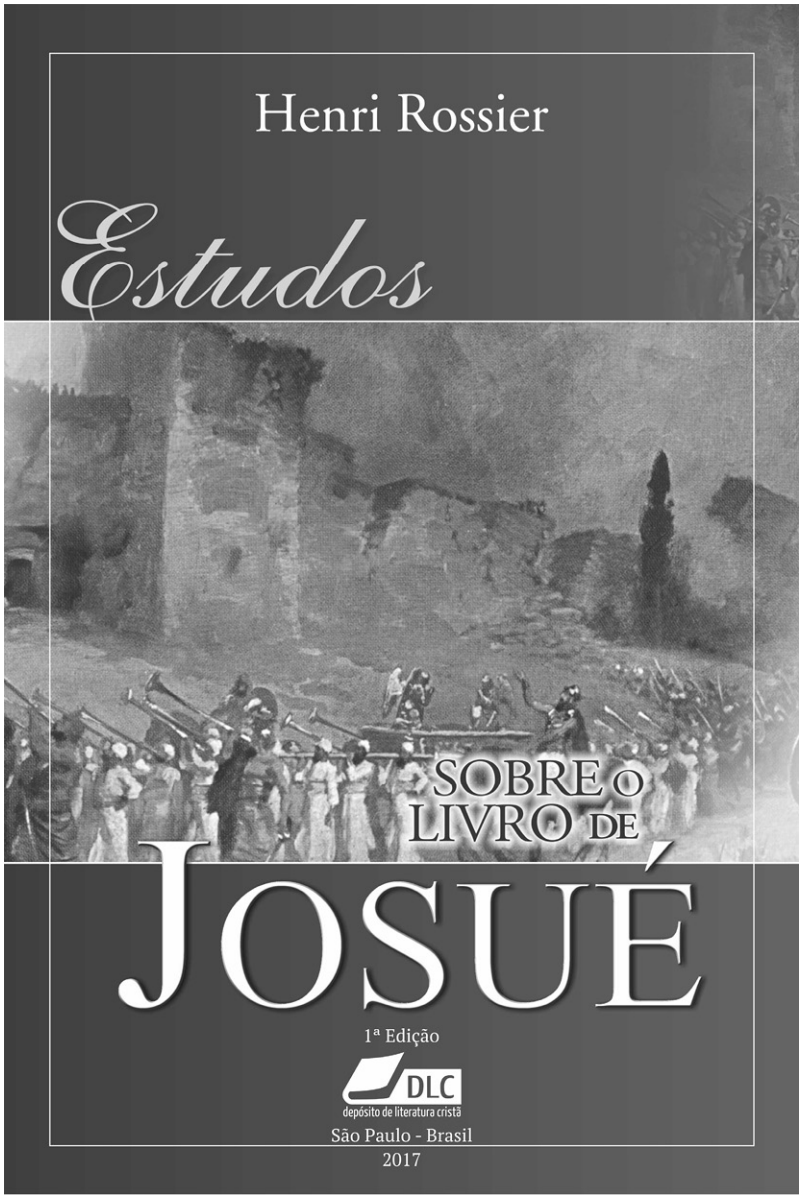
Estudos



SOBRE O LIVRO DE

JOSUÉ

DLC



Todas as citações bíblicas contidas nesta obra são da versão de Almeida Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, a menos que outra seja, especificamente, mencionada.

Nenhuma parte dessa publicação poderá ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por quaisquer meios, sejam eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravação, ou por meio de qualquer sistema de recuperação de dados sem a permissão escrita dos editores.

Copyright © 2017 - Todos os direitos reservados por:

Depósito de Literatura Cristã

“Estudos sobre o Livro de Josué”

Capa + Projeto Gráfico / Diagramação

Liliana Ester Dinella

Impressão e Acabamento
Imprensa da Fé, São Paulo - SP, Brasil
Traduzido do original “Betrachtungen über die Bücher Josua”
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
ROSSIER, Henri
Estudos sobre o Livro de Josué / H. Rossier; São Paulo-SP: Depósito de Literatura Cristã, 2017. 128p. ; 14 x 21 cm.
ISBN: 978-85-9579-008-7
1. Comentário Bíblico. 2. Teologia. 3. Escatologia
CDD 230
1ª Edição - Novembro 2017
www.boasemente.com.br
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP BRASIL
depósito de literatura cristã

Estudos SOBRE O LIVRO DE JOSUÉ

ÍNDICE

CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 215
CAPÍTULO 319
CAPÍTULO 427
CAPÍTULO 535
CAPÍTULO 645
CAPÍTULO 751
CAPÍTULO 861
CAPÍTULO 973
CAPÍTULO 1079
CAPÍTULO 1185
CAPÍTULO 1291
CAPÍTULOS 13-1995
CAPÍTULO 14101
CAPÍTULOS 20-21111
CAPÍTULO 22115
CAPÍTULO 23121
CAPÍTULO 24125
ANOTAÇÕES129

Lembramos ao leitor ser conveniente acompanhar a leitura deste estudo com o texto correspondente na Bíblia. Recomendamos que estude sempre em espírito de oração, pois só com a ajuda do Espírito Santo será possível alcançar uma compreensão verdadeira do que está escrito na Palavra de Deus.

CAPÍTULO 1

O livro de Josué nos apresenta, em figura, o tema da Epístola aos Efésios. O povo de Israel havia chegado ao fim de suas peregrinações no deserto e chegou ao destino. Tratava-se agora, para os israelitas, de atravessar o Jordão sob a condução de um novo guia, e de tomar posse da terra da promessa, expulsando os inimigos que a habitavam. O mesmo se dá conosco. A nossa Canaã são os lugares celestiais (Efésios 1:3), onde entramos no poder do Espírito de Deus que nos une com um Cristo morto e ressuscitado e nos faz assentar juntamente com Ele na glória, gozando antecipadamente algo dessa glória que Ele adquiriu para Si, e onde quer introduzir-nos — e que nós compartilharemos com Ele em breve. Porém, enquanto esperamos por esse momento, temos de travar o combate da fé contra as hostes espirituais da maldade que se encontram nos lugares celestiais (Efésios 6:10-18), para nos apropriarmos, passo a passo, do terreno que Deus nos deu por herança. A diferença entre a figura e a realidade consiste em que Israel tinha o deserto atrás de si quando entrou em Canaã, ao passo que, para nós, o deserto e Canaã subsistem juntos. Entretanto, a benção é maior. Se o deserto nos ensina que ainda temos a necessidade de sermos humilhados e provados para conhecermos o que está em nossos corações (Deuteronômio 8:2), também é no deserto, em nossas fraquezas, que fazemos a deliciosa experiência que há recursos divinos no meio dessa terra árida e sem água: Deus abrindo a Sua mão para nos alimentar com maná, nos fazer beber da água da rocha, e nos fazer provar os recursos inesgotáveis da Sua graça, porque nada faltou ao Seu povo durante a peregrinação pelo deserto: “Nunca se envelheceu a tua roupa sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos” (Deuteronômio 8:4). Por outro lado, nós nos encontramos ao mesmo tempo, ainda que não no mesmo instante, nos verdes pastos e nas águas tranquilas de uma rica terra, da qual saboreamos as primícias dos seus frutos; podemos nos assentar em paz à mesa posta além do Jordão, e usufruir as iguarias dessa mesa, enquanto nos alimentamos do Cristo celestial, que está entronizado na glória à destra de Deus.

O Guia

No momento em que começa esta nova etapa da história de Israel, Josué é chamado para liderar o povo. Este homem notável aparece pela primeira vez em Êxodo 17, durante o combate contra Amaleque, e esta aparição nos dá a chave para a compreensão do seu caráter exemplar: enquanto Moisés — que nessa passagem é uma figura do poder divino, que está intimamente associado ao sacerdócio celestial e a justiça de Cristo — permanecia em cima na montanha durante o combate, havia embaixo, na planície, um homem associado ao povo que combatia sob sua liderança: Josué, um "homem em quem há o Espírito", como diz o SENHOR a Moisés (Números 27:18), e que combatia as batalhas do Eterno. Este Josué é Cristo, porém Cristo aqui na terra, habitando em nós ou entre nós, no poder do Espírito Santo. De agora em diante, Josué, igualmente fiel, seria o guia do povo para conduzi-lo à e em Canaã — tal como Moisés havia sido o guia no deserto e estivera unido a Israel de forma inseparável. Lemos acerca de Josué: "um homem... que saia diante deles, e que entre diante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar; para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor... põe sobre ele da tua glória, para que lhe obedeça toda a congregação dos filhos de Israel" (Números 27:16-17,20).

A Terra e seus Limites

Em Josué 1:2 é feita uma menção do Jordão, barreira que ainda separava o povo da terra prometida. Para entrarem em Canaã era preciso passar o rio sob a direção de Josué. A herança deles era única e somente um dom da graça de Deus: "Passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que *eu dou* aos filhos de Israel". Essa terra pertencia a eles, da parte do SENHOR, porém, para o povo, não se tratava de que a terra lhes pertencia, mas, antes de tudo, de realmente *tomar posse*, assim como lemos: "Todo o lugar que *pisar a planta do vosso pé*, vo-lo tenho dado" (v. 3). Ora, também nós, espiritualmente, temos todas essas coisas. A graça de Deus, e somente ela, nos deu o céu, porém nós não podemos entrar ali sem termos passado com Cristo, e pelo poder do Seu Espírito, pela morte e pela ressurreição. Somente ocupando-nos destas

coisas pessoalmente e com diligência é que nós tomamos posse de cada uma das nossas bênçãos, e somente assim experimentamos a sua realidade celestial. Numa palavra, o cristão deve apropriar-se dos seus bens celestiais pela fé; de outro modo, seria como um pobre rei doente vivendo no estrangeiro, que nunca tivesse viajado ao seu próprio reino e que nunca usufruiu dele.

No versículo 5, encontramos outro ponto importante, que caracteriza a terra: o inimigo encontra-se ali. Há obstáculos. Por toda a parte onde pusermos o pé, um adversário se levanta. Vemos aqui, claramente, que Canaã não é o céu, tal como o encontraremos após a morte física; mas sim, o céu onde ainda se encontra o inimigo; o céu como campo de batalha atual do cristão. Mas, quão preciosa é a promessa que o SENHOR dá a Seu servo: “Ninguém te poderá resistir, todos os dias da tua vida” (v. 5), isto é, até que Ele tenha estabelecido o povo na posse definitiva da terra! Que segurança havia, ao mesmo tempo, para o povo nessa promessa! Deus disse que eles apenas encontrariam o inimigo no caminho e este já se dispersaria diante deles.

Vitória! - o povo poderia ter exclamado. Satanás não pode permanecer diante de nós! “Diante de nós?”

Pobre Israel! Logo verás diante de Ai o que tu és em ti mesmo: nada mais que um joguete para o poder de Satanás; não tens nenhuma força para lhe resistir. Porém, o teu poder está em Cristo; pois a promessa: “Ninguém te poderá resistir” (v. 5), havia sido dada a Josué, enquanto o povo havia recebido a promessa: “Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado” (v. 3).

Notemos outro ponto: no versículo 4 Deus lhes dá uma descrição exata dos limites de Canaã. Quais são esses limites? Muito mais extensos do que o povo jamais alcançou e alcançará, a não ser quando a glória do reino milenar lhes der. E o mesmo se dá conosco. Os lugares celestiais são, de fato, conquistados por nós, por toda a parte onde nosso pé pisar; porém nós, alguma vez mediremos toda a extensão da nossa herança? “Porque, em parte, conhecemos” (1 Coríntios 13:9), porém, o dia se aproxima, onde o que é perfeito virá, e tudo o que é “em parte” será aniquilado. “Então conhecerei como também sou conhecido” (v. 12).

Os limites da terra eram um grande *deserto*, uma grande *montanha*, um grande *rio* e um grande *mar*. Isto era o que se encontrava fora dessa fértil terra, e sobre o qual o povo não podia e nem devia colocar o pé. Não encontramos prefigurado aqui o mundo e o que o caracteriza moralmente: a sua aridez espiritual, o seu poder, a sua prosperidade exterior, a sua constante agitação? Quanto à sua aridez, Israel a tinha atravessado, e fez a experiência de que não havia ali nenhum recurso para eles, e que somente o pão do céu podia alimentá-los através daquela sequidão. Tal é, amados leitores, o caráter das coisas que não são nossas. Para nós, nossa verdadeira parte é Canaã, o céu; Canaã com suas lutas, sem dúvida, mas também com as suas vitórias; Canaã com Josué e com "o anjo do SENHOR"; Canaã com as pacíficas bênçãos e os deleites das possessões ilimitadas, que se encontram unidas e concentradas com, e na Pessoa do Cristo ressuscitado e glorificado.

Qualidades Morais Necessárias para Entrar em Canaã

No versículo 6, encontramos a energia espiritual, a qual o apóstolo Pedro chama "*a virtude*" (2 Pedro 1:5). *A fé* os capacitava a pousar por toda a parte a planta dos seus pés; a esta fé devia ser acrescentada a virtude. Mas, note ainda que esta energia não se encontra em nós; para o povo de Israel ela estava em Josué, e *para nós está em Cristo*. "Esforça-te, e tem bom ânimo", é dito para Josué; "porque tu farás a este povo herdar a terra que jurei a seus pais lhes daria" (v. 6).

Sim, "bem-aventurado o homem cuja força *está em ti*... Vão indo de força em força" (Salmo 84:5,7). Este princípio é da maior importância. Quantos cristãos se esforçam diligentemente para encontrar a força *neles próprios*, para se sentirem fortes para o combate! Mas esses esforços levam — quando não suscitam um total desânimo — apenas à autossatisfação, o que não é melhor. A força não está ali; está em Cristo, porém em Cristo para nós.

E para que a força nos é concedida? É para nos engrandecer aos nossos próprios olhos ou para nos glorificar? Longe disso; é para nos introduzir, antes de tudo, no caminho da *obediência* (v. 7). São os pequeninos que aprendem a obedecer. E essa força torna-nos pequenos; faz do homem um grão de pó, a fim de que o poder

de Cristo seja manifestado e glorificado. Encontramos um belo exemplo desta verdade no capítulo 6 do livro de Juízes: “O anjo do SENHOR lhe apareceu, e lhe disse: O SENHOR é contigo, homem valoroso” (v. 12). Estas duas coisas estão intimamente ligadas: no SENHOR mesmo estava a força de Gideão. “Então o SENHOR olhou para ele, e disse: Vai nesta tua força” (v. 14). Mas, de repente, Gideão se conscientiza da sua própria nulidade e responde: “Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu o menor na casa de meu pai”, mas o SENHOR lhe disse: “Eu hei de ser contigo!” (vv. 15-16).

A obediência sempre se atém com precisão à Palavra de Deus. Deus dá força a Josué “para teres o cuidado”, diz Ele, “de fazer conforme a toda a lei que meu servo Moisés te ordenou” (v. 7). Mas, à energia espiritual que é necessária para obedecer a Deus, deve-se acrescentar algo mais. Por isso diz no versículo 8: “Não se aparte da tua boca o livro desta lei; antes medita nele dia e noite, *para que tenhas cuidado de fazer conforme a tudo quanto nele está escrito*”. Pois é necessário, além da energia espiritual, um *diligente cuidado* para se apropriar dos pensamentos de Deus. Deus exorta a Josué: “medita nele... para que tenhas cuidado de fazer”. É este o alvo que nos motiva quando estudamos a Palavra de Deus? Muitas vezes gostamos de lê-la para progredir no conhecimento — o conhecimento é bom; outras vezes, pesquisamos nela para instruirmos a outros — e o ensino é, certamente, algo excelente, no seu lugar. Mas, a questão sobremaneira importante para nós é: temos o costume de ler a Palavra de Deus *com a intenção* de observá-la diligentemente e de obedecê-la? Se assim fosse, como mudaria toda a vida dos cristãos! E acrescenta: “medita nele dia e noite”. Há cristãos que leem um capítulo (ou talvez um versículo apenas) todas as manhãs, como se tratasse de uma espécie de fórmula mágica que os devesse guardar durante todo o dia. Mas, isto é meditar sobre a Palavra de Deus dia e noite? Podemos objetar: “O que será das nossas ocupações?”. Mas eu pergunto: É a Palavra de Deus que, durante o teu trabalho cotidiano, te alimenta interiormente de Deus, para ser o gozo da tua alma e para te conduzir no caminho do Senhor? Eis que somente “então farás prosperar o teu caminho, e serás bem sucedido”.

No versículo 9 encontramos mais um princípio que é digno da nossa séria contemplação: “Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo”. Que poder nos concede a certeza dos pensamentos de Deus! Toda a indecisão na conduta, todo o medo, todo o temor perante o inimigo desaparecem! Satanás não tem poder sobre nós. Não nos mandou Deus? Estes são, pois, os princípios que devem governar o coração *se quiser usufruir das coisas celestiais e se quiser lutar os combates do Senhor*. É belo de ver isto colocado logo no princípio deste livro, antes mesmo de Israel ter dado um só passo no sentido de tomar em mãos as armas com as quais alcançariam a vitória.

Os que Entram em Canaã

Após nos ter apresentado o guia, a terra, e as qualidades morais que são necessárias para ali entrarmos, a Palavra de Deus fala-nos daquelas pessoas que são chamadas a tomar posse dela (vv. 10-18). É o povo, também os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés. Estes últimos não se recusam a entrar na terra, como, em outro tempo, havia feito a geração precedente, quando os espiões desanimaram o coração do povo. Pelo contrário, associam-se aos seus irmãos e apresentam-se na primeira fila para combater, mas não para tomarem posse da terra. O seu território estava aquém do Jordão. E o que os tinha levado a escolher foram as suas circunstâncias: eles tinham muito gado, “e eis que o lugar era lugar de gado” (Números 32:1), adaptando-se bem às suas circunstâncias. O mesmo se dá com um grande número de cristãos e, podemos bem dizer, que hoje são nove tribos e meia que escolhem estabelecer-se aquém do Jordão. Para a grande maioria dos crentes, as circunstâncias da vida, as necessidades de cada dia, a abundância ou a miséria, as cercas para os seus rebanhos, ou as cidades para as suas famílias (Números 32:16), constituem o ponto central da sua vida cristã. Ora, estes cristãos não têm, propriamente, falta de fé; pelo contrário, fazem a experiência de que o Senhor pode entrar em graça em todas as suas circunstâncias e adaptar-se a elas; sim, Aquele que faz isto é o mesmo que outrora desceu do céu para trazer a benção divina sobre a Terra. Eles não têm um cristianismo *mundano*, porém um cristianismo *terreal*. Do

primeiro, Israel foi um exemplo, quando se negou a subir a montanha dos amorreus, quando desprezou a boa terra e exclamou: “Não nos seria melhor voltarmos ao Egito? E diziam uns aos outros: Constituamos um líder, e voltemos ao Egito” (Números 14:3-4). Porém, seus corpos caíram no deserto. As duas tribos e meia, por sua vez, são uma figura daqueles que rebaixam o cristianismo meramente a uma vida de fé em meio às suas circunstâncias cotidianas, constituindo estas o seu objetivo final. “Eles tinham muito gado”. De início, Moisés fica indignado por causa da atitude deles, mas depois cede, notando que, embora a fé deles fosse muito fraca, nem por isso deixava de ser fé, e que essas afeições terreais não os separavam dos seus irmãos.

Amados leitores, esta inclinação para rebaixar o cristianismo espalha-se em nossos dias, de forma chamativa, como doutrina. Pretende-se possuir muita força, mas se conhece apenas um pouco mais do que um Cristo ao qual confiamos os grandes ou pequenos pormenores da vida diária. Conhece-se Cristo como Bom Pastor. Pode-se dizer: “A tua vara e o teu cajado me consolam” (Salmo 23:4); mas, mesmo sob esse caráter, quão pouco se usufrui da abundância das Suas bênçãos! Pois ainda que Ele nos conduza neste mundo, Ele não nos faz repousar aqui. Os “verdes pastos” e as “águas tranquilas” não são nem a erva, nem as cercas para os rebanhos, nem as cidades da terra de Gileade, mas antes, as fartas pastagens da terra da promessa.

É bom confiar no Senhor em todas as coisas, e que Deus nos guarde de enfraquecer de alguma maneira esta confiança dos santos; porém, que possamos desfrutar já neste mundo a felicidade de entrarmos, em espírito, ali onde se encontra o Cristo glorificado, de sermos atraídos para fora do mundo, de sermos arrancados deste cenário para sermos — como tais que morreram e ressuscitaram com Ele — introduzidos na Canaã celestial. Ali, já não é o “muito gado” que determina a conduta; não basta organizar a sua vida segundo aquilo que se possui, mais ou menos fielmente; mas, depois que deixamos para trás a nós mesmos e todas as coisas desta vida nas profundezas do rio da morte, trata-se de combater para tomar posse de todos os privilégios dos crentes em

Cristo e, por meio da fé, realizá-los, e deles usufruir pelo poder do Espírito de Deus.

Note bem que é necessário, quer queiram quer não, que todos passem o Jordão. Os nossos irmãos combatem conosco contra a incredulidade e o poder de Satanás, que manifesta o seu governo no mundo; porém a morte e a ressurreição são para eles apenas um *fato* (e isto o é para todos), porém nada mais: eles não o *realizam*. Isto, porém, deve acontecer, se de fato queremos tomar posse da terra.

CAPÍTULO 2

Raabe

Na segunda parte do capítulo anterior, vimos duas classes de pessoas chamadas a atravessarem o Jordão para entrarem na terra prometida, figura dos lugares celestiais: o povo e as duas tribos e meia cuja fé não estava à altura da sua vocação, mas que tomaram parte na batalha para assegurarem a Israel a posse da sua herança. Em Raabe, e na sua casa, vemos uma terceira classe de pessoas: os gentios, partilhando, pela fé, em comunhão com o antigo povo de Deus, das bênçãos prometidas. Raabe, a prostituta, era gentia; pertencia, pelo seu nascimento, a esse grande número do qual nos fala a Epístola aos Efésios: "Vós... gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão feita pela mão dos homens... estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo" (Efésios 2:11-12); e, além disso, Raabe era uma pessoa difamada até mesmo entre os próprios gentios.

Mas a Palavra de Deus também chegou a ela: "Porque temos ouvido" (v. 10), diz ela aos espiões. Era uma palavra que trazia a graça e a libertação para uns e o julgamento para outros. A fé nesta palavra se coloca imediatamente na sua consciência, sob o peso do julgamento: "O que ouvindo, desfaleceu o nosso coração" (v. 11). Tal como o seu povo, ela estava cheia de medo, mas, ao passo que o povo tinha perdido toda a coragem, este temor se tornou, para ela, o começo da sabedoria, porque era o *temor do SENHOR*. Este temor a faz olhar para Deus. E imediatamente recebe a *certeza*: "Bem sei" (v. 9), ela diz, que este Deus é um Deus de graça para o Seu povo. Portanto, ela se refugia naquele Deus que é o refúgio dos Seus.

A fé não é imaginação humana, que gosta de se entregar ao engano e que vê as coisas sob a luz que mais lhe agrada; também não é o espírito humano o qual constrói suas conclusões sobre possibilidades ou probabilidades; ela diz simplesmente: "Bem sei!", porque ouviu o que o SENHOR tinha feito.

Raabe olha para Deus. O juízo de Deus paira sobre ela, mas reconhece que Deus está com Seu povo e se interessa por ele;

então diz para consigo: “Para que Deus me seja favorável, é necessário que eu me una ao Seu povo”. Por isso, quando os espiões se apresentam, Raabe, pela fé, acolhe-os “em paz” (Hebreus 11:31); e, enquanto o mundo os procura por toda a parte, para se desembaraçarem das testemunhas de Deus, ela estima-os e os oculta, porque, para ela, eles são as ferramentas enviadas por Deus para escapar do juízo vindouro. Da conservação deles depende a sua própria salvação. Não crê apenas no Deus de Israel, mas, como alguém disse: “identifica-se com o Israel de Deus”. Sua fé também recebe uma resposta imediata. Para ter a certeza disso, ela não tem necessidade de primeiro esperar para ver Jericó cercada pelo exército do SENHOR. Isso não seria mais fé. A fé é a realização daquilo que se espera e uma convicção de coisas que não se veem. Note o quanto a resposta que Raabe recebe é perfeita, completa e digna de Deus. Ela tinha dito: “Jurai-me... de que livrareis as nossas vidas da morte” (vv. 12-13). Os espiões responderam: “A nossa vida responderá pela vossa até a morte” (v. 14). Assim, a sua fé encontra em outros (como nós encontramos em Cristo) *a garantia, por substituição*, de que a morte não a atingiria. Note ainda que são *testemunhas vivas* que se responsabilizavam, diante da mulher, de que a morte lhe seria por salvaguarda. E o mesmo se dá conosco: Cristo é a Testemunha viva, perante Deus, da perfeita eficácia do Seu sangue derramado na cruz para nossa redenção e do valor eterno da Sua morte sacrificial. “Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção” (Hebreus 9:12).

Mas ainda não é tudo: um cordão de fio de escarlata — símbolo insignificante da morte dAquele que pôde dizer: “Mas eu sou verme, e não homem” (Salmo 22:6) — lhe serve como penhor e salvaguarda. Como o sangue do cordeiro pascal, posto sobre a verga e ambas as ombreiras da porta impedia a entrada do anjo exterminador, assim o cordão de escarlata pendurado na janela de Raabe garantia tanto a segurança da sua família quanto a de todos aqueles que ali se encontrassem, nessa casa que “estava sobre o muro”, ainda que a própria muralha ruísse ao som das trombetas do SENHOR.

Amado leitor, que bela fé a de Raabe! Ela não espera, segundo a recomendação dos espiões, que o povo tenha entrado na terra (v. 18) para atar o cordão na sua janela; logo que eles partiram, ela se apressou a colocá-lo ali! Deste modo ela testemunha acerca do que creu. A sua fé não tarda; de agora em diante sua fé fala em tom bem alto! Da sua janela ela proclama Cristo e o valor da Sua obra que também pode salvar até a mais miserável das pecadoras. Enfim, Raabe não é somente um exemplo de fé, mas também um exemplo das obras da fé. “E de igual modo Raabe, a meretriz, não foi também justificada pelas obras, quando recolheu os emissários, e os despediu por outro caminho?” (Tiago 2:25). É impossível que a fé ande sem as obras. Há “obras mortas”; aquelas que não são o fruto da fé. E há uma fé morta; é aquela que não produz obras.

Mas as obras de Raabe somente podiam ser o fruto da fé. Oferecer o seu próprio filho em holocausto (como fez Abraão), ou trair a sua própria pátria (como fez Raabe), ou quebrar um vaso e derramar sobre o Senhor um nardo puro e muito valioso, todo seu bem (como fez Maria), são atos que o senso humano reprova, que o mundo censura e condena aqueles que o fazem; mas o que os torna tão preciosos para Deus é isto: que a fé é a sua motivação, uma fé que sacrifica tudo para Deus e que a tudo renuncia por amor do Seu povo.

Mas Raabe teve a sua recompensa: ela recebeu um lugar de honra entre aquelas mulheres que, entre o povo terrestre de Deus, formam a genealogia do Messias (cf. Mateus 1:5).

CAPÍTULO 3

O JORDÃO

Os dois primeiros capítulos formam a introdução que nos levam ao centro da narrativa. Para entrar em Canaã era preciso que Israel passasse o Jordão. O que representa, pois, o Jordão? Até aqui, a libertação do povo do Egito é caracterizada por dois grandes acontecimentos: a celebração Páscoa e a passagem do Mar Vermelho. Precisamos apreender o significado destes para compreendermos o sentido do terceiro grande acontecimento, ou seja, a travessia do Jordão.

Cada um destes três fatos é um símbolo da cruz de Cristo, mas a cruz é tão rica, tão variada e tão infinita de aspectos que são necessários todas essas figuras e muitas outras para que possamos compreender um pouco de sua profundidade e extensão. Na Páscoa encontramos o aspecto da cruz de Cristo que nos coloca ao abrigo do julgamento de Deus: "E eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todo o primogênito na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e em todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o SENHOR" (Êxodo 12:12). Ora, Israel também podia ser colocado em segurança diante do juízo somente pelo sangue do cordeiro pascal, que se interpôs entre um povo pecador e o Deus agindo em juízo, que precisava estar contra eles. Isso é *a propiciação*. O sangue, por assim dizer, detém o juízo de Deus, deixa-o de fora, colocando a família dentro e em segurança. Deus havia dito: "Vendo eu o sangue, passarei por cima de vós" (Êxodo 12:13). No entanto, não devemos esquecer que o *amor* de Deus deu ao povo de Israel o cordeiro do sacrifício, o qual estava em condições de enfrentar o Seu próprio *julgamento*. Desse modo, o Seu amor poupa o povo que, por si próprio, não podia escapar do juízo, assim como os egípcios. Mas a Páscoa apresenta-nos ainda outra verdade: o sangue que protegia o povo era o do cordeiro pascal, cuja carne devia ser inteiramente assada no fogo — figura de Cristo como Aquele que, tanto exteriormente e no mais profundo do Seu ser, Se sujeitou plenamente, por nós e em nosso lugar, ao justo juízo de Deus. Enquanto estavam sob o abrigo e proteção do sangue, os israelitas, e, sobretudo os crentes de entre eles,

encontravam para os seus corações um precioso alimento: alimentavam-se de Cristo em Sua morte, com uma profunda consciência da amargura do pecado (as ervas amargas), mas de um pecado completamente expiado.

No Mar Vermelho encontramos um segundo aspecto da cruz de Cristo: é *a redenção*: “Tu, com a tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste” (Êxodo 15:13). Ora, se Deus nos liberta e nos redime, então, evidentemente, Ele é *por nós* e não mais contra nós! Por isso também lemos: “O SENHOR pelejará por vós, e vós vos calareis” (Êxodo 14:14). A Páscoa reteve o próprio Deus como juiz, e colocou Israel em segurança; porém, no Mar Vermelho Deus intervém como Salvador em favor do Seu povo (Êxodo 15:2). E o povo não tem nada mais a fazer do que contemplar a sua própria libertação e salvação: “Não temais; estai quietos, e vede o livramento do SENHOR” (Êxodo 14:13). Na redenção, Deus combate, de certa forma, contra os inimigos que estavam contra nós — sendo nós totalmente impotentes para combatê-los. Quão terrivelmente séria era a situação do povo de Deus naquele momento! O inimigo queria recuperar a sua presa; perseguia Israel, de espada em punho, impelindo-o contra um mar intransponível! E o mesmo se dá com os pecadores. O poder de Satanás impele-os para a morte — e a morte é *o juízo de Deus*. “Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo” (Hebreus 9:27). A alma tem que tratar com o juízo, direta e pessoalmente; ela deve ser confrontada diretamente com a morte, a qual é a expressão do julgamento. Não há saída nem meio de escapar. O povo estava indefeso frente ao inimigo, não tinha nenhuma força contra o poder da morte. Nesta situação extrema é que Deus intervém. A vara da Sua autoridade judicial, na mão de Moisés, é estendida, porém não sobre Israel, mas sobre o mar, para a sua salvação! A morte torna-se um caminho para o povo, em vez de devorá-lo: eles podem atravessar o mar, figura da morte, em seco. Que momento solene, quando todo o povo atravessou sobre este novo caminho entre duas muralhas altas e molhadas, que um forte vento oriental havia levantado — através daquelas enormes massas de água, as quais, em vez de sepultá-los, estavam como eficaz

proteção, à direita e à esquerda! A *solenidade* do momento permanecera, mas o seu *horror* tinha passado para sempre!

Encontramos nesta cena uma figura da morte e do julgamento que Outro suportou por nós. Foi o Senhor que se colocou, voluntariamente, por nós, na brecha. “Porque tu me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas têm passado por cima de mim... As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou” (Jonas 2:3,5). Cristo suportou este horror da morte totalmente sozinho, e somente Ele o sentiu, plenamente, nas infinitas profundezas da Sua alma santa. Um poeta disse: “O Teu olhar infinito sonda o imenso abismo; e o Teu coração infinito, sob esse peso de um momento, levou a eternidade do nosso castigo”.

Sim, Seu povo atravessa o mar a seco. O juízo de Deus não encontra nada nele (e em nós), porque se derramou plenamente na morte, sobre a Pessoa de Cristo, na cruz. Eles passam sãos e salvos para o outro lado!

Nisto, nós encontramos uma figura, não só da morte, mas também da ressurreição de Cristo por nós. É isto o que o Mar Vermelho nos ensina. O exército do inimigo é destruído, e encontra o seu túmulo ali onde nós encontramos um caminho aberto. Todo o temor desapareceu, e nós podemos estar em paz na outra margem, no poder de uma vida de ressurreição que atravessou a morte.

É a fé que nos dá parte nesta bênção. “Pela fé passaram o Mar Vermelho, como por terra seca; o que intentando os egípcios, se afogaram” (Hebreus 11:29). Enquanto a fé o atravessa, o mundo que intenta enfrentar a morte e o julgamento em *sua própria força*, é tragado.

Após termos considerado o significado do Mar Vermelho como uma figura da morte e da ressurreição de Cristo por nós, perguntamo-nos agora qual é a extensão da libertação que é operada ali em favor do povo. Essa libertação é a *salvação* — uma palavra simples, mas que, para os nossos corações, tem um valor incomparável!

Na salvação, há um aspecto negativo e um positivo. O primeiro é a destruição do inimigo, de todo o seu poder e de todas as consequências desse poder. A graça, na Pessoa de Cristo, entrou

pela morte em nosso lugar. A graça nos trouxe a salvação (cf. Tito 2:11). Assim, o poder de Satanás, o mundo, o pecado, a morte, a ira e o juízo, são vencidos para a fé, aniquilados na cruz de Cristo. Mas esta bendita obra nos dá uma bênção positiva: “Tu, com a tua beneficência, guiaste a este povo, que salvaste; *com a tua força o levaste à habitação da tua santidade*” (Êxodo 15:13). “Vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a *mim*” (Êxodo 19:4). “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para *levar-nos a Deus*” (1 Pedro 3:18). “Porque por ele ambos temos *acesso ao Pai em um mesmo Espírito*” (Efésios 2:18). Oh, que bênção infinita! Não só o povo *escapou* do juízo e do inimigo, mas também *chegou* por um novo e vivo caminho, que o conduziu até ao destino, na presença do próprio Deus, do Deus que, para nós cristãos, é *o Pai*! “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai, que fossemos chamados filhos de Deus” (1 João 3:1). Cantemos com Israel o cântico da salvação, contudo em um coro mais elevado! Não há mais separação, não há mais distância, o alvo é atingido; e o alvo é o próprio Deus, Aquele que, pelo Espírito, nós chamamos “Abba, Pai”[1]!

Em toda esta obra, qual era a parte ativa de Israel, e qual é a nossa? Nenhuma, absolutamente nenhuma! A salvação nos é dada pela livre graça de nosso Deus, que não exige nada, que não reivindica os Seus direitos sobre nós, mas que encontra a Sua satisfação em ser um Doador soberano, um Doador eterno.

Voltemos agora ao Jordão. A expiação havia acontecido na Páscoa. No Mar Vermelho, a redenção fora realizada e a salvação consumada; agora se trata de outra coisa. O povo tinha que se encontrar num certo estado para poder entrar na posse da terra de Canaã.

Entre o Mar Vermelho e o Jordão, Israel tinha atravessado o deserto. Esta viagem abrange duas partes distintas: na primeira parte, do Mar Vermelho até o Monte Sinai, era a graça que conduzia o povo, essa mesma graça que o havia resgatado do Egito; e eles também puderam experimentar, em meio às suas fraquezas, quais recursos há em Cristo. Na segunda parte, depois do Sinai, Israel encontra-se sob o regime da lei. Naquele tempo ele foi provado para tornar-se conhecido o que havia no seu coração (cf. Deuteronômio

8:2). E a prova demonstrou que ele era carnal; vendido ao pecado; que não tinha nenhuma força; que a sua vontade era inimizade contra Deus; que se negava a obedecer a Deus, e, finalmente, se rebelou decididamente contra Ele quando se tratava de ocupar as montanhas dos amorreus e de entrar na posse da terra da promessa. O *estado* de Israel era um obstáculo absoluto, que lhe fechava as portas de Canaã. Quando chega ao fim das suas experiências na carne, eis o Jordão, um rio cujas águas transbordavam às suas margens, impedindo qualquer avanço do povo. O Mar Vermelho o impedia de sair do Egito; e agora, o Jordão o impedia de entrar em Canaã. Qualquer tentativa arbitrária de atravessá-lo teria sido o fim do povo; eles teriam sido devorados. Assim, encontramos ali uma nova figura da morte: *o fim do homem na carne*, e, ao mesmo tempo, *o fim do poder de Satanás*. Como poderíamos resistir-lhe, nós, que não temos nenhuma força? A morte nos separa para sempre do gozo das promessas: “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7:24). Mas a graça de Deus fez providência para isso. A arca conduziria o povo; não lhe faria apenas *conhecer* o caminho por onde devia seguir, porque nunca tinha passado antes por aquele caminho (v. 4); mas a arca também *identificaria plenamente o povo consigo* mesma na travessia. Os sacerdotes, representantes do povo, deviam levar a arca e passar adiante de Israel (v. 6). Era a arca da aliança do SENHOR de toda a terra que devia passar diante deles (v. 11), através do Jordão, mas *não sem eles*. A arca firmava a sua preeminência: “Haja, contudo, entre vós e ela, uma distância de dois mil côvados”[2] (v. 4); porém, os olhos do povo, *fixos na arca* (v. 3), viam, ao mesmo tempo, os sacerdotes da tribo de Levi que a levavam. Logo que as plantas dos pés dos sacerdotes tocaram as águas do Jordão, estas águas foram cortadas e o seu curso interrompido. Um poder supremo se encontrava ali, que triunfava sobre o poder da morte, e unia a Israel consigo na vitória.

Amados leitores, se foi assim para Israel, quanto mais isso tem que ser verdade com relação a nós! Tudo aquilo que éramos na carne encontrou seu fim na cruz de Cristo. Agora podemos dizer: “Eu estou morto para o pecado, morto para a lei; estou crucificado com Cristo. Os meus olhos — que estão fixos sobre a arca da

aliança, sobre Cristo — veem Ele, no meio do rio da morte, levando ao sepulcro a minha personalidade como filho de Adão; porém, ao mesmo tempo, meus olhos veem nEle um poder vitorioso que se tornou meu, que me introduz na vida de ressurreição de Cristo, além da morte, em pleno gozo das coisas que essa vida possui". "E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas 2:20). Sem dúvida, a morte ainda não foi totalmente *tragada*. "E aconteceu que, como os sacerdotes, que levavam a arca da aliança do SENHOR, subiram do meio do Jordão... as águas do Jordão se tornaram ao seu lugar, e corriam, como antes, sobre todas as suas ribanceiras" (Josué 4:18). Porém, quando o "que é mortal se revestir da imortalidade, então *cumprir-se-á a palavra* que está escrita: Tragada foi a morte na vitória" (1 Coríntios 15:54). Então, a posição de Cristo, que é elevada acima de tudo que poderia reter-nos, também será nossa em relação aos *nossos corpos*. Contudo, já antes do cumprimento destas coisas, podemos dizer: "Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Coríntios 15:57).

Encontramos, pois, no Jordão, de uma maneira especial, a figura da morte para aquilo que *nós somos* no nosso antigo estado, e o começo de um novo estado, no poder da vida com Cristo, com O qual somos ressuscitados. Esta morte e esta ressurreição nos introduzem, de fato, em todas as bênçãos celestiais. O que acabamos de dizer explica a razão por que não encontramos aqui os inimigos, como no Mar Vermelho. No Jordão, os israelitas não são perseguidos por Faraó, nem pelo seu exército; mas terão que combater um inimigo que está *diante deles*, e que se levanta contra eles somente depois da travessia do Jordão. Agora começará uma série de novas experiências. As experiências no deserto do Sinai eram aquelas do velho homem, do pecado na carne; depois vem, figuradamente no Jordão, o conhecimento, adquirido pela fé, que fomos tirados da nossa união com Adão e que somos introduzidos em uma nova união com o Cristo morto e ressuscitado. Em Canaã, finalmente, encontramos as experiências do novo homem, não sem fraquezas, nem sem tropeços — se não formos vigilantes — porém associados a um poder que em todo tempo está à nossa disposição, com o qual podemos lutar vitoriosamente as batalhas e resistir firmes aos astutos ataques do inimigo.

1 Abba (aramaico), Ab (hebraico) significa pai. Porém, no tempo de nosso Salvador, era expressado de acordo com o idioma comum da época, o aramaico (Abba). Aparece três vezes no Novo Testamento, sempre seguido de “Pai” (Marcos 14:36; Romanos 8:15 e Gálatas 4:6). A palavra Abba é reproduzida conforme o texto original e não traduzida, pois ficaria: “Pai, Pai”. “Abba” provém do aramaico e “Pai” do grego. Fonte: Bibelkommentare.de

2 Medida antiga, equivale a 66 centímetros. Portanto, a distância seria de mil trezentos e vinte metros, pouco mais ou menos. (N.T.).

CAPÍTULO 4

As Doze Pedras de Gilgal

Vimos, no capítulo anterior, que a fé em Cristo nos faz compreender (muitas vezes, após uma experiência tão longa como os quarenta anos no deserto para Israel) a libertação do nosso antigo estado e a introdução num novo estado em Cristo. A alma, após ter sido trabalhada por longo tempo, aprende, finalmente — e é Deus que o revela à fé — que aquilo que ela se esforçou em vão para alcançar, já é um fato consumado em Cristo pela fé, e não *resta mais nada para ela fazer*.

Durante muito tempo, me admirei da extraordinária brevidade e simplicidade da exclamação, a qual surge pela descoberta desse importante fato em Romanos 7, ao passo que foi necessário todo o capítulo para relatar as experiências da alma antes da sua libertação. Além disso, imediatamente após a erupção do desespero por causa da posição da qual parecia não haver nenhuma salvação e nenhuma escapatória, segue esta exclamação de gratidão e alegria: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor”! (v. 25). Hoje, a razão de tal fato me parece muito simples: quando a alma faz esta descoberta, após aflição e luta, aprende que Deus *já tinha operado*, em Cristo e por meio dEle, a libertação que ela se esforçou em vão para alcançar. Já não é algo para ser realizado; é um fato consumado que a alma descobre e que deve se apropriar pela fé, algo que estava preparado para ela há muito tempo. Então, na calma e na paz que enchem a sua alma, o crente pode dizer: “De agora em diante estou morto, porque estou com Cristo; morto com Cristo; morto para o pecado, para a lei, para o mundo; e vivo, não eu, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:19-20; Romanos 6:10; Colossenses 2:20; Gálatas 6:14).

Trata-se, porém, de uma verdade que não é do domínio da inteligência, que a razão não explica, que não é retida pela memória. Quantas vezes as almas se esforçam para apoderar-se, por assim dizer, da libertação por tais meios! Que sucede? Quando, após muito esforço espiritual, julgam ter obtido clareza quanto ao alcance da libertação, basta uma noite para dissipar tudo aquilo que

elas julgavam possuir! Tal como sucede com folhas mortas que podem ser varridas por uma rajada de vento numa madrugada.

Não podemos alcançar a libertação com um salto. A encontramos somente em decorrência da nossa experiência na carne; e, sem esta experiência, a libertação não é conhecida — assim como não havia Jordão para Israel antes de ter atravessado o deserto. A libertação também não é uma *experiência*, antes, é um *estado* adquirido pela fé. Nesse ponto, a libertação tem a ver com a experiência: que eu me veja em Cristo, em lugar de apreender, como na redenção, uma obra realizada fora de mim.

Tal é o significado do Jordão para nós. Porém Deus quer que tenhamos sempre o memorial desta vitória diante do nosso olhar. Por isso, Josué ordena aos representantes das doze tribos que tomem doze pedras do meio do Jordão, do lugar onde os sacerdotes estiveram parados. Essas pedras deviam constituir um sinal entre os filhos de Israel. Elas deviam ser colocadas no lugar onde o povo passasse a sua primeira noite na terra de Canaã. E esse lugar foi Gilgal. Porém, o que significavam aquelas pedras? Representavam as doze tribos, o povo arrancado da morte, salvo pela arca da aliança, que havia se posicionado no meio daquilo do qual o povo precisava ser salvo, e que tinha dividido as águas do Jordão para que Israel o atravessasse em seco. As pedras constituíam um memorial logo na entrada da terra, em Gilgal, para onde (como veremos mais tarde) o povo deveria sempre retornar; elas foram levantadas para um testemunho que, a partir daí, devia permanecer diante de seus olhos e de seus filhos.

Amados leitores cristãos, tal como outrora Israel, nós somos agora os troféus da vitória alcançada sobre as águas impetuosas da morte. Cristo entrou na morte, *porque nós estávamos dentro dela*. “Se um morreu por todos, logo todos morreram” (2 Coríntios 5:14). Porém Cristo morreu para que nós pudéssemos ser tirados da morte e, em Sua ressurreição sermos trazidos para uma nova vida. Quando estávamos “ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo... e nos ressuscitou juntamente com Ele” (Efésios 2:5-6).

Vemos, porém, do outro lado do Jordão, o *monumento* dessa obra memorável, levantado para sempre, para que servisse de

alimento e fortalecimento à fé de Israel; um memorial que o povo deveria encontrar sempre, na entrada de Canaã.

Para nós, cristãos, Cristo é o Objeto da nossa fé, O primogênito de entre os mortos, ressuscitado e que entrou nos lugares celestiais; porém um Cristo que nos representa ali *e que nos identifica com Ele*, assim como Ele Se identificou conosco na morte.

Portanto, Deus quer que Cristo, assim apresentado perante o nosso olhar, produza em nós um efeito moral correspondente; que a nossa consciência seja, continuamente, mantida vigilante e ativa por meio da contemplação da Sua pessoa. “Assim estas pedras serão para sempre por memorial aos filhos de Israel” (v. 7). Para nós, também é este o caso: a lembrança acompanhada de um processo interior. O crente ressuscitado com Cristo leva sobre si o caráter indelével da Sua morte. E se tal é o meu lugar em Cristo, poderia ainda viver nas coisas que deixei para trás, que Cristo abandonou no fundo do Jordão? “Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus”. Este é o memorial, porém, depois continua: “Assim também vós considerai-vos certamente mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 6:10-11). Eis, pois, o efeito moral.

As doze pedras em Gilgal representam, então, não só a nossa morte e a nossa ressurreição com Cristo (o Jordão significa isso), mas também o memorial dessa morte e dessa ressurreição, a qual nós temos em Cristo ressuscitado e entronizado na glória. Esse monumento nos recorda o que devemos ser de agora em diante. No Jordão, Deus nos declara mortos, e esta é a porção de todos: todo o verdadeiro cristão está morto e ressuscitado com Cristo. Em Gilgal, encontramos a realização moral deste fato. Todos os israelitas tinham passado o Jordão, mas muitos de entre eles eram, talvez, bastante indiferentes para não compreenderem o significado do monumento em Gilgal, dessas pedras que diziam ao povo: “*Considerai-vos* como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus”.

As Doze Pedras no Meio do Jordão

Se as doze pedras em Gilgal falavam à *consciência* de Israel, outro monumento, elevado no meio do Jordão, falava solenemente ao seu *coração*. Quem poderia ver essas pedras assim que as águas transbordantes do Jordão continuassem seu curso? Elas só poderiam ser vistas pela fé. Não eram o símbolo de uma vida de ressurreição, que tinha atravessado a morte e cujos sinais e caráter levavam; elas eram, *essencialmente*, o monumento da morte. As pedras em Gilgal são um monumento da introdução, efetuada por Cristo, nos nossos privilégios — privilégios em que só entramos após termos passado pela morte com Ele. Porém, quando penso nas pedras no fundo do Jordão, o meu coração está em comunhão com Ele na Sua morte. Volto a assentar-me, por assim dizer, à margem do rio da morte e digo: "Eis o meu lugar; era ali que eu estava; foi ali que Ele entrou por mim. Ele me libertou do meu velho homem; deixou-o com a Sua vida no fundo do Jordão. Águas profundas me sepultaram, mas na Pessoa de Cristo. Meu coração pergunta comovido: O que Te impulsionava, ó amado Senhor e Salvador, a tomar esse lugar? Só Tu tinhas o direito de nunca o ocupar; somente Tu tinhas o direito e o poder de deixar a Tua vida e tornar a tomá-la! Mas o Teu amor por mim Te fez entrar na morte. Nenhum outro motivo, a não ser a glorificação de Deus, a quem eu tinha desonrado, Te podia fazer descer ali, às profundezas da morte. Tu não só detiveste vitoriosamente as águas do Jordão por mim, quando travaste sozinho o combate, 'até que se cumpriu tudo quanto o SENHOR mandara' (v. 10), e que todo o Teu povo tivesse passado; mas essas mesmas águas *passaram sobre Ti*! Eu vejo nesse monumento o que a morte foi para a Tua alma santa; ali encontro a recordação do terrível amargor desse cálice que Tu bebeste. As doze pedras 'ali estão até ao dia de hoje' (v. 9). O memorial fica, a cruz permanece, para um eterno testemunho daquele amor que aprendi a conhecer ali, mas também para um testemunho do juízo, por meio do qual somente Deus podia tirar meu velho homem e tudo aquilo que era dele".

Em relação com estas coisas, note ainda as palavras que lemos no versículo 18: "E aconteceu que, como os sacerdotes, que levavam a arca da aliança do SENHOR, subiram do meio do Jordão, e as plantas dos pés dos sacerdotes se puseram em seco, as águas

do Jordão se tornaram ao seu lugar, e corriam, como antes, sobre todas as suas ribanceiras". A sentença judicial é executada; o velho homem julgado; o juízo passou; a morte é vencida — mas *a morte permanece*. Aquilo que constituía outrora um obstáculo para poder entrar na terra — obstáculo esse que foi removido pela arca da aliança que nos abriu o caminho — tornou-se agora, após a nossa passagem, em uma barreira, que nos separa não só do longínquo Egito e do deserto do Sinai, mas também de nós mesmos. Queridos leitores, nos satisfazemos de ter acabado com o velho homem e com nós mesmos? Se não for assim, não haverá para nós usufruto duradouro na terra de Canaã.

As duas tribos e meia (vv. 12-13) passaram o Jordão com os seus irmãos, armados para combaterem, porém, duas coisas permaneceram desconhecidas para eles: *o valor da terra de Canaã e o valor da morte*. O rio não os deteve quando voltaram para reencontrarem as suas mulheres, os seus filhos e os seus rebanhos, que os esperavam na outra margem. A terra "aquém" tinha uma atração especial para eles; ao passo que o povo do outro lado, gozava em paz das bênçãos de Canaã, via com alegria, no Jordão, a barreira que o separava de tudo o que, de agora em diante, não tinha qualquer valor aos seus olhos.

"Naquele dia o SENHOR engrandeceu a Josué diante dos olhos de todo o Israel; e temeram-no, como haviam temido a Moisés, todos os dias da sua vida" (v. 14). O mesmo se deu com Cristo. A glória do Pai O elevou, sobremaneira, como Salvador *perante os nossos olhos*, em virtude da Sua obra realizada. O resultado desta obra é a introdução dos santos com Ele no usufruto presente e na posse futura da glória. Este é o Seu direito à glória e a Sua honra para sempre! Mas o Senhor possuirá ainda outras coroas, e chegará para Ele o dia — dia do qual Salomão, em figura, se alegrou, como lemos: "Assim Salomão se assentou no trono do SENHOR, como rei, em lugar de Davi seu pai, e prosperou; e todo o Israel lhe obedecia. E todos os príncipes, e os grandes, e até todos os filhos do rei Davi, se submeteram ao rei Salomão. E o SENHOR magnificou a Salomão grandissimamente, perante os olhos de todo o Israel; e deu-lhe majestade real, qual antes dele não teve nenhum rei em Israel" (1 Crônicas 29:23-25). Cristo reinará; o *Seu povo Israel* Lhe será

submisso, e também aqueles que Ele não se envergonha de chamá-los de “Seus irmãos” dobrarão seus joelhos diante dEle, felizes e confessando em alta voz, cheios de alegria na glória da Sua presença, que Ele é o Senhor — como O confessaram neste mundo durante os dias da Sua rejeição e da Sua ausência.

Outra glória futura de Cristo encontramos, em figura, em 2 Crônicas 32:23. Depois que Israel, sob o reinado de Ezequias, foi libertado por meio do juízo de Deus sobre as nações (na pessoa do assírio), nos é dito: “E muitos traziam a Jerusalém presentes ao SENHOR, e coisas preciosíssimas a Ezequias, rei de Judá, de modo que depois disto foi exaltado *perante os olhos de todas as nações*”. Assim, as nações serão igualmente submissas ao Senhor.

Enfim, lemos em Filipenses 2:9-11: “Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”. O céu, a terra e o inferno se curvarão perante Aquele que Se humilhou até à morte de cruz.

CAPÍTULO 5

A Circuncisão

Vimos no primeiro capítulo os princípios morais necessários para tomar posse de Canaã. No capítulo 2, vimos que, quando se trata dos lugares celestiais, Deus ultrapassa os limites de Israel, e que nós entramos ali sob o princípio da fé. Os capítulos 3 e 4 nos apresentam *o segredo para entrar na terra*. No capítulo 5, aprendemos um novo segredo: o *da vitória*. Neste capítulo também encontramos, imediatamente, os inimigos (v. 1). Todos os reis dos cananeus e dos amorreus desfilam, por assim dizer, sob o nosso olhar; mas o poder que eles receberam de Satanás já foi quebrado no Jordão, isto é, na morte, na pessoa do seu príncipe. Todavia, eles ainda são demasiado fortes para o pobre povo de Israel, mas Deus está prestes a colocá-lo em condição de alcançar a vitória sobre os seus inimigos. Como vai ser isso? Ele despoja o Seu povo de todas as armas e recursos que este porventura encontrasse em si mesmo. A carne não pode entrar no combate. Portanto, Deus *a julga* e a *coloca de lado*. Este é o significado da circuncisão. A circuncisão é o "despojo do corpo dos pecados da carne" em Cristo (Colossenses 2:11). Este é um fato consumado para todo o crente, assim como o Jordão o é; independente se seu significado, é uma realidade para nós ou não.

O ensino de Colossenses 2:9-15 acerca deste ponto, é muito claro e de grande beleza: "Porque nele", diz o apóstolo, "habita corporalmente toda a plenitude da divindade". Tudo está em Cristo; nada *Lhe* falta! No versículo 10 somos *nós* que temos tudo nEle; e nada nos falta! "Estais perfeitos nele". É, portanto, inútil procurar algo fora de Cristo para *acrescentá-lo a nós*.

Segue-se então, a circuncisão: "No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, pela circuncisão de Cristo" (v. 11). O apóstolo não diz apenas que não há *nada a acrescentar*, mas também *nada mais a ser cortado* àqueles que estão nEle. O corpo da carne está julgado, e foi despojado de nós. Este é um fato consumado; é a circuncisão de Cristo.

No versículo 12 encontramos que o fim do velho homem, que para nós tem lugar na morte de Cristo, se torna algo individual no cristão: "*Sepultados com ele* no batismo, nele também *ressuscitastes pela fé* no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos". Esta passagem abrange o tema em toda a sua extensão, e corresponde às duas grandes verdades representadas pelo Jordão. Estas duas verdades são a morte e a ressurreição do crente com Cristo. Somos *aperfeiçoados* diante de Deus em Cristo, *e perfeitamente libertados daquilo que somos em nós mesmos*[1].

A Epístola aos Filipenses (cp. 3:3) mostra o contraste entre a circuncisão feita pela mão do homem e a verdadeira circuncisão, a de Cristo. O apóstolo diz: "Porque a circuncisão somos nós, que servimos [ou adoramos] a Deus em Espírito". A circuncisão carnal, sob a lei, nunca tinha feito isso. Era preciso ter acabado totalmente com a carne, estar liberta dela, para prestar culto em Espírito a Deus. E depois, Paulo continua: "E nos gloriamos em Jesus Cristo". A carne, mesmo religiosa, se gloria somente em si própria[2].

Finalmente o apóstolo conclui, dizendo: "E não confiamos na carne". Eis o que é a verdadeira circuncisão: a realização do pleno despojo, pelo juízo na cruz de Cristo, de tudo aquilo que a Palavra de Deus chama "a carne", de sorte que, doravante, é impossível termos qualquer confiança nela. Certamente, é da maior importância conhecer essa verdade. Quando se trata do combate, como para o povo de Israel, é preciso que a sentença e o estigma da morte da carne estejam sobre nós. Amados leitores, precisamos compreender que aqui não se trata de *tentar* acabar conosco mesmos, nem de *nos esforçar* em despojar-nos do corpo da carne; trata-se de um despojo que foi cumprido na cruz, de uma condenação do "pecado na carne", a qual aconteceu de uma vez por todas, um fato que a fé apreende e que, por meio disso, se torna uma realidade prática: a consciência experimenta essa condenação e a recebe em si. Era preciso que a brasa ardente *tocasse* os lábios do profeta Isaías, embora o fogo judicial do altar tivesse exercido e esgotado todo o seu poder, até o extremo, no sacrifício, para o profeta somente restou sua força purificadora; passada a dor, ainda assim Isaías teve que entrar em contato direto com o fogo — uma figura da experiência que nossa consciência faz do julgamento divino.

GILGAL

"Disse mais o SENHOR a Josué: Hoje retirei de sobre vós o opróbrio do Egito" (v. 9). No mar Vermelho, os israelitas haviam sido libertados da escravidão de Satanás e do pecado; aqui, pela primeira vez, haviam acabado, pelo julgamento, com a *escravidão da carne*. Mas o Espírito de Deus acrescenta: "por isso o nome daquele lugar se chamou *Gilgal, até ao dia de hoje*". Nestas palavras nos é apresentado uma segunda grande verdade. Eu disse que a circuncisão, o julgamento, a supressão da carne, é um fato consumado em Cristo; mas, além disso, ela também se apresenta sob um aspecto essencialmente *prático*. A circuncisão não pode ser considerada exclusivamente como uma *doutrina. O lugar da circuncisão era Gilgal*. Se este lugar constituía o ponto de partida do exército do SENHOR antes de ter alcançado qualquer vitória, assim também ele se tornou o ponto de encontro após uma vitória (cf. Josué 10:15), e, daqui também, o povo sempre tinha que sair para novas vitórias. A sentença e o julgamento da carne eram perpétuos. O povo devia aplicá-lo a si sem cessar, porque senão, a carne trabalharia imediatamente para recuperar o que tinha perdido, e a primeira vitória nunca seria seguida de uma segunda. Em mais de uma ocasião, encontraremos Gilgal no decorrer deste livro. Por agora, nos basta reter que, se a circuncisão significa o despojo do "corpo da carne", Gilgal corresponde à mortificação dos nossos *membros* que estão sobre a Terra. É o que nos ensina Colossenses 3:5-8, em contraste com o capítulo 2:11.

Amados leitores, isto é uma verdade e uma realidade para a vida diária. Cada nova vitória nos abre novos horizontes na terra da promessa. Sem luta é totalmente impossível tomarmos posse de uma das nossas bênçãos, mas sem Gilgal não há nenhuma vitória! O que nos é mais precioso: Canaã com os seus combates ou os nossos "membros sobre a terra"? Preferiremos a satisfação passageira das cobiças da carne à penosa tarefa de voltar a Gilgal? Em tal caso, a humilhação e o castigo nos ensinarão a encontrar novamente o reto caminho, a não ser que tivermos perdido para sempre o segredo da nossa força nas amarguras, nos sofrimentos e na ruína irremediável da derrota!

O Alimento de Canaã

O despojo da carne pelo julgamento operado na cruz, e a realização desse julgamento na vida prática são as primeiras condições indispensáveis para a batalha. Nem o capacete de Saul, nem a sua couraça, nem a sua espada podiam ser úteis a Davi quando ele se dirigiu para o combate contra o filisteu. Era preciso que ele os tirasse “de sobre si” (1 Samuel 17:39). Porém há outro recurso: antes de se levantar para combater, Israel deveria assentar-se à mesa de Deus. É preciso *ser alimentado* para poder resistir às fadigas da guerra. A força positiva está ali. Mas com que somos alimentados? De Cristo! Ele é a fonte da força viva. Se o povo não tem alimento, não pode marchar para a vitória. Quão abençoado é ir para a batalha com o coração alimentado de Cristo! Se enfrentarmos o inimigo com o coração vazio de Cristo, podemos ter a derrota como certa. No primeiro caso, como veremos no capítulo seguinte, a batalha não tem nada de assustador. Que Deus nos conceda, a cada um de nós, a graça de podermos fazer esta experiência. Não esperemos até amanhã. Poderemos ser chamados a combater ainda hoje. Alimentemo-nos de Cristo hoje, amanhã, a cada instante, para estarmos prontos, ao primeiro sinal, a nos levantar e marchar para a vitória.

Sim, amados leitores, o nosso alimento é uma *Pessoa*, é Cristo! Não são nem verdades nem privilégios; é Ele mesmo! Ele nos é apresentado aqui como nosso alimento, sob três aspectos diferentes: a Páscoa, o grão da terra e o maná.

Esta *Páscoa* de Canaã é a mesma festa que o povo tinha celebrado no Egito, e, no entanto, como elas diferiam uma da outra! Ali, a Páscoa foi celebrada por um povo que ainda estava sob a consciência da sua culpabilidade, impelido à fuga, protegido pelo sangue do cordeiro pascal no meio das trevas e do julgamento; aqui, é um povo que chegou ao seu destino, que entrou em Canaã liberto dos últimos traços do opróbrio do Egito, um povo ressuscitado, que tem a morte atrás de si, e que agora, porém, se reúne em plena paz em torno da ceia memorial de Cristo que morreu por nós na cruz. A Páscoa em Canaã corresponde àquilo que a Ceia do Senhor representa para os cristãos; e, note bem, ela

é um alimento *permanente*. Nossa ceia não cessará na glória; apenas não será mais a recordação da morte do Senhor celebrada na Sua ausência. Já não teremos necessidade de símbolos materiais para nos recordarmos dEle; nós veremos o próprio Cordeiro no meio do trono, "*como havendo sido morto*" (Apocalipse 5:6). Ele, o centro visível da nova criação, a qual tem a sua base na cruz de Cristo, ponto de apoio e partida das bênçãos eternas, o objeto do louvor que milhares de milhares contemplarão e exaltarão em comum e eterna adoração!

Mas há outra iguaria na refeição celeste, por assim dizer. "E, ao outro dia depois da Páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do fruto da terra, pães ázimos e espigas tostadas" (v. 11). Deus lhes dava um alimento que eles não tinham conhecido no Egito: o velho grão, fruto da terra de Canaã — um *Cristo celestial* na glória lá encima, mas também o *Homem Jesus Cristo*, que havia atravessado este mundo contaminado pelo pecado numa humanidade sem mancha; o antítipo do pão sem fermento que, nesta mesma humanidade, havia passado pelo fogo do julgamento como o grão tostado, e que agora, como O ressuscitado, entrou na glória para Se assentar como Homem à direita de Deus. Este Homem, Cristo Jesus, está lá por nós. Não é apenas nosso Intercessor perante o Pai, mas também, na Sua Pessoa, Ele introduziu o homem na glória. Assim, o lugar para o homem está preparado no terceiro céu. Em Cristo, o homem foi introduzido no pleno gozo das bem-aventuranças celestiais.

Considero este Homem e digo: "Eis o meu lugar! Sou um homem em Cristo, possuindo a mesma vida que Ele, a vida eterna, a vida do Homem ressuscitado de entre os mortos. Estou unido a Ele, assentado nEle nos lugares celestiais, gozando desta infinita bênção pelo Santo Espírito, que também é a minha força para entrar ali. Adorável Salvador! Por mim, Tu desceste; por mim, estiveste sobre a cruz; por mim, ressuscitaste, entraste na glória e ali me introduziste na Tua Pessoa, ainda antes que eu seja conformado à Tua imagem, e para sempre e eternamente estarei contigo ali". Quão gloriosa alegria é poder contemplar um Cristo assim! Que força isso concede aos crentes! "Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo

Espírito do Senhor” (2 Coríntios 3:18). Este é o resultado quando a alma se alimenta do grão da terra. A alma forma-se nesse alimento de acordo com o Cristo celestial, então será capacitada para produzir os traços deste bendito Objeto. Tal é a nossa parte abençoada, tal foi a parte de Estêvão, o fiel mártir. Nós vemos nessa fiel testemunha um homem sobre a terra, *cheio do Espírito Santo*, como fruto da perfeita obra de Cristo; um crente no seu caráter *normal, assim como ele deveria ser*, e isto em meio às circunstâncias que eram propícias para tirá-lo desta posição; um crente, por fim, que correspondia plenamente ao objetivo para o qual Deus o colocara neste mundo. O Espírito Santo nele, operando sem entraves, liga-o intimamente com um Objeto no céu, para transformá-lo segundo esse Exemplo; pois seu coração não tinha nenhum objeto sobre a terra, e, portanto, o Espírito Santo não precisava combater nele para elevá-lo à altura do Cristo celestial. Os traços do *Homem glorioso* no céu tornam-se nele os do *Homem perfeito* sobre a terra. Estêvão exclamou: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito... Senhor, não lhes imputes este pecado” (Atos 7:59-60). Eis um exemplo que nos mostra bem o que significa ser “transformados de glória em glória na mesma imagem” (2 Coríntios 3:18). Não se trata de uma coisa mística nem de um vago produto da imaginação humana; trata-se antes de reproduzir — em nossa vida diária, em nossos atos, em nossas palavras, pelo amor, pela intercessão, pela paciência, pela dependência de Deus — os traços do Cristo glorificado que nós contemplamos. Amados leitores cristãos, é assim conosco nos dias atuais? Os nossos corações são alimentados de Cristo de tal forma que as pessoas ao nosso redor podem notá-Lo na nossa vida? Aqueles que nos rodeiam podem ver em nossos rostos, como outrora em Estêvão ou em Moisés, os raios da glória de Cristo? Não compete a *nós* sabê-lo. Não é da *nossa* incumbência saber se os nossos rostos brilham. Se assim fosse, já teríamos perdido de vista o objeto celestial para lançarmos os nossos olhares sobre nós mesmos. Moisés era o único no acampamento de Israel que ignorava que o seu rosto resplandecia.

“E cessou o maná no dia seguinte” (v. 12). Israel já não o comeu; o maná era o alimento do deserto, é a figura de Cristo que desceu do céu, entrando em nossas circunstâncias para nos

encorajar em meio das dificuldades do caminho. Ao contrário de Israel, nós, cristãos, temos o privilégio de termos ao mesmo tempo (talvez não no mesmo momento), Cristo como alimento do deserto, como o Cordeiro Pascal e como o fruto da terra. Porém o maná não é para sempre, é usufruído apenas na viagem. Sem dúvida, ele é indispensável e tão precioso que a sua recordação permanecerá sempre diante de Deus e de Seu povo, como nós podemos ver no vaso de ouro e no maná escondido (Hebreus 9:4) que um dia haveremos de ter; contudo, como alimento ele é transitório, termina com a viagem. Mas o trigo da terra e a Páscoa serão nosso alimento permanente e eterno (embora não como neste mundo), para sermos transformados gradualmente à Sua imagem; pois então seremos conformes à Ele (Filipenses 3:21). “Seremos *semelhantes* a ele; porque assim como é o veremos” (1 João 3:2).

O Príncipe do Exército do Senhor

O combate vai começar, e o general do exército ainda não apareceu! Mas apresenta-se no último instante, no momento preciso, “estando Josué perto de Jericó” (v. 13). A fé pode contar com Ele nos momentos de aflição. Os preparativos para a batalha consistem, como temos visto, em Gilgal e na refeição celestial. Porém, o poder, o plano, a ordem, o momento da batalha, tudo isso e muito mais ainda, é da responsabilidade do general do exército. Quem não tiver estado em Gilgal não poderá compreender tal maneira de combater, ele introduzirá na batalha seus próprios pensamentos e planos, começará a batalha demasiadamente cedo ou demasiadamente tarde, enfrentará o inimigo sem o general do exército do SENHOR, batalhará numa direção errada; e qual será a consequência? Ele cairá, será vencido, e só poderá registrar derrotas.

É digno de nota como este representante do Eterno Deus — este anjo do SENHOR, do qual o Antigo Testamento fala frequentemente — sim, o SENHOR mesmo, sob esse caráter misterioso — pois está escrito acerca dEle: “Porque o meu nome está nele” (Êxodo 23:21) — note, repito, com que maravilhosa graça Ele se conforma às circunstâncias do Seu povo! Ele se apresenta à Israel como seu Libertador no Mar Vermelho; como seu

Companheiro de viagem no deserto; como seu supremo General do exército na terra de Canaã; e, mais tarde, quando o reino é estabelecido, Ele se detém em paz no meio do povo. Que admirável condescendência a Sua, mas também que bendita segurança Ele dá às nossas almas! Aqui, nós O vemos com “uma espada nua” na mão. Esta espada lutará as batalhas. Israel não precisa de outra espada.

Três vezes na história do povo, vemos o anjo do SENHOR intervindo com a espada desembainhada na mão. A primeira vez foi para *proteger* Israel dos perigos que o ameaçavam quando Balaão, filho de Beor, indo em caminho para amaldiçoar Israel, encontra esse Mensageiro que lhe cria obstáculos (Números 22:23); a segunda vez, neste capítulo, o anjo do SENHOR aparece *para combater com o povo* e lhe dar a vitória; a terceira vez, infelizmente, foi para *julgar* o povo que tinha pecado na pessoa do seu rei (1 Crônicas 21:16).

Também nós, amados leitores, podemos ter algo a ver com o anjo de alguma destas três maneiras: quantas vezes, mesmo sem que disso suspeitemos, Ele faz frente ao inimigo que procura acusar-nos e amaldiçoar-nos; quantas vezes Ele se une a nós em graça, no combate contra os poderes das trevas que estão nos lugares celestiais; quantas vezes, também, Ele se revela a nós como outrora a Davi, tendo a espada na Sua mão voltada contra a cidade de Deus — isto é, como Aquele que é, também para os Seus, “um fogo consumidor” (Hebreus 12:29), que os castiga e os humilha, para então, colocar novamente a Sua espada na bainha e, finalmente os restaurar e curar! Até mesmo este último é consolador, embora sério. Porém, uma coisa terrível para o homem é ser encontrado pelo anjo com a espada desembainhada, como outrora Balaão; porque ele vendeu ao diabo, ao acusador dos santos, por uma recompensa, o dom que tinha recebido de Deus. Tal caminho é o de um reprovado, que não conhece Deus; porém, quantos verdadeiros cristãos trilham hoje, nos dias de ruína, de uma ou de outra maneira, o caminho de Balaão e se manifestam contra o povo de Deus, em uma inimizade que está coberta com as vestes de profeta, porém se colocam a serviço do mundo para fazer a obra do inimigo!

“E chegou-se Josué a ele, e disse-lhe: És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos?” (v. 13). É impossível ficar neutro na batalha. Todos nós deveríamos compreendê-lo, assim como Josué. “Porque quem não é contra nós, é por nós” (Marcos 9:40). “Então disse o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça os sapatos de teus pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim” (v. 15). Aquele que se revela a Josué como príncipe do exército, reivindica também o Seu caráter de santidade. Quando somos chamados para combater sob as ordens deste Condutor divino, é impossível permanecer associado ao mal ou às impurezas do caminho, seja como indivíduos ou como povo de Deus em sua totalidade. Parcialmente, foi pelo fato do povo desconsiderar este princípio que mais tarde foi vencido diante de Ai. Qualquer mal que permanece não julgado no nosso coração nos expõe ao julgamento de Deus, e nos entrega sem defesa nas mãos do inimigo. E o mesmo se dá com o mal não julgado no meio de uma igreja. Se Deus é santo em Sua *redenção*, assim como demonstrou a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:5) — e onde Ele teria manifestado Sua santidade de maneira mais patente? — assim, Ele não é menos *santo na batalha*; e nós podemos iniciar a batalha somente quando tivermos descalçado os nossos sapatos. Que nunca nos esqueçamos disto!

---

1 Nos versículos 13 a 15 somos levados, de certa forma, de volta à Páscoa e ao Mar Vermelho; somos libertados de tudo aquilo que poderia se fazer valer ou se levantar contra nós.

2 Isto vemos, por exemplo, em Colossenses 2:21-23. Os mandamentos, as ordenanças, e as tradições dos homens podem sim ter uma aparência de sabedoria, não poupando o corpo; porém, eles servem apenas para a satisfação da carne.

CAPÍTULO 6

JERICÓ

Por fim o povo de Israel chegou diante do grande e terrível obstáculo que se coloca no caminho deles e quer impedir de tomar posse de Canaã. Não há nada que o inimigo aborreça mais do que quando ele vê que nos aplicamos em entrar na posse dos nossos privilégios e ocupamos nossa posição celestial. Ele sabe muito bem que seres celestiais escapam dele e lhe arrebatam os seus bens. Por isso, o seu primeiro esforço consiste em nos criar obstáculos ao avanço da nossa marcha. Podemos perceber isso na história de cada cristão. Não digo que isso aconteça sempre imediatamente após a conversão, mas acontece assim que a alma se dispõe a entrar no caminho da batalha para realizar a sua vocação celestial. O primeiro objeto que encontramos é o obstáculo levantado por Satanás, uma fortaleza aparentemente impenetrável. É impossível entrar ou sair dali (v. 1). Há ali muito que nos assusta e que nos quer fazer voltar; e é precisamente essa a intenção do adversário — o que, infelizmente, ele consegue com demasiada frequência. Cada um de nós, necessariamente, deve enfrentar a sua fortaleza de Jericó. É desnecessário enumerar aqui as dificuldades de cada alma; elas são muito diversas, mas se resumem todas em *uma* palavra: *obstáculos*. “O que sucederá se eu continuar adiante nesse caminho? Perderei a minha posição; a minha carreira será destruída; os meus amigos me abandonarão; os meus parentes nunca o suportarão; será necessário deixar todos aqueles que me amam; terei que separar-me de cristãos no meio dos quais usufruí por tanto tempo a bênção, etc.”. Estes são os pensamentos e sentimentos frequentemente despertados na alma à vista das altas muralhas de Jericó. Quantos cristãos não perdem a coragem antes de iniciar a batalha e voltam atrás! Porém, a alma preparada por Deus não recua perante as dificuldades. Sabe que possui um meio de vencê-las, e serve-se dele. É um meio muito simples e ao mesmo tempo único: *a fé*. “*Pela fé* caíram os muros de Jericó, sendo rodeados por sete dias” (Hebreus 11:30). A fé é uma confiança simples em Outro, no Senhor, e, ao mesmo tempo, ela exclui toda a confiança em nós mesmos, porque estas duas coisas

são inseparáveis. A fé é suficiente para tirar o obstáculo do caminho. Que importa se as muralhas se elevam até o céu? O que são elas para a fé? A fé conta com *o poder de Deus*. Este é, amados leitores, o elemento essencial da fé. O apóstolo Paulo diz: “Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (1 Coríntios 2:5). O que é necessário para o combate é *um poder absolutamente divino*. Só ele pode remover o obstáculo; é unicamente sobre ele que a fé descansa.

O que vem a seguir, nos mostra como este poder, quando reivindicado pela fé, é ciumento, por assim dizer; não deixando subsistir nada que poderia ter a aparência de sabedoria humana. O príncipe do exército do SENHOR que fala com Josué, não deixa por conta dos israelitas a escolha das armas ou dos meios de combate. Eles não precisam desenvolver nenhum plano nem tomar quaisquer providências; eles não precisam deliberar sobre os meios de como alcançar a vitória. O próprio Deus havia disposto tudo. Ora, a fé se submete *à ordem estabelecida por Deus*; serve-se dos meios que Ele indica, e não inventa nenhum! Muitas vezes se ouve dizer: “Precisamos fundar associações, escolher líderes, convocar sínodos, estabelecer tesoureiros, etc.”. O homem precisa de todas essas coisas, mas a fé não tem necessidade de nada disso. Deus tem Seus próprios meios.

Mas por que então, poderíamos perguntar, Ele não simplifica o caminho? Por que todas estas ordens complicadas? Por que rodear a cidade todos os dias, e sete vezes no sétimo dia? Por que esse cortejo, a arca e as trombetas? Por quê?

Amados leitores, a fé não pergunta por quê. Não raciocina acerca dos meios de Deus; ela os aceita e obedece, e alcança a vitória em lugar de ser derrotada pelo inimigo. Assim aconteceu na Páscoa e assim foi no Mar Vermelho. Alguém dirá: A fé é, portanto, néscia?! Não, de maneira nenhuma; ela simplesmente *submete-se* primeiro e *compreende* depois. A fé nos dirá para que serviam os sete dias, a arca, o cortejo, as trombetas, e os gritos, mas nos dirá isso somente após a nossa submissão. Se a fé quisesse compreender antes de se submeter, não seria mais fé, mas sim inteligência. A fé, portanto, avança na *dependência daquele Deus* que disse a Josué: “Olha, tenho dado na tua mão a Jericó, a seu rei

e aos seus homens valorosos” (v. 2). Então a fé é posta a prova. A *paciência* é necessária. O povo precisa rodear a cidade por seis dias, regularmente, uma vez ao dia. Finalmente, a paciência tem que ter a sua obra *perfeita*: “E no sétimo dia rodeareis a cidade *sete vezes*” (v. 4)!

Note também outras características singulares desta preciosa fé. Ela nos *associa intimamente* com Cristo, nos dá parte e comunhão com Ele. Na batalha, Deus dispõe o Seu povo *em volta* da arca. A mesma já não *precede*, como na travessia do Jordão; mas aqui, guerreiros armados vão à frente da arca com os sacerdotes, e a retaguarda fecha a marcha. Mas esta associação com Cristo jamais tem por alvo exaltar o homem ou dar-lhe importância; exalta e glorifica apenas a Cristo, e coloca-O em primeiro plano. A própria arca formava a força maior do exército, propriamente dito; o centro indispensável, a verdadeira força do exército — e a disposição do povo ao redor dela mostrava isso claramente. Sem a arca não havia nem combate nem vitória!

A fé sempre presta um *testemunho para Cristo*. “E os sete sacerdotes, que levavam as sete trombetas de chifres de carneiros, adiante da arca do SENHOR, iam andando continuamente, e tocavam as trombetas” (v. 13). Este era um perfeito testemunho do poder da arca da aliança prestado em face do inimigo.

Além disso, a fé é *cheia de zelo* para exaltar a Cristo e testemunhar para Ele; cheia de zelo para o serviço, que é, ao mesmo tempo, o combate. “Josué se levantou *de madrugada*” (v. 12); “e sucedeu que, ao sétimo dia, *madrugaram* ao subir da alva” (v. 15). Note aqui como o zelo de um, desperta e encoraja o zelo de todos. Voltaremos mais tarde a este assunto. Mas aqui, em suma, vemos que é *apenas* Deus que obtém a vitória, ainda que nos associe a Cristo. Para que teriam servido armas ou objetos de guerra contra a fortaleza de Jericó? Para nada! É Deus quem faz tudo. Ele quer que o poder e a vitória venham *somente* dEle, sem qualquer interferência do homem. De um modo geral, quando se trata de travar uma batalha para o Senhor, os cristãos admitem que o poder e a vitória vêm de Deus, mas o que não podem evitar é que se misture um pouco do próprio “eu” — e a consequência é que a vitória nunca é plena, como em Jericó. Deus reivindicou essa honra

para Si. Não que não tivesse empregado instrumentos humanos, Ele o fez; mas era preciso que fosse *Ele* que os empregasse, para que o homem não se elevasse a seus próprios olhos. Consideremos a maneira de Deus agir: Ele escolhe instrumentos que, em si mesmo são sem força e sem valor, ou, caso eles sejam considerados valiosos aos olhos dos homens, Ele os quebranta primeiro. Assim Ele o fez, por exemplo, com Saulo de Tarso. Somente depois que aconteceu isto Ele diz: “Este é para mim um vaso escolhido” (Atos 9:15). Agora tu podes me ser útil.

Um pouco antes já havíamos notado que o procedimento dos cristãos na batalha é, muito frequentemente, oposto ao de Deus. Eles colocam em primeiro plano os seus próprios meios e recursos, e dizem: “Nós introduzimos um excelente método; organizamos esplendidamente; temos formado um considerável número de evangelistas e enviamos nossos mensageiros para os cinco continentes”. Amados leitores, o que eu digo não é invenção. Todos os dias vocês podem ouvir e ler isto! Talvez, também nós, você e eu, usamos essa linguagem alguma vez. A obra do homem sempre traz o estigma dessa deplorável mistura!

Se Israel tivesse dito: “Muito bem; que o poder seja de Deus; mas consultemo-nos para encontrar os meios apropriados para derrubarmos as muralhas de Jericó”, que teriam visto no sétimo dia? Que nem uma única pedra se desprenderia da muralha!

Mas aqui, o poder do inimigo desmorona-se; o povo interdita toda a cidade maldita! Além disso, por meio da sua fé, do zelo em seu testemunho e por meio da sua vitória outras almas foram libertadas. Tal será sempre o resultado quando conduzirmos a batalha do SENHOR. Raabe, que até então era uma prisioneira, é libertada, recebida no meio do povo de Deus, e pode, a partir daí, gozar dos mesmos privilégios que os vencedores.

Mas notemos ainda outro pormenor. A fé não faz nenhum tipo de compromisso com o mundo. Não recebe nem toma nada dele; Deus proíbe o povo de tocar em qualquer coisa de Jericó; isso lhe seria anátema. Somente o SENHOR pode exigir essas coisas para Si, para Se glorificar por meio delas. Elas Lhe pertencem, porém não aos filhos de Israel, que podem tocá-las apenas para levá-las “ao tesouro do SENHOR”.

Tal é, queridos leitores, o combate da fé. Que Deus nos conceda a graça de podermos meditar sobre estas coisas em nossos corações, para que não sejamos vencidos na nossa luta com o inimigo!

CAPÍTULO 7

Ai e o Anátema

Acabamos de considerar o brilhante quadro de uma vitória divina alcançada pela fé sobre Satanás. Após tal conquista, Israel, sem dúvida, irá de vitória em vitória! Não! O capítulo 7 é iniciado com o registro de uma derrota humilhante. Uma pequena cidade, um obstáculo insignificante comparado com Jericó — mas essa "pouca gente" bastou para pôr em fuga três mil homens de Israel, e desanimar o povo de tal forma que seu coração "se derreteu e se tornou como água" (v. 5).

Há segredos da derrota, assim como há segredos da vitória. E, antes de tudo, o primeiro perigo para o crente encontra-se na própria vitória. Ainda que a vitória fosse alcançada na dependência de Deus, em face aos resultados a alma humana gosta de atribuir algo disso a si; e assim que isso acontece, a próxima batalha já está perdida de antemão. Vejamos como lhe aconteceu a Josué: "Enviando, pois, Josué, de Jericó, alguns homens a Ai" (v. 2). Ele repete o que anteriormente havia feito com vistas à terra e à Jericó (cp. 2:1). Naquela ocasião tratava-se do caminho de Deus, mas agora o mesmo ato torna-se o caminho do homem e da carne. Os emissários voltaram de sua missão com as palavras: "Certamente o SENHOR tem dado toda esta terra nas nossas mãos" (cp. 2:24). Por que, então, enviar mais uma vez os emissários?! Isto era, pelo menos em certa medida, o esquecimento da dependência de Deus e a *confiança nos meios do homem*. Além disso, Josué enviou-os "de Jericó" — e Jericó não é o verdadeiro ponto de partida. Ele se esqueceu de Gilgal, onde se aprende o que é a carne; ou talvez ainda não soubesse que Gilgal era o lugar onde era preciso voltar constantemente? Josué encontrou na vitória uma ocasião de *confiar na carne*. Ele — que até então era uma figura de Cristo, O qual opera nos crentes em Espírito para colocá-lo na posse dos seus privilégios — desce agora dessa altura e se torna igual a um homem comum do povo. *Josué, como figura*, desaparece e dá lugar ao *homem Josué*. Mas não sucede o mesmo, e com bastante frequência, conosco? Na sua medida, cada verdadeiro crente é uma imagem de Cristo, uma carta, por meio da qual se pode conhecer a

Cristo. A partir do momento que esquecemos Gilgal, esta figura desaparece; e o velho homem, que negligenciamos julgar, ocupa seu lugar.

E o povo? Infelizmente o povo segue o exemplo do seu guia. Os homens enviados por Josué retornam e dizem: “Não suba todo o povo; subam uns dois mil, ou três mil homens, a ferir a Ai; não fatigueis ali a todo o povo, porque poucos são” (v. 3). Eles tinham plena confiança em si próprios. Dois ou três mil homens ferirão a Ai. O que é isso para *nós* e para *nossos* homens de guerra? Em Jericó, já não demonstramos o que somos? Que perigosa autoconfiança!

Mas não falta apenas a consciência da dependência de Deus, e não há somente autoconfiança — fruto da carne não julgada; há ainda algo mais: uma parte do despojo está escondida de todos os olhares, está enterrado no fundo de uma tenda; há *um anátema* no arraial.

Deus tinha amaldiçoado a cidade de Jericó, e tudo o que lhe pertencia estava *sob a maldição*. Todos deviam se guardar de reter algo, para não tornar maldito a si próprio e ao acampamento de Israel (cp. 6:18). *Um único* homem tinha desobedecido esta ordem. Este homem, dando ouvidos à cobiça, tinha escondido algo das coisas malditas. E quem dentre nós, amados leitores, não tem semelhante cobiça em seu coração? Este homem havia seguido a sua inclinação natural; tinha começado onde todos nós começamos, onde começou o primeiro homem, Adão: “Eu vi” (v. 21). “E viu a mulher”, lemos em Gênesis 3:6. Havia olhos que sabiam discernir as belas coisas existentes entre os despojos. Os seus olhos foram o acesso para seu coração. Porém não havia ali nenhuma sentinela, ninguém que pudesse dar o alarme: “Pare! Quem vem?”, para impedir o ataque. Pelos olhos, o anátema apodera-se do coração, e ali excita a *cobiça*: “Cobicei-os” (v. 21). A cobiça, tendo concebido, gera o pecado; a consequência é: “Tomei-os”. A boa capa babilônica, que podia adornar o orgulho da vida; a prata e o ouro, que podiam satisfazer todas as cobiças, tornaram-se a presa de Acã. Antes, pelo contrário, aquelas coisas fizeram *dele a sua presa*! Cadeia fatal e satânica, ligando o mundo ao coração natural do homem, a fim de fazer dele a presa do príncipe do mundo!

Também é digno de nota o efeito que o pecado de um único homem exerceu sobre todo o Israel. “E transgrediram *os filhos de Israel* no anátema... E a ira do SENHOR se acendeu *contra os filhos de Israel*” (v. 1). O povo poderia ter perguntado: “O que isso nos diz respeito? Como poderíamos ter conhecimento de uma coisa que estava escondida? E, não a conhecendo, como poderemos nós ser responsáveis dela?”. A todas estas questões respondemos que Deus tem sempre diante dos Seus olhos a unidade do Seu povo. Ele considera os indivíduos como membros de um único todo, e responsáveis uns pelos outros. O sofrimento ou o pecado de um, é o sofrimento e o pecado de todos. E se foi assim com Israel, tanto mais isso vale para nós, a Igreja de Cristo, um Corpo unido pelo Espírito Santo à Cabeça que está no céu. Porém, se as almas dos israelitas estivessem em um bom estado, Deus teria manifestado o mal oculto no meio deles. O poder do Espírito Santo, quando não está contristado na assembleia, traz à luz tudo o que desonra Cristo entre os Seus. E se não foi assim com Israel, era porque havia algo para julgar no povo e no seu guia. *O mal escondido de Acã é o meio de trazer à luz o mal escondido no coração do povo*. Quando a assembleia está em bom estado, embora sempre permaneça responsável pelo pecado de cada indivíduo, será advertida pelo Espírito Santo quanto ao mal existente; e tem, a seguir, a obrigação de tirar o mal do seu meio, e, segundo o caso, de tirar do seu seio o malfeitor (cf. Deuteronômio 13:5; 19:19; 21:18-21; 24:7; 1 Coríntios 5:13). Foi assim nos primeiros dias da Igreja, no caso do anátema de Ananias e de Safira; o poder do Espírito de Deus manifestou e julgou o mal imediatamente. Mas aqui, em Israel (através do juízo que veio sobre eles), os corações precisavam ser conduzidos a sentirem e levarem diante de Deus o pecado do indivíduo como sendo o pecado de todos. Amados, como é conosco nestes dias de ruína? Temos uma sensibilidade acerca do pecado que se encontra na Igreja de Deus? Sentimos em nosso interior a corresponsabilidade de toda a ruína que se introduziu? Ou então, vendo os escombros ao nosso redor, temos tanta autoconfiança que pensamos que faremos melhor do que os outros e que a ruína da Igreja não é nossa culpa? Se os nossos corações não estiverem habituados a tomar esta posição perante Deus, seremos apenas

sectários. Mas, o que é pior ainda, uma séria derrota virá para levar nossos corações de volta à humildade que convém àqueles que deveriam ter permanentemente seu lugar em Gilgal. Veja como Deus julga de modo totalmente diferente dos nossos miseráveis corações. Ele diz: "*Israel* pecou, e *transgrediram* a minha aliança que lhes tinha ordenado, e *tomaram* do anátema, e furtaram, e mentiram, e debaixo *da sua* bagagem o puseram" (v. 11).

Vemos o castigo do povo nos versículos 4 e 5: três mil homens de Israel fugiram diante dos habitantes de Ai, e por trinta e seis de entre eles que foram mortos, o coração do povo se derreteu e se tornou como água. Estão desolados! Toda a força, toda a energia lhes falta! O medo e o terror apoderaram-se das suas almas; a sua coragem tinha sido carnal. Este povo, tão orgulhoso da sua vitória, caiu ao nível dos amorreus, cujo coração se desfaleceu ao ouvir falar da passagem do Jordão (Josué 5:1). Realmente essa foi uma triste experiência, porém foi necessária! Israel havia se esquecido de Gilgal. Satanás encarregou-se de lhes ensinar, através das lágrimas da derrota, a medida de força que os seus corações naturais continham, e qual a confiança que podiam pôr na carne. Ah!, se tivessem estado com Deus teriam sido preservados de uma derrota! Essa mesma verdade nos é apresentada, de maneira notável, na experiência do apóstolo Paulo: ele tinha sido vitoriosamente arrebatado até ao terceiro céu, ao paraíso, e ali tinha ouvido palavras inefáveis, que não é permitido ao homem exprimir. Mas, voltando à terra, foi-lhe dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para o esbofetear. A carne estava nele; ela teria se exaltado se Deus não tivesse se adiantado e impedido Seu amado servo de se gloriar e presumir. O perigo era grande. Tivesse Paulo dado ouvido à carne, que coisas lisonjeiras esta poderia ter-lhe dito em decorrência daquele maravilhoso arrebatamento, por meio das quais não somente a sua paz, mas seu apostolado e até mesmo a sua carreira estariam expostos ao maior perigo! Mas Deus toma providências para com o Seu servo, e lhe dá o antídoto necessário, a fim de que o curso das suas vitórias não seja interrompido. Por meio daquele espinho, Paulo aprende que a carne, mesmo no seu melhor estado, não tem valor algum. Aquele espinho era o Gilgal de Paulo. À sua súplica para retirar o espinho,

Deus respondeu, por assim dizer: “Que importa a tua fraqueza, o teu espinho na carne? Fica em Gilgal, porque é justamente o que te é necessário. Assim, *o poder* será Meu, inteiramente Meu; e alcançarás a vitória. Quanto a ti, *a minha graça* te basta”. Que posição de sofrimentos e de humilhação para Paulo; porém, ao mesmo tempo, que posição de maravilhosa bênção! Ele estava com Deus, estava em comunhão com o Senhor. O mensageiro de Satanás é o instrumento para *mantê-lo* em Gilgal; e não, por meio de uma derrota, conduzi-lo *de volta* à Gilgal.

O que fez Josué, o homem de Deus? Rasga os seus vestidos e prostra-se em terra sobre o seu rosto, *perante a arca do SENHOR* (v. 6). No combate contra Ai, onde estava a arca perante a qual ruíram as muralhas de Jericó? O piedoso coração de Josué reconhece o valor dela, mas não sabe o que fazer. Ele ignorava o anátema e manifesta-se em lamentos; não lamentando o que *ele* próprio fez, nem o que *o povo* fez, mas sim, e infelizmente, lamentando o que o próprio *Deus* fez, ao fazê-lo passar o Jordão! “Antes nós tivéssemos contentado em ficar além do Jordão!” (v. 7), ele exclama. Como estas palavras mostram bem o que é o coração do homem! Esta terra abençoada era o único que Josué quis abandonar!

O tipo de sua súplica revela fraqueza. O que ocupa os seus pensamentos é, antes de tudo, Israel, o nome de Israel; depois, são os cananeus, o mundo: “Pois Israel virou as costas diante dos inimigos! Ouvindo isto, os cananeus... desarraigarão o nosso nome da terra”. Depois, e só ao terminar, ele diz: “E então que farás ao *teu* grande nome?” (vv. 8-9). O exemplo que a história de Moisés nos oferece é bem diferente (Êxodo 32:11-13). Este fiel servo tinha estado no monte de Deus, e esta posição permitiu que Deus lhe revelasse o mal que se passava no acampamento; o pecado do povo não ficou oculto aos olhos de Moisés, pois o conheceu antes de descer do monte. Ele pensou, porventura, na vergonha de Israel? Não; mas ele se ocupa com o nome do SENHOR, do que convém a esse Nome. Ele reconhece os direitos da *santidade de Deus* que foi ofendida. No que diz respeito às nações, ele apenas pergunta com preocupação: “*Deus será glorificado*, diante dos egípcios, pela derrota do Seu povo?”. Quanto a Israel, ele invoca a *graça de Deus*, pela qual o nome do SENHOR podia ser glorificado em presença do

povo culpado. Moisés intercede pelo povo, porque não tem necessidade, como Josué, de reencontrar para si próprio a comunhão perdida. Seu pedido é atendido. Josué, pelo contrário, está precisamente na posição em que não deveria estar: “Levanta-te; por que estás prostrado assim sobre o teu rosto?”, lhe diz o SENHOR (v. 10). Não basta se *humilhar* devido à sua própria impotência. Era tempo de *agir*. O contrário, encontramos em Juízes 20, onde Israel deveria ter-se humilhado primeiro, e agido depois. Oh, que miserável coisa é a carne! Quanta desordem ela introduz nas coisas de Deus! Ela sempre está fora da corrente dos pensamentos de Deus, isso quando não se levanta em aberta inimizade contra Ele! Pudéssemos nós repetir com o apóstolo: “não confiamos na carne” (Filipenses 3:3). Josué deveria agir. *Era necessário que o malfeitor fosse banido do meio do povo*.

Os filhos de Israel se esqueceram rapidamente da presença do SENHOR — e só Ele poderia iluminá-los, revelando o mal no meio deles. O próprio Josué tinha sido apanhado, pelo menos em certa medida, nessa armadilha de Satanás, e envolvido no enfraquecimento do povo. Se ele tivesse realizado e mantido pessoalmente a posição tomada no capítulo 5 (quando tirou as sandálias dos pés), teria compreendido que era necessário que o povo fosse santo, para que o Deus Santo pudesse andar com ele. Mas, em vez disso, Josué prostra-se sobre o seu rosto, e quase faz uma acusação a Deus pela Sua graça: “Por que, com efeito, fizeste passar a este povo o Jordão?” (v. 7), e se esquece, completamente, de falar da Sua *santidade*. Ele estava, ao menos por um momento, fora da linha dos pensamentos de Deus. E Deus o faz sentir isso. Nenhum dos seus pensamentos estava no devido lugar. Quando o anátema se encontra dentro do testemunho de Deus, o que devemos fazer é santificar-nos e erradicar o mal do nosso meio. Não se trata aqui de poder, mas sim de *santidade* e de *obediência*. Deus diz a Josué: “Levanta-te, santifica o povo” (v. 13). Santificar-se é separar-se de todo o mal para Deus, pois é impossível que Deus ande conosco sem a santidade.

Amados leitores, esta é uma das verdades mais importantes para o tempo atual. O que deve nos caracterizar hoje é, como para Filadélfia, a comunhão com o “santo e o verdadeiro” (Apocalipse

3:7). Note que agora eu falo somente de uma exclusão, porém não de casos de disciplina que, por causa da incapacidade de uma assembleia para julgar o mal, podem ser complicados e dificultados. Porém, me dirão, aqui você passa totalmente por alto a humilhação. De maneira nenhuma! Pois a verdadeira humilhação acompanhará o ato da exclusão. Assim Israel teve que passar diante do olho perscrutador do próprio SENHOR, tanto segundo as suas tribos como também segundo as suas famílias (vv. 14-15). A consciência deles foi despertada assim, e levou o "eu" a ser julgado. Cada qual tinha que tomar o seu lugar em presença do julgamento. Aconteceu o mesmo quando o malfeitor foi excluído em Corinto. "Porque a tristeza segundo Deus" tinha operado nos coríntios, um "arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende". Por meio da tristeza havia sido produzida a humilhação, e a mesma tristeza operou também muita diligência e zelo para purificar a igreja de Deus do mal, de forma que a humilhação e a disciplina caminhavam juntas. "Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus fostes contristados! Que apologia, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vingança!" (2 Coríntios 7:10-11).

Agora, voltemos à santidade. No capítulo 5, Josué nos apresenta a santidade individual; no capítulo 7, trata-se da santidade coletiva. Era necessário que o povo tirasse o anátema que havia entrado no seio da congregação para que todo o Israel não fosse contaminado, e não tomasse o caráter do anátema. É raro encontrar compreensão entre os amados filhos de Deus sobre estes dois lados da santidade prática. Geralmente, os cristãos se esforçam em buscar a primeira, uma santidade individual, e consideram a segunda com pouca ou nenhuma importância. Porém, a santidade individual jamais é plenamente compreendida se a santidade do todo, ou da comunidade, é realizada de forma incompleta. Muitas vezes tenho tomado o seguinte exemplo para provar isto: Supondo que tenho um filho que possui um caráter irrepreensível. Todo mundo elogia ele e suas virtudes. Ele é muito estimado na cidade. De todas as partes me dizem: "Que bom filho que você tem!". Mas, este filho vai todos os fins de tarde ao bar, contudo, sem nunca se embriagar; e está ali no meio dos beberrões

e desordeiros, em vez de estar na casa de seu pai, no círculo da família. Eu posso lhe chamar de um bom filho?

Em 2 Coríntios 6:16 a 7:1 encontramos a ligação íntima entre estes dois lados da santidade. Deus começa pela santidade *coletiva*. “Porque vós sois o templo do Deus vivente” (v. 16). Em 1 Coríntios 3:17 este templo de Deus é chamado: “santo”; esta é a santidade na *posição*. Que consenso poderia, pois, haver entre este templo e os ídolos? “Por isso saí do meio deles, e apartai-vos” (2 Coríntios 6:17); esta é *a santidade prática do todo, coletivamente*. Depois, o apóstolo acrescenta: “Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus” (2 Coríntios 7:1); esta última, é a santidade *pessoal* do indivíduo, inseparável da santidade da coletividade e das promessas que lhe são feitas.

Mas a santidade coletiva é pouco compreendida por muitos filhos de Deus que, infelizmente, gostariam de passar pelo mundo sem se preocupar muito com outros cristãos e sem se inquietar a respeito deles. A responsabilidade recíproca dos filhos de Deus é algo totalmente desconhecido para eles. Ouve-se dizer frequentemente: “Eu não me preocupo com os outros; encontro-me só com o meu Deus; tomo a Ceia do Senhor para mim, etc.”; mas não é assim que Deus nos considera. Repito: Ele nos vê todos juntos, formando um único Corpo, unidos pelo Espírito Santo ao Seu Filho glorificado. O pecado e o sofrimento de *um* membro é o pecado e o sofrimento de *todos* os membros, de todo o Corpo. De passagem, uma palavra acerca desta frase que tão frequentemente é ouvida da boca de muitos cristãos: “Eu tomo a Ceia para mim”. Isto é possível? Que responde a Escritura? “O pão que partimos não é porventura a comunhão do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos *um só pão* e *um só corpo*, porque todos participamos do mesmo pão” (1 Coríntios 10:16-17). Quem são os “muitos” com quem professais ser um só Corpo? Para desculparem a sua aliança com o mundo à mesa do Senhor, tomam, como dizem, a Ceia só para si; porém passam totalmente por alto que, por meio da sua ação, confessam solenemente que formam *um* só corpo com os inimigos do seu Redentor, pois foi o *mundo* que O crucificou!

Note ainda mais um ponto. Deus diz: “Santificai-vos *para amanhã*” (v. 13). Não é no momento do agir que é preciso santificar-se; somos chamados a fazê-lo antecipadamente. De onde vem, tão frequentemente, a nossa incapacidade de julgar o mal e de agir para Deus? Do fato de não termos nos santificado no dia antecedente. De onde vem que, na adoração à Mesa do Senhor, os corações são tão frequentemente frios e os lábios mudos para o louvor? Do fato de não termos obedecido à Palavra: “Santificai-vos para amanhã”. O mesmo encontramos em 1 Coríntios 5. O apóstolo tinha o poder de agir, mas os coríntios não tinham. Eles deviam simplesmente obedecer, tirando o velho fermento para ser uma nova massa; era-lhes necessário tirar o malfeitor do seu meio.

Acã tinha tomado daquilo que estava sob a maldição divina; ele devia ser simplesmente cortado, e o foi no vale de Acor.

Mas — coisa maravilhosa! — lemos em Oseias 2:15 esta palavra consoladora referente a Israel: “E lhe darei... o vale de Acor, por porta de esperança”. Sempre é assim, amados leitores. Justamente sobre a base do julgamento encontramos nossas bênçãos. Já é assim por ocasião da conversão, no lugar do juízo a alma encontra a porta da esperança; ali ela encontra Cristo. E no decorrer da sua vida, o crente encontra constantemente, na disciplina, o abençoado lugar da esperança e da alegria. Ali, naquele vale, onde o julgamento de Deus foi executado no povo, que Israel irá encontrar a bênção de Deus; foi ali que Josué encontrou a restauração da sua alma, para, de agora em diante, andar sempre com Deus e conduzir o povo à vitória.

CAPÍTULO 8

Meios e Procedimentos para a Restauração

O malfeitor acabava de ser tirado da congregação de Israel, mas, pela presença do mal no meio deles, Deus lhes havia feito descobrir a sua autoconfiança. Por vezes, algo semelhante acontece em uma igreja, quando esta começa a estar satisfeita com o seu estado. Orgulha-se do seu estado, das suas bênçãos, do seu crescimento, etc. Israel fez o mesmo; o povo teve confiança, porém não em Deus, mas em sua vitória, e esta confiança tornou-se o caminho para a derrota. Israel teve de ser julgado; depois, era-lhe necessário purificar-se do mal. Mas o autojulgamento e a santificação prática não são ainda a restauração da alma. É necessário que a *comunhão* com Deus, interrompida pelo pecado, seja reestabelecida.

Desejo colocar aqui uma observação que me parece importante. No capítulo 6, Deus manifesta o Seu poder com Israel diante de Jericó, na vitória sobre o inimigo. Este mesmo poder também se manifesta na vida do cristão. Pode suceder que se goze desta força divina, das vitórias que ela alcança, e talvez, ainda assim, não se conheça realmente a si próprio nem a Deus. Josué deveria tê-lo conhecido, pois havia tido um encontro pessoal com O Anjo. O príncipe do exército do SENHOR havia Se revelado a Josué tendo a espada desembainhada na mão, pronto para a batalha com Seu poder, porém, como *o Santo*. Depois, em companhia do povo, Josué tinha visto esse poder operando em Jericó. Mas era preciso que a sua *consciência* entrasse em relação com a santidade de Deus; ele ainda não compreendia o que essa santidade tinha que exigir no que diz respeito ao andar do povo. A ira do SENHOR (cp. 7:1) precisou se manifestar em Israel e em seu guia, para que reconhecessem que a santidade de Deus não pode tolerar nenhum anátema. Conhecer a Deus em Seu poder ainda está longe de ter um verdadeiro e pleno conhecimento de Deus. Por outro lado, poderia parecer que, quando se tem passado uma vez por Gilgal, deveríamos ter acabado com o nosso ego; porém, na realidade, somente se acaba com ele enquanto *permanecermos em Gilgal*. Como o povo se conhecia tão pouco após a vitória de Jericó! Deus

havia feito muito para mostrar ao povo que tudo nessa vitória provinha dEle; mas, que autossatisfação, que esquecimento aquele que os levou a irem sem Deus ao encontro do inimigo! E os resultados de tal ousadia foram a fuga e a tristeza; e múltiplos embaraços quando Israel atacou novamente o inimigo. O povo precisou refazer um caminho penoso e cheio de dificuldades; um caminho que deveria abrir seus próprios olhos para sua fraqueza, depois que esta já havia sido manifesta diante dos olhos do inimigo pela derrota. Eles precisam voltar atrás, são obrigados a fazer novamente a experiência daquilo que eles são; mas a graça permite que agora façam essa experiência com Cristo — e não mais com Satanás.

Observemos, além disso, no capítulo 8, quão complicado e dificultoso se torna o caminho do crente quando não tem seguido o caminho simples da fé. A alma humilhada encontra-se com Deus, e Deus pode andar com ela; porém, as consequências do caminho que a carne andou, fazem-se sentir. Deus pode Se servir delas para, no fim, dar bênção; porém, como já dissemos, o caminho não é mais tão simples como era a senda original da fé — esta é sempre *muito simples* —; visto que o crente que anda nessa senda em humilde dependência da Palavra de Deus e da ordem divina, alcança a vitória. Foi assim em Jericó. Contudo, diante de Ai, o mesmo poder de Deus, que havia derrubado as muralhas da cidade maldita, estava com Israel, visto que não mudou; porém, o exército precisou de astúcia para a batalha: cinco mil homens põem-se de emboscada, enquanto a maior parte dos soldados atraía os defensores de Ai para fora da sua fortaleza.

No capítulo 7, os espiões haviam dito no seu relatório: “Não suba todo o povo; subam uns dois mil, ou três mil homens... porque poucos são” (v. 3). E agora era preciso que trinta mil homens valentes, escolhidos de entre eles, subissem contra Ai e colocassem emboscadas. Que humilhação! Como isto rebaixava Israel a seus próprios olhos! Uma parte do povo teve que subir de noite, uns tiveram que esconder-se, e outros fingir que fugiam de diante do inimigo. Como poderiam se gloriar disso?

Alguém poderá perguntar: Como pode ser isso? Em Jericó não foram aplicados nenhum meio ou caminhos humanos; e aqui, Deus

tomou todo tipo de providências para vencer o inimigo. Ora, Deus ordenou estes meios para expor à luz a incapacidade humana, para colocar-lhe o selo da absoluta impotência, para humilhá-lo. Suas providências em Jericó tinham o objetivo de tornar conhecido Seu poder ao povo de Israel; enquanto que em Ai, elas deviam servir para mostrar ao povo a sua própria fraqueza. Porém, como já dissemos, Seu poder estava presente em ambos os casos — é esse poder que dá a vitória para Israel em Ai. Josué estava lá, *com a lança na sua mão*. À ordem do SENHOR, "Josué estendeu a lança, que estava na sua mão, para a cidade" (v. 18). "Porque Josué não retirou a sua mão, que estendera com a lança, até destruir totalmente a todos os moradores de Ai" (v. 26). Ela permaneceu estendida durante toda a batalha!

Ouve-se dizer frequentemente: "Que importam as divisões e separações? Não temos todos o mesmo alvo? Todos nós não combatemos para o mesmo Senhor, ainda que sob bandeiras diferentes?". Porém eu pergunto: É isto o que nos ensinam os capítulos diante de nós?. Certamente que não! A grande verdade que aqui está presente por toda a parte, é esta: *o povo é um*; um na vitória; um na falta; um na derrota; um no julgamento do mal; um na sua restauração. Porém, os pobres filhos de Deus estão dispersos e divididos, e com toda calma dizem: "E o que tem isso?". Amados irmãos, com que finalidade Cristo morreu? Não é "para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos"? (João 11:52). Deveria Deus dispersá-los novamente após tê-los reunido? Não; é o *lobo* que arrebata e dispersa as ovelhas (João 10:12). Devemos então dizer "que importa"?

A *diversidade* não é a divisão; antes, se manifesta *na unidade*. A emboscada toma Ai e a incendeia. O restante foge do inimigo; e, depois que eles veem a fumaça subindo da cidade, voltam para trás. Em seguida, a emboscada sai da cidade e intervém na batalha (v. 22); depois que o exército de Ai foi destruído, todos juntos se voltam contra a cidade de Ai e ferem todos ao fio da espada (v. 24). Há, pois, de fato, diversidade de ação e de serviço, mas é um trabalho comum, um procedimento em conjunto. O corpo é um; as diversas partes estão ligadas — *o que as mantém unidas é Josué com a sua*

lança. Se não tivermos em conta esta unidade, seremos derrotados na batalha.

A primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 12, nos mostra a diversidade ligada à unidade na Igreja. “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos”. (vv. 4-6). “Porque, assim como o corpo é *um*, e tem muitos membros, e todos os membros deste um corpo, sendo muitos, são um só corpo [esta é a unidade na diversidade], assim é Cristo também” (v. 12). Estamos unidos em um só corpo — o Cristo — e, no entanto, cada filho de Deus tem a sua função e a sua tarefa, que nenhum outro pode realizar em seu lugar. A cada um é confiado um serviço diferente; eu não posso fazer o seu, nem você o meu.

Agora, Israel voltou à comunhão com Deus. Em toda a batalha, a presença de Josué caracteriza de uma maneira muito abençoada toda a atividade do povo: quando se trata de entrar em guerra, “Josué levantou-se, e toda a gente de guerra” (v. 3); quando se trata dos preparativos do combate, “Josué os enviou,... Josué passou aquela noite no meio do povo” (v. 9); quando se trata de se colocarem em marcha, “e levantou-se Josué de madrugada, e contou o povo; e subiram... e foi Josué aquela noite até ao meio do vale” (vv. 10-13); quando se trata de atrair o inimigo, “Josué, pois, e todo o Israel... fugiram pelo caminho do deserto” (v. 15); quando se trata de ferir o inimigo, “Josué e todo o Israel... feriram os homens de Ai... até que nenhum deles sobreviveu nem escapou” (vv. 21-22); quando se trata, enfim, da vitória definitiva, “Josué não retirou a sua mão, que estendera com a lança, até destruir totalmente a todos os moradores de Ai” (v. 26).

Na derrota de Ai, os israelitas aprenderam a conhecer seus corações; porém, ao mesmo tempo também, conheceram o caráter de Deus que os conduzia.

Antes de considerar as consequências práticas para o povo, que resultaram desta instrução divina, gostaria de fazer uma comparação entre os capítulos 7 e 8 de Josué com os capítulos 20 e 21 de Juízes. É um fato conhecido que o final do livro de Juízes, a partir do capítulo 17, não segue a ordem cronológica (cf. Juízes

20:28 e Josué 22:31-32), mas antes, nos faz conhecer os acontecimentos que ocorreram no meio do povo, antes que Deus suscitasse juízes a Israel. É um quadro do estado moral do povo e da sua história logo após a morte de Josué. O declínio havia sido rápido e completo; a idolatria e a corrupção moral reinavam por toda a parte. No princípio e no fim destes capítulos encontramos estas palavras: “Naqueles dias não havia rei em Israel; *cada um fazia o que parecia reto aos seus olhos*” (Juízes 17:6; 21:25). Já não existia nenhuma dependência de Deus nem da Sua Palavra. A consciência do homem era o único padrão para o bem e para o mal. Cada qual se dirigia segundo a sua própria consciência; a consciência era a norma para o comportamento.

Será que este quadro difere muito do da cristandade de hoje? O que foi que se passou após a partida dos apóstolos? O declínio foi menos súbito, menos completo? Sem falar dos corruptos princípios do papado, perguntemos: o que constitui, para a iluminada cristandade protestante, a norma da nossa vida e conduta: a Palavra de Deus ou a consciência? Ela prega a submissão à Palavra de Deus ou a liberdade de consciência? E qual é a consequência quando se escolha a consciência por guia? A mais absoluta confusão. Não tarda para que cada um aja e se conduza segundo o seu próprio critério.

Agora, porém, havia sido cometido um horrível pecado em Gibeá de Benjamim. Não era um anátema, nem um mal oculto como em Josué 7; era um pecado que fora cometido à face de Deus e dos homens. O infeliz levita publica a sua própria vergonha. Nenhuma tribo de Israel fica sem o conhecimento desse ato infame (Juízes 19:29). O que é que o povo fez? Tal como na ocasião do pecado de Acã, Deus serviu-Se desse novo crime para desnudar o estado moral de Israel, para humilhar e para despertar nele a consciência do que é devido a Deus. Porém aqui, o estado moral das tribos é muito mais baixo e mais grave do que era perante Ai. Estão indignados, mas pelo quê? Por causa da injustiça que *lhes* fora feito; o pensamento do mal que fora feito *a Deus* estava absolutamente fora dos seus espíritos. Eles falaram da infâmia que Gibeá cometeu em Israel, do mal que foi cometido entre os da tribo de Benjamim; mas nem o menor lamento acerca da ignomínia que caiu sobre o

nome do SENHOR. Quão claramente isso nos mostra o declínio, e quão diferentes são as palavras de Fineias às duas tribos e meia: “Que transgressão é esta, que cometestes contra o Deus de Israel?” (Josué 22:16).

A esta primeira característica de declínio se liga uma segunda: Israel havia abandonado o que se poderia chamar o *primeiro amor*. O SENHOR não estava mais diante de seus olhos, a afeição por Ele havia diminuído muito, e, por conseguinte, também a afeição por todos aqueles que nasceram dEle. Esqueceram que Benjamim era *seu irmão*. Eles perguntam: “Quem dentre nós subirá primeiro a pelejar contra os *filhos de Benjamim*?” (Juízes 20:18). Estes, por seu lado, “não quiseram ouvir a voz de seus irmãos, os filhos de Israel” (Juízes 20:13). Uma terceira característica é o completo *esquecimento da unidade do povo*. Note que as onze tribos formam, aparentemente, uma unidade magnífica; era *quase* tão belo como quando Israel se purificou de Acã e foi restaurado em Ai. Mas não era mais a unidade de Deus! É verdade que “a congregação se ajuntou... como... *um* só homem” (Juízes 20:1); “ o povo se levantou como *um* só homem” (v. 8); e se reuniu contra Gibeá “unidos como *um* só homem” (v. 11). Porém, nessa unidade de Israel, faltava Benjamim, e Deus reconhece somente *uma* unidade. Estes tristes elos se unem um ao outro quando o declínio começa: esquecimento da presença de Deus, abandono do primeiro amor, e o desprezo da unidade — por mais bela aparência que possamos ter.

Benjamim não era, pois, culpado? Certamente, infinitamente culpado. Vê-se nele, claramente, e desde o princípio, *a decisão firme de não julgar o mal*. A tribo de Benjamim se negou a cumprir qualquer dever, mesmo sendo informado desse ato infame manifesto, assim como todas as outras tribos também foram informadas (Juízes 19:29); mesmo sabendo que a congregação dos filhos de Israel se dispunha a julgar o mal; e mesmo havendo sido exortado, ainda que não em uma mentalidade espiritual, de se purificar dessa infâmia. A tribo nega a sua unidade com Israel, levantando o *princípio da independência*, e, longe de se purificar do crime de Gibeá, se rodeia com a aparência inútil e miserável, como se isso fosse fazer diferença (Juízes 20:15). Benjamim devia ser julgado, mas o estado de todo o povo era tão mau que tornava o

julgamento, segundo Deus, impossível, e tinha de passar ele mesmo pelo crivo; somente então estaria capacitado a realmente purificar-se do crime de Gibeá. O que Israel teria feito se tivesse um sentimento correto sobre o ocorrido? Em primeiro lugar, teria se humilhado perante o SENHOR; teria consultado o SENHOR, e finalmente agido. Mas, em vez disso, o que eles fizeram? Começam por se consultar entre si — triste resultado do esquecimento da presença de Deus! Embora decidam, segundo as Escrituras, "tirar o mal do meio de Israel", se esquecem completamente de que eles mesmos são afetados pelo mal, e que Benjamim e eles são uma e a mesma coisa! Assim, após os mais cuidadosos preparativos, e recenseando os seus guerreiros, eles "subiram a Betel; e consultaram a Deus" (Juízes 20:18). É assim que se age no espírito da decadência. Não encontramos isso por toda a parte na cristandade e, muitas vezes, até mesmo entre os queridos filhos de Deus? Isto não é praticado, de forma geral, como um princípio? Tomamos um propósito que nos parece bom; e então, no momento da execução dos próprios planos, muitas vezes após termos tudo preparado, consultamos a Deus e pedimos que Ele abençoe a nossa vontade — ainda que ela seja inteiramente contra a Sua vontade!

A grave consequência deste completo esquecimento dos princípios divinos foi que, logo no primeiro dia, vinte e dois mil homens de Israel foram mortos. Então os filhos de Israel voltam, e sobem ao SENHOR, chorando (v. 23). É *dor*, e não apenas a indignação carnal que enche as suas almas. Agora chamam Benjamim *seu irmão*. O amor perdido e a consciência da unidade voltam. Depois, ordenam-se novamente para a batalha e perdem mais dezoito mil homens. Por que esta segunda derrota? Deus, na Sua bondade, queria atingir um resultado completo. A dor não era tudo, nem o reconhecimento do laço que os uniam. Era preciso um pleno autojulgamento, o arrependimento perante Deus; eles precisavam refazer o caminho do declínio, até reencontrar a presença do SENHOR e a Sua comunhão perdida. Por isso lemos: "Então todos os filhos de Israel, e todo o povo, subiram, e vieram a Betel e choraram, e *estiveram ali perante o SENHOR, e jejuaram* aquele dia até à tarde; e *ofereceram* holocaustos e ofertas pacíficas

perante o SENHOR “ (v. 26). A partir dali vemos desenrolar-se uma cena que nos lembra claramente de Ai. Era preciso que Israel colocasse uma emboscada (v. 29); fugisse diante de Benjamim (v. 32); que ainda trinta homens, após todas as perdas anteriores, fossem feridos de morte; e a cidade fosse incendiada para que a fumaça servisse de sinal para os guerreiros.

Somente depois que Israel se julgou plenamente e retornou à comunhão com Deus, é que estava à altura deste penoso dever: julgar a impiedade de Benjamim; mas então quantos soluços, quantas lágrimas derramadas após a vitória! (Juízes 21:2). Como esta cena era diferente da de Jericó, onde “gritou o povo com grande brado; e o muro caiu abaixo” (Josué 6:20). Aqui se trata de seus irmãos, de uma tribo em Israel, que quase havia sido extinguida pelo julgamento. Porém, então, Deus pode em graça (ainda que no meio de muitas complicações que haviam sido produzidas pelo primeiro zelo carnal de Israel e suas decisões) restaurar o restante da tribo de Benjamim.

Mas há uma facção na congregação de Israel que foi disciplinada, pelo povo restaurado, muito mais severamente do que o próprio Benjamim. Jabes-Gileade não tinha vindo ao arraial (Juízes 21:8). Era uma indiferença gritante, uma *neutralidade* que considerava o mal como nada — bem pior ainda do que a ira carnal com a qual Benjamim se revoltou, desprezando uma decisão da assembleia, e que lhe tinha feito pegar em armas contra os seus irmãos, associando-se ao mal. Jabes deveria ser exterminada de Israel, tal como o anátema.

Os Resultados da Disciplina

Voltemos a Josué e ao povo. Israel acabava de aprender, na senda da humilhação, que não podia ter nenhuma confiança em si mesmo. Esta experiência traz imediatamente os seus frutos. Que a Palavra de Deus possa dirigir o povo doravante! O povo precisa apenas se confiar à esse perfeito guia para ser guardado de novas quedas. Os versículos 27-35 deste capítulo nos mostram que Josué e o povo de Deus *são obedientes* ao mandamento do SENHOR (vv. 27,31,33,35), e que *se deixam conduzir* por meio daquilo que está escrito no livro da lei (vv. 31,34). A humilhação tem por

consequência que o povo e seu guia se lembram das prescrições do SENHOR em Deuteronômio 27. Além disso, o exercício do juízo sobre o rei de Ai mostra que Josué segue à risca a Escritura: “Ao pôr do sol ordenou Josué que o seu corpo fosse tirado do madeiro” (v. 29; cf. Deuteronômio 21:22-23). Para o homem, este pormenor seria sem importância, mas um coração alimentado da Palavra de Deus não podia negligenciá-lo. Se Josué tivesse negligenciado este dever, ele teria caído na mesma falta que tinha atraído o castigo sobre o povo; teria desconsiderado a *santidade* de Deus. “O seu cadáver”, lemos em Deuteronômio 21:23, “não permanecerá no madeiro... porquanto o pendurado é maldito de Deus; assim não contaminarás a tua terra, que o SENHOR teu Deus te dá em herança”. E ainda, em Números 35:34: “Não contaminareis pois a terra na qual vós habitais, no meio da qual eu habito; pois *eu, o SENHOR, habito no meio* dos filhos de Israel”. Numa palavra, o Deus santo não podia habitar com a impureza. Quanto a essa abençoada verdade, Josué havia sido instruído pelo Príncipe do exército do SENHOR diante de Jericó; porém, ele a aprendeu somente por meio de lágrimas no vale de Acor, e depois as obedeceu prontamente no dia da vitória, com uma consciência que havia estado na escola de Deus.

O julgamento do rei de Ai contém ainda outra lição para nós. Não é sem motivo que Deus relaciona os fatos de Deuteronômio 21:18-23 com Josué 7 e 8: a expulsão do malfeitor do meio do povo e o julgamento do inimigo. Na prática será sempre assim. É necessário que a Igreja tire primeiro o mal do seu seio, para depois poder combater o mal que vem de fora e fazê-lo calar. Se o mal for tolerado na Igreja jamais encontraremos a firmeza e a certeza de tratar o inimigo como tal, sem tolerância, e de lhe atribuir, sem demora, o lugar que lhe corresponde segundo a Palavra de Deus; como está escrito: “o pendurado é maldito de Deus”.

Finalmente, outra coincidência de circunstâncias, nos versículos que estamos estudando, deve nos chamar a atenção. A forca do rei de Ai era o lugar do julgamento e da maldição sobre o inimigo de Israel; mas logo a seguir lemos que o próprio povo foi obrigado a permanecer no monte de Ebal, onde a maldição de Deus foi pronunciada sobre Israel! Esta terrível conclusão da lei, à qual Israel

não podia escapar, Deus aniquilou, em graça, por meio da cruz de Cristo[1].

A maldição pronunciada contra o homem responsável em Ebal, Cristo levou sobre a cruz, para nos resgatar dela. Na forca de Ai, Israel podia ver, em figura, o juízo pronunciado sobre seu maior inimigo, o diabo, que ali foi derrotado e aniquilado — é o que vemos na cruz de Cristo. Mas, como já mencionamos, também podemos ver ali toda a maldição que pesava sobre nós, em Ebal, removida para sempre e eternamente, a saber, na solene realidade do julgamento dAquele que tomou esse lugar por nós — o nosso amado Salvador e Senhor, Jesus Cristo. Em Gálatas 3:10 e 13 encontramos novamente a mesma relação bendita entre Ebal e a cruz: “Porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (cf. Deuteronômio 27:26). Estas palavras encerravam as maldições de Ebal, mas o apóstolo acrescenta: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gálatas 3:13; cf. Deuteronômio 21:23). Aqui nós temos o julgamento de Ai.

Mas há ainda outro resultado da disciplina: Israel, após a sua humilhação, está em condições de adorar. “Então Josué edificou um altar ao SENHOR Deus de Israel, no monte Ebal... e ofereceram sobre ele holocaustos ao SENHOR, e sacrificaram ofertas pacíficas” (vv. 30-31). O mesmo se dá conosco. Sem o autojulgamento não há comunhão, e sem comunhão não há adoração. O altar em Ebal era a provisão em graça para a maldição que a lei pronunciava sobre os transgressores. Sobre o altar encontramos a reconciliação, a base de toda verdadeira adoração; porém aqui encontramos o altar na presença de um povo ameaçado pela maldição se não obedecesse. *Nossa* adoração, pelo contrário, tem a cruz como ponto de partida e central — a cruz que pôs um fim à nossa maldição, e que deixa cair sobre nós somente a plena luz da graça divina.

Entretanto, esta mesma graça não enfraquece a responsabilidade dos amados filhos de Deus. Somente mediante o cumprimento de certas condições é que se toma posse da terra da promessa. Uma cópia da lei de Moisés devia ser escrita sobre grandes pedras levantadas e cobertas de cal (Deuteronômio 27:2-3;

Josué 8:32). Esta mesma lei foi lida em voz alta diante de toda a congregação de Israel (vv. 34-35). Não esqueçamos que Jesus Cristo é ao mesmo tempo, para nós, Redentor e Senhor; Aquele que nos manifestou graça e Aquele que possui todos os direitos sobre nós. O conhecimento da Sua graça nos enche de louvor e adoração; a consciência da nossa responsabilidade nos compromete a andar nosso caminho em santidade e verdade, a combater o bom combate, a tomar posse da boa terra da promessa!

---

1 É interessante que o *altar* que fora ordenado erigir para esta circunstância, foi levantado sobre o Monte Ebal, e não sobre Gerizim. O altar sobre Ebal formava, por assim dizer, um contrapeso em graça para a maldição.

CAPÍTULO 9

A Cilada de Gibeom

Na medida em que avançamos no estudo destes capítulos, aprendemos a conhecer o inimigo do povo de Deus sempre sob novos aspectos. Satanás sabe conduzir a guerra; sabe dispor corretamente os atiradores, sabe atacar de frente e abertamente, esmagar as fileiras, mas também sabe usar de sutilezas, enganar astuciosamente, atrair para as armadilhas. Jericó, o grande obstáculo, havia caído mediante a fé, mas Satanás não se deu por vencido. Dirige-se, como vimos, aos desejos e cobiças humanas — e o anátema entra no acampamento de Israel! Ocupa as almas com suas vitórias e a autoconfiança se apodera dos corações. Israel se esquece da armadura perfeita de Deus e se enreda nas armadilhas do inimigo. Todavia, esta vitória de Satanás é a escola de Deus para os justos. Estes desistem da autoconfiança; compreendem o que a santidade de Deus exige deles; procuram sua proteção na Palavra de Deus; chegam, enfim, à percepção da sua séria responsabilidade que, segundo parece, até então estavam pouco conscientes.

No capítulo 9 encontramos, especialmente, “os ardis do diabo”, e é contra eles que a Palavra de Deus nos adverte tão expressamente. Para poder resistir às astutas ciladas do diabo é necessário estarmos revestidos “de toda a armadura de Deus” e devemos nos fortalecer “no Senhor e na força do seu poder” (Efésios 6:10-11). A Epístola aos Efésios, como os primeiros capítulos de Josué, nos apresenta a força e o poder de Deus sob diversos aspectos. Em Efésios 1:19, o “*seu poder sobre nós, os que cremos*”, corresponde ao que encontramos, em figura, na passagem pelo Jordão. Em Efésios 3:16 e 20, o *Seu poder* em nós corresponde aos alimentos dispostos na mesa divina em Josué 5. Finalmente, em Efésios 6:10, encontramos o *Seu poder conosco* e todas as peças da armadura que são necessárias para a batalha com o poder do mal, como nos mostram os capítulos seguintes em Josué. Já vimos quais instrumentos Deus utiliza para Se glorificar neste combate. São seres tão fracos que, absolutamente, não podem ser independentes do SENHOR. Tenho observado, repetidamente, que Deus Se serve de dois tipos de instrumentos

para realizar Sua obra. Em primeiro lugar, instrumentos sem nenhum valor próprio: Deus escolheu as coisas loucas, fracas, vis e desprezíveis deste mundo, “e as que *não são*, para aniquilar as que são” (1 Coríntios 1:27-28). Poderíamos acentuar mais ainda o nada dos seres que Deus Se digna a utilizar?! Porém, Deus também utiliza instrumentos que, aos olhos dos homens e aos Seus próprios olhos, possuem grande valor. Saulo de Tarso era um homem de reputação, instruído, religioso, enérgico, conscienciosо. Aparentemente, não lhe faltava nada para que Deus pudesse utilizá-lo para Sua obra. Pois bem! Deus o toma, o lança ao chão no caminho para Damasco e, por assim dizer, quebra em pedaços aquele vaso que parecia precioso. Somente então Ele diz: Agora posso te utilizar.

A consciência da nossa nulidade como instrumentos nos mantém numa dependência constante da mão que Se serve de nós; e este é o caminho do poder. Foi assim diante de Jericó; entretanto o povo ainda precisou aprender que, *sem dependência*, se tornava presa de Satanás. Ao terminar a descrição das peças da armadura de Deus, o apóstolo acrescenta: “Orando em *todo* o tempo com *toda* a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com *toda* a perseverança e súplica” (Efésios 6:18). A oração é a expressão da dependência; a oração contínua, constante, perseverante, exprime uma dependência que se tornou um hábito abençoado. Ora, a principal falha dos israelitas, no capítulo 9, foi que “*não pediram conselho ao SENHOR*” (v. 14). Vimos, no final do capítulo precedente, qual o valor que a Palavra de Deus havia alcançado novamente a seus olhos; mas aqui eles se esquecem de falar com Deus, para ter comunhão com Ele em Seus pensamentos. Quão habilmente Satanás soube tomar do povo o sentimento da sua dependência! Primeiro ele os intimida por meio de um espetáculo assustador: a inimizade do mundo — se levanta diante deles uma confederação de reis reunidos para a guerra (vv. 1-2). Satanás começa dirigindo seus olhos a este terrível poder bélico, pronto a esmagá-los; depois, sem transição, por assim dizer, lhes oferece o *seu* recurso: os habitantes de Gibeom vêm ao acampamento em Gilgal. Israel não estava preparado para isso; não tinha vestido toda a armadura de Deus. Os príncipes da congregação não

reconheceram aquilo que as pessoas simples do povo perceberam, ao menos por um momento (vv. 7,18). E assim sucede frequentemente, ainda hoje: a visão clara e simples encontra-se nos humildes, e somente essa visão tem o discernimento verdadeiro e de acordo com Deus.

"Fazei, pois, agora, acordo conosco", dizem os gibeonitas (v. 6). Que boa ocasião para Israel! "Tendes o inimigo na vossa frente", segreda-lhes Satanás, "eis aí um excelente meio de vencê-lo". Esses homens vieram com toda a sorte de boas intenções; eles procuravam a proteção do povo de Deus e reconheciam a sua supremacia moral e espiritual. "Nós somos teus servos" (v. 8), dizem eles a Josué; o que realmente era propício para torná-lo favorável a si. Então, eles louvam o poder do Deus de Israel, e o que Ele tinha feito no Egito e no deserto. Contudo, não disseram palavra alguma daquilo que havia acontecido em Canaã. Satanás teria se traído se quisesse falar sobre os lugares celestiais e seus combates ali. Vemos que os gibeonitas tinham um caráter bem definido, convicções religiosas destacadas. É verdade, porém, o que eles eram na realidade? Nada além de cananeus disfarçados; é o mundo sob a aparência da piedade, o mundo *religioso*. Até ali, Israel havia sido guardado de procurar algum socorro humano; porém, como é possível resistir àqueles que confessam seguir o mesmo alvo e as mesmas aspirações? Uma aliança com tais não seria algo legítimo? Nós reconhecemos o Senhor, tal como vós, dizem eles; e podemos, como vossos servos, ajudar onde for necessário!

Ah!, quão pouco os filhos de Israel se lembraram neste momento, que os gibeonitas eram exatamente aqueles cananeus que, segundo a ordem terminante de Deus, eles deviam exterminar da terra da promessa! Caem, pois, na armadilha do inimigo; negligenciaram consultar o SENHOR e tomam, em sinal de comunhão, das provisões desses homens (v. 14). A aliança de paz está feita; *o mundo é recebido no seio da congregação de Israel*. Que diabólico artifício! Satanás oferece ao povo um meio de vencer o inimigo, o mundo — e esse meio consiste em introduzir o mundo no arraial! Satanás se oferece a si próprio como aliado para vencer a ele mesmo! Ele sabia muito bem que, desde o momento em que a

porta fosse aberta ao mundo, qualquer outra ação da parte dele lhe seria grandemente facilitado.

Mas estas coisas não nos recordam precisamente a história da Igreja? Já desde o tempo dos apóstolos, as almas dos cristãos são seduzidas pela bela aparência de uma religião terrestre e mundana, a qual procura penetrar no meio dos cristãos para fazê-los perder de vista a sua posição, seus interesses, e seu alvo celestial; e que ainda procura induzir seus corações para a aliança com um mundo que crucificou a Cristo. Infelizmente, Satanás alcançou muito bem sua intenção. E, finalmente, o apóstolo teve de dizer aos cristãos: “onde habitas, que é onde está o trono de Satanás... entre vós, onde Satanás habita” (Apocalipse 2:13). De agora em diante, e infelizmente, o combate já não é somente com os inimigos de fora; trata-se de resistir ao poder do mal na Igreja. Porém a graça de Deus está com Israel; e ainda que este capítulo nos apresente a introdução do mal na congregação, não vemos ainda o seu desenvolvimento. Deus nos livra de certas consequências do nosso pecado, deixando outras persistirem. O povo de Deus teve de fazer essa triste experiência: os gibeonitas deviam ficar no seu meio, como testemunho perpétuo da sua falta. Após algumas murmurações contra os principais responsáveis, os filhos de Israel são levados a uma apreciação mais justa do seu dever.

Este dever consistia em suportar entre eles os gibeonitas; mas, ao mesmo tempo, lhes apontaram o lugar que lhes convinha, a saber, o lugar sob a maldição: “Agora, pois, sereis malditos”, disse-lhes Josué (v. 23). Israel somente podia considerá-los como uma geração maldita. O julgamento executado no rei de Ai também foi pronunciado sobre eles; entrementes, eles eram guardados apenas por meio do nome do SENHOR. Israel não podia tocá-los; devia suportar a sua humilhação, porém, daqui em diante devia evitar qualquer comunhão com aqueles que foram deixados sob o peso da maldição divina.

O mesmo se dá conosco na Igreja: temos de sofrer as consequências da nossa infidelidade e reconhecer o humilhante fato de que o mal entrou na Casa de Deus. Porém, se somos fiéis, embora aquelas consequências pesem sobre nós, podemos, ainda assim, distinguir aquilo que é de Deus daquilo que somente leva o

Seu Nome. É a Palavra de Deus que expõe à luz essa lamentável mistura e a revela a nós; e a fé deixa o mundo religioso sob a maldição, embora, ao mesmo tempo, exerça a graça com vistas a ele.

Em 2 Samuel 21, encontramos o fim da história dos gibeonitas. Vemos ali, claramente, que a intenção de Deus não consistia, de modo nenhum, em tirá-los do lugar que eles haviam usurpado na congregação de Israel. Saul, animado de um zelo impetuoso pelo povo — mas de modo nenhum por Deus, porque os pensamentos de Deus lhe eram estranhos — tinha procurado exterminá-los. Passam-se anos, e eis que um terrível flagelo se abate repentinamente sobre Israel. Davi procura a face do SENHOR e pergunta sobre a causa daquela calamidade, "e o SENHOR lhe disse: É por causa de Saul e da sua casa sanguinária, porque matou os gibeonitas" (2 Samuel 21:1). A carne, que introduziu o mal, gostaria de livrar-se dele tão rápido quanto possível. Mas o caminho de Deus é totalmente outro; primeiramente, é necessário que os Seus filhos sintam o mal, e assim se manifesta a sua comunhão com Ele no dia mau. Em Ezequiel 9:4, o SENHOR ordena ao anjo que marque com um sinal a testa dos homens que gemem e que suspiram por causa de todas as abominações que se cometiam em Jerusalém. Assim, aqueles que *sentiam o mal* foram expressamente colocados em segurança diante do destruidor.

E o mesmo se dá conosco, amados leitores, nestes últimos dias. Não se trata de tomar a espada e exterminar o mal, mas de gemer e de suspirar, e de dizer: "A culpa é minha". Nós não podemos purificar o lugar; somente resta nos humilharmos, purificando-nos a *nós mesmos* dos vasos de desonra.

Isso, um cristão mundano jamais compreenderá; a presença do mundo na Igreja não o humilha; pelo contrário, ele a defende! Estima que é impossível distinguir os gibeonitas dos filhos de Israel, e, longe de considerá-los malditos, de não lhes reconhecer parte alguma na bem-aventurada liberdade dos filhos de Deus e de declará-los estranhos para o povo de Deus (ver Deuteronômio 29:11), sente-se tentado a tornar-se seu servo, cortar lenha e tirar água para a casa do seu deus!

Os sete filhos de Saul foram enforcados e se tornaram maldição por causa desse ato sanguinário que, segundo a opinião de Saul deveria purificar a congregação, exterminando os gibeonitas do meio dela. Quantas vezes a história da Igreja não nos apresenta casos semelhantes? A exterminação dos hereges, verdadeiros ou supostos, não era diferente do crime de Saul. Mas o crime será julgado naqueles que o cometeram.

Que Deus nos conceda a graça de dependermos continuamente dEle, a fim de podermos escapar dos astutos ataques do diabo. Este capítulo nos fala apenas de uma das suas astúcias; porém, se repararmos bem, perceberemos que todos os seus ataques têm por objetivo desviar nosso olhar das coisas celestiais e degradar nosso cristianismo a tal ponto que, por fim, se torna algo no qual o mundo pode ter comunhão conosco.

CAPÍTULO 10

A Vitória em Gibeom

Antes de entrarmos neste assunto, gostaria de fazer algumas observações. Quanto mais medito nestes primeiros capítulos de Josué, mais admirado fico do papel que Satanás tem ali. Ele sabe fazer coagir as diversas circunstâncias para atingir o seu alvo; por elas, ele conduz os homens segundo a sua vontade, sem que eles percebam isso; por meio de suas insinuações, ele desperta resoluções no coração dos homens, que eles julgam ter tomado por própria e livre convicção; e, frequentemente, ele alcança o seu objetivo utilizando os filhos de Deus, que foram tolos o bastante para dar ouvidos a ele. No entanto, no meio de toda esta terrível atividade, *ele mesmo se mantém oculto*, e nenhum sinal faz sequer suspeitar da sua presença — sim, ele aparece tão pouco que o próprio mundo nega, de maneira geral, a existência de Satanás. O que ele tem a ver, dizem, com circunstâncias tão naturais como, por exemplo, as ambições, as disputas, ou os combates entre dois povos? E afinal, de que lado está a razão nesta luta? Quem é a parte agressora? Onde se encontra o espírito de crueldade, de destruição? Quem coloca emboscadas? Sejamos justos, e decidamos!

Estas são as perguntas e os pensamentos que Satanás desperta na alma. Eu dou ouvidos a ele, pondero, e me decido pelos cananeus contra Israel, por Satanás contra Deus. O inimigo teve êxito em *ocultar Deus de mim* por meio dos próprios fatos. Mas a Palavra de Deus faz exatamente o contrário: *revela-me Deus* e faz que eu O conheça na Sua plenitude em Cristo. Ele traz na Sua Pessoa a perfeita bondade e verdade, luz, justiça, e santidade. Imediatamente, Satanás é desmascarado; os seus desígnios, as suas astúcias, são plenamente expostos. A alma que conhece a Deus e que anda com Ele, não tem dificuldade alguma para julgar o bem e o mal deste mundo. A luz manifesta todas as coisas.

Todavia, Satanás não se dá por vencido. Ele se esforça para que as pessoas se decepcionem justamente com aqueles que colocam Deus acima de tudo e que são portadores do Seu testemunho. Após ter feito neles a sua obra corrupta, ele aponta pra

eles e diz: “São estas pessoas, porventura, melhores do que as outras? Eles falam de separação; mas olhem para Acã e para os gibeonitas! Eles falam de humildade; mas vejam a sua autoconfiança, o seu orgulho espiritual!”. Tal forma de argumentar convence, e o inimigo tem êxito em levar a alma a *rejeitar Deus* e Seu testemunho.

Outra observação segue-se a esta. Satanás tem dois grandes meios para corromper os filhos de Deus. O primeiro é o anátema, *o mundo que entra no coração*. Se esse mal for julgado e o coração se humilha, o inimigo se dará por vencido? Não. O segundo meio é a aliança com Gibeom, *o mundo que é introduzido na nossa conduta*. Em toda a nossa carreira cristã temos de nos guardar desses dois perigos; e, constantemente, essa pergunta se coloca: O Senhor é suficiente para o meu coração ou ainda busco algo que o mundo quer me oferecer? Será que não é possível sermos cristãos — *apenas* cristãos — em todo nosso comportamento, completamente separados do mundo (também do mundo religioso), e não andarmos de mãos dadas com ele e não ter nenhuma associação com ele, seja de qualquer tipo? Frequentemente, Satanás tem conseguido prender em seus laços os remidos do Senhor, e ainda o consegue hoje. A ruína da Igreja começou com o anátema; com a história de Ananias e de Safira ocorreu a sua primeira queda. Em seguida, entrou em aliança com Gibeom, com o mundo. Falando apenas dos princípios dessa aliança, precisamos dizer que eles já se revelavam nos tempos do apóstolo Paulo. Ele próprio os denuncia na sua primeira Epístola aos Coríntios. Eles teriam gostado de atrair os sábios e os ilustres deste mundo com a finalidade de presumir com seu cristianismo, mas os seus motivos eram mundanos e carnais. Portanto, tais são os princípios de Gibeom no meio da Igreja de Deus.

Israel reconheceu a sua falta em Gibeom e confessou por meio da sua conduta; teve que carregar as consequências humilhantes disso, e encontra nisso, como temos visto, a aprovação de Deus. Mas Satanás ainda não chegou ao fim das suas intrigas. Uma nova confederação de reis se organiza; desta vez, porém, não contra Israel, mas *contra Gibeom*. Os gibeonitas enviam mensageiros ao acampamento em Gilgal, dizendo: “Não retires as tuas mãos de teus

servos; sobe apressadamente a nós, e livra-nos” (v. 6). Israel deverá subir? Qualquer que seja a decisão, Israel está rodeado de perigos. Não subir e deixar que Gibeom fosse exterminado por outros teria sido um excelente meio para se livrar das consequências do seu erro; porém, que teria sido então da sua humilhação? Onde teria ficado sua honradez diante de Deus e dos homens? Subir, porém, teria significado o reconhecimento definitivo e aberto da aliança com o mundo. O que eles deveriam fazer? Satanás gosta de preparar tais dificuldades muitas vezes. Ele coloca a alma diante da escolha de dois caminhos, ou decisões, cheios de perigo. Quantas vezes ele tentou, dessa maneira, até mesmo Àquele que é perfeito em Seus caminhos! Como podemos sair de tal dificuldade? Pela simples dependência de Deus, realizada na escola de Gilgal. Esse é o único caminho correto sobre o qual é aprendida a lição — que deve ser aprendida da armadilha de Gibeom — e o plano de Satanás será frustrado!

Todavia, não basta estar em Gilgal, já falamos isso no decorrer destes capítulos; isso não preserva Israel. Os gibeonitas tinham encontrado Josué e os homens de Israel no arraial de Gilgal (cp. 9:6) quando lhe colocaram aquela armadilha, cujo resultado já conhecemos. O que nos falta muitas vezes é a aplicação prática da cruz de Cristo a todos os pormenores da nossa vida na carne. Está escrito: “Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra” (Colossenses 3:5). Não é apenas necessário permanecer em Gilgal (v. 6), mas também é necessário partir de Gilgal (v. 7); e também retornar para Gilgal (v. 15). A circuncisão e Gilgal são duas coisas inseparáveis. A primeira, por si só, não basta para nos guardar das quedas; e Gilgal sem a circuncisão serviria apenas para fazer de nós, monges, pois o homem natural pode se comprazer em uma separação exterior do mundo para se gloriar (cf. Colossenses 2:20-23).

Todavia, como já dissemos, esse autojulgamento produz aquela separação que se manifesta numa relação íntima e feliz com Deus, assim como a alma não havia conhecido antes em tal medida. O SENHOR fala a Josué (v. 8); Josué fala ao SENHOR (v. 12), e o SENHOR lhe responde (v. 14). O encorajamento, o poder e a vitória são os frutos benditos dessa dependência, que mantém a nossa

alma em uma constante união com Ele. Sim, agora o SENHOR não precisava mais tomar partido *contra* Israel, assim como em Ai; Ele apenas podia combater *para* eles (vv. 11-14). Também vemos que eles alcançaram a vitória mais notável que a Palavra de Deus registra. “E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele” (v. 14); um dia que durou, aproximadamente, o dobro que o habitual, para que o povo pudesse explorar plenamente a sua vitória. O Deus da terra e do céu, o Deus de toda a criação declara desse modo, de forma compreensível para qualquer um, que Israel é o objeto do Seu especial favor — justamente este povo que fora ferido diante de Ai, que se deixou enganar por Gibeom, e cuja conduta poderia ter cansado a paciência de Deus; mas um povo julgado, humilhado, com o coração quebrantado, pois é isso que Deus não despreza (cf. Salmo 51:17)! E este Deus escuta “a voz de um homem” (v. 14).

Amados leitores, estamos todos na mesma condição. Por muito fracos que sejamos, podemos nos dirigir a Ele pelo Espírito de Cristo, e nos atrever até as mais altas petições. Nada era demasiado grande e elevado para Josué. Ele conhecia o coração do SENHOR, e sabia qual o lugar que o Seu povo ocupava nele; podia pedir-Lhe que pusesse os céus, o sol e a lua ao serviço dos Seus bem-amados!

Desse momento em diante, Israel marcha de vitória em vitória; não devia haver mais paradas (v. 19); é preciso aniquilar os inimigos, até o último homem. Os cinco reis são presos e enforcados em cinco madeiros; uma experiência precedente ajuda a Josué a discernir o seu caminho, porque ele havia feito essa experiência com Deus. Agora, Josué tem o *hábito* de fazer aquilo que corresponde à santidade de Deus (vv. 26-27). Encorajado pela palavra de Deus (v. 8), ele próprio encoraja o povo (v. 25). Maquedá, Libna, Laquis, Gezer, Eglom, Hebrom, Debir, designam apenas novas etapas no caminho de vitória do povo. Eles tomam posse da sua herança, e depois voltam “ao arraial em Gilgal” (v. 43).

CAPÍTULO 11

A Vitória em Hazor

Tendo chegado à descrição do último combate, que abriu definitivamente toda a terra da Palestina diante de Israel, lembremo-nos mais uma vez, que a conquista ou a tomada de posse de Canaã é o grande tema do livro de Josué, e que a terra da promessa corresponde, para nós, aos lugares celestiais. Porém, em meio às abençoadas coisas que os lugares celestiais contém para nós, temos uma posse especial, que é *Cristo*. Nós somos abençoados "com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais *em Cristo*" (Efésios 1:3). Deus quer que os nossos corações se apropriem das riquezas dAquele em quem estamos, e que entremos nessas coisas, de modo que elas se tornem mesmo nossas. Não falo de entrarmos ali pela inteligência; esta pode, de certo modo, apreendê-las, mas nunca as compreenderá verdadeiramente e de forma durável. Tudo aquilo que não for apreendido pela fé escoa-se das nossas mãos como a água. É preciso que todas as nossas afeições estejam nessas coisas, para que elas realmente se tornem nossa propriedade; e, acima de tudo, é preciso um objeto vivo para as nossas afeições, porque, fora de Cristo, as próprias coisas celestiais jamais preencheriam os nossos corações. Eis porque nos é dito: "Buscai as coisas que são de cima, *onde Cristo está* assentado à destra de Deus" (Colossenses 3:1).

Tal é o grande tema do livro de Josué, mas outro assunto se agrega a este. Quando Deus coloca as coisas celestiais perante as nossas almas, Satanás procura, por todos os meios ao seu alcance, nos impedir do usufruto delas. Daí o combate aberto ou velado que temos de passar, cujos resultados serão, inevitavelmente, derrotas, se Satanás conseguir desviar o nosso olhar e coração de Cristo para dirigi-lo sobre o mundo, sobre "as coisas da terra", ou sobre nós mesmos. Nos primeiros 11 capítulos do livro de Josué, encontramos as diversas maneiras de como Satanás procura nos atrair. Se nossos corações forem íntegros e sinceros diante de Deus, Ele virá nos ajudar por meio dessa experiência para nos ensinar a desconfiarmos mais de nós mesmos e a colocar nossa confiança inteiramente nEle, e, aos poucos, levar-nos a ocupar

aquela posição sublime e elevada de um cristão que anda humildemente neste mundo, e cujo coração tem as suas afeições no céu.

No capítulo 11, vemos uma derradeira confederação de inimigos se reunindo, que se relaciona com aquela do capítulo 9 (aquela do capítulo 10 fora aniquilada), para constituir um formidável exército: “Muito povo, em multidão como a areia que está na praia do mar” (v. 4). Agora, Satanás procura esmagar Israel *pela multidão* de seus inimigos. É a *inimizade* aberta, explícita, do mundo contra o povo de Deus. Já não se trata de astúcia ou fingimento, mas sim de uma luta em campo aberto — é o que sempre encontraremos quando, num espírito de humilde dependência e de submissão à Palavra de Deus, tivermos frustrado as intrigas do inimigo. Ele se encarregará de levantar o mundo contra nós. Os homens aliam-se para fazerem guerra contra Deus, quando a sua inimizade contra Ele atinge o ápice. Habitualmente, eles se aliam com a finalidade de melhorar e reformar o mundo; eles formam sociedades políticas, filantrópicas, religiosas, que querem civilizar, instruir, moralizar os seus semelhantes. E quão pouco cristãos percebem que por detrás dessa atividade, aparentemente louvável, se encontra escondida uma inimizade contra Deus e Sua Palavra, e contra os desígnios da Sua graça. Deus não busca melhorar o homem. Se o fizesse, faria a Sua própria Palavra mentirosa, pois esta o declara perdido e sem recurso. Ora, se esta verdade humilhante, mas fundamental, não for aceita, nega-se a necessidade de salvação, de redenção pelo sangue de Cristo. Em suma, as melhores alianças dos homens são, no fundo, nada mais que uma guerra dissimulada do homem natural contra Deus. Neste capítulo encontramos *a guerra aberta* contra Ele, isto é, Ele na pessoa dos Seus santos. Os tempos do fim manifestarão essa inimizade do homem, que então terá alcançado seu ponto mais elevado, quando Satanás instigará o mundo contra o fiel remanescente de Israel, o testemunho de Deus naqueles dias. A confederação nesse capítulo tem um chefe; um lugar de concentração, a grande cidade de Hazor, que “era a cabeça de todos estes reinos” (v. 10); um exército inumerável, muitíssimos cavalos e carros (v. 4). O mundo inteiro, com todas as suas forças bélicas, está aliado contra Israel. Em princípio, estas coisas ainda se

repetem hoje. Lemos em 1 João 5:4 que “todo o que é nascido de Deus *vence o mundo*; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”. Também está escrito que “sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já *vencestes o maligno*”, isto é, o príncipe deste mundo (1 João 2:14). Notamos, nestas duas passagens, que as armas da nossa guerra são: a fé e a Palavra de Deus; o que não devemos esquecer. É pela Palavra de Deus que esses “jovens”, à semelhança de Cristo no deserto, venceram a Satanás. Neste capítulo aparece a mesma verdade. A partir do capítulo 8, a Palavra de Deus havia encontrado o seu correto lugar no coração e nos pensamentos de Josué e do povo. No capítulo 10, eles guardam esse lugar (vv. 27,40); no capítulo 11, se tornou como um hábito de direcionar-se em tudo segundo a Palavra de Deus: “E fez-lhes Josué como o SENHOR lhe dissera” (v. 9); “destruindo-os totalmente, como ordenara Moisés servo do SENHOR” (v. 12). E lemos ainda: “Como ordenara o SENHOR a Moisés, seu servo, assim Moisés ordenou a Josué; e assim Josué o fez; nem uma só palavra tirou de tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés” (v. 15); ele os destruiu totalmente, assim “como o SENHOR tinha ordenado a Moisés” (v. 20). Portanto, para Josué não bastava obedecer a um único mandamento (como no versículo 9, e como ele fez anteriormente com frequência), nem se deu por satisfeito de deixar para outros a execução dos mandamentos do SENHOR e de Seu servo Moisés; não, quando este homem de Deus chegou ao final da sua grande carreira *ele não havia omitido nenhuma palavra de tudo aquilo que o SENHOR ordenara a Moisés*! Toda a Palavra de Deus, tal como lhe tinha sido comunicada então, era o objeto da sua minuciosa atenção e dirigia tudo o que fazia. Que poder que isto concede! No capítulo 8, a Palavra de Deus formava o coração e os pensamentos de Josué; aqui, esta espada do Espírito fortalece o seu braço. Satanás não pode nada contra ele.

Notemos como nesta escola da Palavra de Deus aprendemos a julgar todos os recursos do poder humano. O crente reconhece que o lugar destes recursos é apenas no julgamento, e obedece a este discernimento. Segundo a Palavra de Deus, “Josué... seus cavalos jarretou, e os seus carros queimou a fogo” (v. 9). Depois “a Hazor queimou a fogo” (vv. 11,13). A capital do mundo não pode, de modo

nenhum, vir a ser um centro para Israel. Isto é sempre verdadeiro, quer se trate de Hazor, de Roma ou de Babilônia; e se Babilônia não está ainda queimada a fogo, nós já a devemos ver dessa forma. Todos os princípios deste mundo, aquilo que o governa, o que constitui o seu centro de atração, devem ser, para nós, algo já julgado, com o qual não temos nenhuma parte — como também Israel não tinha nada em comum com Hazor. As outras cidades permanecem; Israel apenas as saqueia, de acordo com a Palavra de Deus, para fazer valer o seu direito de plena possessão da terra de Canaã. A vitória era grande e o julgamento foi completo: "nada do que tinha fôlego deixaram com vida" (v. 14). A espada exercera o seu julgamento de destruição, assim como o SENHOR havia ordenado. Desse relato, o cristão com a mente espiritual percebe que somente é fidelidade da parte do crente quando ele leva *ao homem* sob a espada do julgamento, sem misericórdia ou tolerância. Nada do homem tem direito na terra da promessa, ele deve ser erradicado completamente deste lugar.

Ah!, se este princípio permanecesse inalterado, quão belo e digno de Deus seria! Porém, infelizmente, em breve veremos que este estado abençoado não teve longa duração.

Os Anaquins

Satanás está derrotado, o seu último exército destruído, as suas cidades tomadas. Que resta ainda? Israel encontra agora, no seu caminho, os objetos de terror que os tinham consternado e feito cair *no princípio*, a saber, esses anaquins, diante dos quais os corações de todos haviam derretido, de forma que não subiram ousadamente para tomar posse da boa terra. Os espiões haviam difamado Canaã, dizendo: "Também vimos ali gigantes, filhos de Anaque, descendentes dos gigantes; e éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também éramos aos seus olhos" (Números 13:33). Mas que impressão poderia produzir os filhos de Anaque sobre o espírito daquele que segue em frente com a Palavra de Deus? Este tem a vitória assegurada! "Naquele tempo veio Josué, e extirpou os anaquins" (v. 21). E o que foi das suas cidades, "cidades grandes, e muradas até aos céus"? (Deuteronômio 9:1). "Josué as destruiu totalmente" (v. 21).

Josué recebeu a Palavra de Deus; contava com a Sua promessa: “O SENHOR teu Deus, que passa adiante de ti, é um fogo consumidor, que os destruirá, e os derrubará diante de ti” (Deuteronômio 9:3). Como os nossos temores e terrores de outrora nos parecem pequenos e miseráveis quando andamos com Deus! O que é um homem de “seis côvados e um palmo” com “uma couraça de escamas; e... o peso da couraça de cinco mil siclos de bronze” diante do Deus Soberano, do Criador dos céus e da terra, do dominador de toda a terra, do “SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel” (1 Samuel 17:4-5,45)? Diante dEle tudo será abatido, e Ele pode abater tudo diante dos Seus. “E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés” (Romanos 16:20).

CAPÍTULO 12

Enumeração dos Reis Vencidos

Com este capítulo, entramos na segunda parte do livro de Josué. A primeira parte, capítulos 1-11, nos apresenta as vitórias de Josué (figura de Cristo que, no poder do Seu Espírito, habita no meio dos Seus), o qual proporcionou para Israel a entrada na posse das coisas prometidas. No decurso das suas vitórias, o exército do SENHOR (e o próprio Josué, quando não o consideramos mais como figura, mas sim como um homem sujeito às fraquezas) fez, sem dúvida, muitas experiências da sua fraqueza; e essas experiências não podem faltar, desde o momento em que *nós* entramos em cena como instrumentos do poder divino. Mas o ponto mais importante apresentado no livro de Josué é a graça — a qual dá a vitória a Israel para que este possa estabelecer-se em Canaã — e não a responsabilidade do povo, uma vez introduzido na terra. Na verdade, esta parte da história de Israel começa no livro de Juízes; e quão grande é o contraste entre estes dois livros! Que frescor e que força encontramos no livro de Josué, onde o poder do Espírito de Cristo atua livremente em vasos fracos, mas cheios desse poder; e que declínio súbito e completo encontramos no livro de Juízes, onde uma nova geração se levanta, uma geração que não tinha conhecido Josué e que estava entregue à sua própria responsabilidade para guardar o que Deus lhe tinha confiado! A história da Igreja nos oferece os mesmos fenômenos. Leia, por exemplo, a primeira Epístola aos Tessalonicenses, e depois leia as cartas às sete igrejas no livro de Apocalipse, e reconhecerás imediatamente a grave diferença entre a obra perfeita — operada por Deus no princípio, obra de poder e graça, que espalha amplamente à sua volta todo o aroma agradável da sua origem — e a obra confiada às mãos do homem e à sua responsabilidade, e, como tal, se tornou o objeto do juízo de Deus.

O capítulo 11 termina com estas palavras: “E a terra descansou da guerra” (v. 23). Após a vitória, segue a paz! É sempre assim! Deus não nos concede somente a vitória; mas nos faz usufruir dos seus frutos. Se tivermos andado fielmente na senda do combate, sob a condução do Espírito Santo, encontraremos ao fim o gozo

pacífico dos nossos bens celestiais, esta recompensa espiritual da fidelidade, a qual é encontrada, em figura, nos capítulos que agora iremos estudar. O que se realizava outrora para todo o povo (cf. cp. 21:44), realiza-se agora, de igual modo, para cada crente, individualmente. Após a vitória de Calebe, nós lemos no capítulo 14:15: “e a terra repousou da guerra”.

Amados leitores, a luta em que estão envolvidos os desencoraja? Estão tentados a lançar fora as armas? Vocês dizem: Isso é demais para mim? Vocês não compreenderam que a luta quer vos conduzir àquele abençoado momento em que Deus dirá: “E a terra repousou da guerra”?

A segunda parte deste livro (cps. 12-24) trata da divisão da terra. Após a vitória, a posse. Mas, de que maneira o povo entrará no gozo da sua herança? Mas veremos também, além da graça de Deus que dá o gozo dos Seus dons, que logo aparece a mesma fraqueza no povo, que já havia sido manifestada no combate.

O capítulo 12 contém uma enumeração das vitórias de Israel. Trinta e três reis, dos quais dois dalém do Jordão, caíram perante o Príncipe do exército do SENHOR. Deus atribui as vitórias que Ele deu, a Seu povo. Tudo aquilo que a graça tem produzido em nós, tudo o que a fé tem conquistado o Senhor atribui à fé!

Uma segunda verdade é esta: nossas vitórias somente são enumeradas quando a última batalha foi lutada. Enquanto não tiver atingido o alvo, o crente não deve ocupar-se dos seus êxitos. O apóstolo diz: “Esquecendo-me das coisas que atrás ficam” (Filipenses 3:13). Durante a corrida não é o momento de parar e demorar-se nas vitórias; o olhar deve estar dirigido à frente de forma constante, ansiosa, clara e penetrante. Cada olhar para trás era, para o apóstolo, não apenas uma perda de tempo, mas até mesmo algo ruim, pelo fato disso dividir os pensamentos, as afeições e o alvo do coração, impedindo o crente de fazer “uma coisa” (Filipenses 3:13-14).

Porém, quando o alvo uma vez for atingido, também será tempo de enumerar nossas vitórias; o próprio Deus Se ocupará disso, Ele próprio as enumerará! Corramos, pois, para ganhar Cristo. Combatamos para alcançarmos o prêmio. O fim do combate está próximo. Outros já correram à nossa frente. Que possamos

exclamar com eles: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Timóteo 4:7).

A Divisão da Terra

Vamos nos referir a este capítulo 13 juntamente com os capítulos 15 a 19, reservando o capítulo 14 para tema de uma meditação especial.

Todos os inimigos estão vencidos, mas nem todos exterminados. Sempre haverá inimigos, até a vinda do Senhor. “O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte” (1 Coríntios 15:26). Mas, para Israel, trata-se de expulsar seus inimigos da sua propriedade. Enquanto estes possuírem qualquer coisa, o gozo do povo de Deus não será completo, e, além disso, o fato de terem o inimigo no seu meio constitui uma permanente ocasião para a queda. Se o inimigo não for aniquilado completamente, se não conseguir lutar contra o povo, tentará seduzi-los. De fato, os inimigos remanescentes se tornaram em uma armadilha fatal para os israelitas que habitavam pacificamente na sua terra. Lemos a respeito das duas tribos e meia dalém do Jordão: “Porém os filhos de Israel não expulsaram os gesureus, nem os maacateus; antes Gesur e Maacate ficaram habitando no meio de Israel até ao dia de hoje” (cf. cp. 13:8-13). A respeito de Judá lemos: “Não puderam, porém, os filhos de Judá expulsar os jebuseus que habitavam em Jerusalém; assim habitaram os jebuseus com os filhos de Judá em Jerusalém, até ao dia de hoje” (cp. 15:63). E de Efraim: “E não expulsaram os cananeus que habitavam em Gezer; e os cananeus habitam no meio dos efraimitas até ao dia de hoje; porém, sendo-lhes tributários” (cp. 16:10). E por fim, de Manassés, lemos: “E os filhos de Manassés não puderam expulsar os habitantes daquelas cidades; porquanto os cananeus queriam habitar na mesma terra. E sucedeu que, engrossando em forças os filhos de Israel, fizeram tributários aos cananeus; porém não os expulsaram de todo” (cp.17:12-13; cf. Juízes 1:17-36). Ora, como vemos nestas passagens, pode se manifestar fidelidade em maior ou menor grau nos esforços para tornar os cananeus inofensivos, mas, de fato, nem uma só tribo estava à altura da sua vocação. E qual foi a consequência? Todos os princípios mundanos que Israel havia combatido não tardaram em entrar no meio de Israel. Lemos nos

livros dos profetas como as cobiças, a confiança nas suas próprias forças, a ambição de alianças com os gentios faziam parte de toda a existência do povo de Deus. Mas, além disso, a idolatria dos cananeus os corroeu como um câncer, e o fim foi que o povo se prostituía com todos os deuses dos gentios. A corrupção moral, a mentira, a injustiça, o desprezo de Deus, a violência, a rebelião aberta, numa palavra, tudo aquilo que constituía "a injustiça dos amorreus" (Gênesis 15:16) e pelo qual o juízo de Deus os havia atingido, foi a triste porção do povo de Deus. Finalmente, acontece o terrível; o próprio Israel, de certa forma, se coloca no lugar dos exércitos dos cananeus, os quais Satanás conduzia na batalha contra o SENHOR — rejeita e crucifica o próprio Cristo, o Filho de Deus!

O SENHOR tem grande paciência com Seu povo; enviou-lhes prementes apelos, de tempos em tempos enviou-lhes julgamentos, aos quais se seguiam tempos transitórios de refrigério e novos apelos. Deus disse: "Que mais se podia fazer à minha vinha, que eu lhe não tenha feito?" (Isaías 5:4). Por fim, porém, cai sobre eles o julgamento definitivo: são levados para além da Babilônia; foram dispersos entre as nações! Mas que maravilha! Quando o homem responsável chega ao final da sua história, que se encerra com o julgamento, ainda assim Deus tem meios e recursos para atingir Seu objetivo. Seus recursos ainda não estão esgotados. "Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento" (Romanos 11:29). Para poder abençoar a Israel, Deus o trará a Si em uma posição totalmente nova; Ele o fará participante do benefício do novo nascimento, conforme está escrito: "E tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne" (Ezequiel 11:19). Deus agirá sobre as suas consciências, para reconduzi-los; escreverá as Suas leis nos seus corações; lhes dará a consciência do perdão dos seus pecados e da bendita relação Consigo mesmo, na qual Ele os quer introduzir à Si. Assim serão reencontradas todas as bênçãos perdidas, mas numa maneira mil vezes mais abençoada. Disto, Oseias 14 nos mostra um quadro comovente; ali nós lemos como Israel, após seu retorno ao SENHOR e depois de ter Lhe implorado pelas bênçãos da nova aliança, exclama: "Tira toda a iniquidade, e aceita o que é bom; e ofereceremos como novilhos os

sacrifícios dos nossos lábios" (v. 2). O remanescente rejeita toda a aliança com o mundo, toda a confiança na força do homem, todos os falsos deuses, e, no seu isolamento, aprende a conhecer a misericórdia de Deus, de quem depende toda a bênção para si: "Não nos salvará a Assíria, não iremos montados em cavalos, e à obra das nossas mãos já não diremos mais: Tu és o nosso deus; porque por ti o órfão alcança misericórdia" (v. 3).

Note ainda, nestes capítulos, os minuciosos cuidados que o Espírito de Deus toma para definir o lugar e os limites de cada tribo, a fim de que todas elas tomem conhecimento e para que possam se dar conta exata da sua parte da herança. E o mesmo se dá ainda hoje com os crentes individualmente. Deus tem dado a cada um de nós um lugar e uma função bem definida no corpo de Cristo. Cada membro de Cristo tem o dever de ter isto sempre bem presente e agir de acordo, para que essa energia da vida, que flui da Cabeça para os membros, encontre nestes, instrumentos adequados e sempre bem dispostos para a Sua obra; uma obra para a qual todos devem contribuir, levados pelo mesmo impulso: "Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor" (Efésios 4:15-16).

A Parte da Tribo de Levi

Finalmente, lancemos um olhar para a porção da tribo de Levi (cp. 13:14,33). Segundo a ordem do SENHOR, nem Arão (Números 18:20), nem os sacerdotes, nem toda a tribo de Levi (Deuteronômio 18:1) podiam ter uma herança em Israel. A sua herança era, por um lado, "o SENHOR Deus de Israel", e, por outro, "os sacrifícios queimados do SENHOR Deus de Israel". E o mesmo se dá conosco, cristãos, Seu povo celestial. Nós não temos nenhuma parte neste mundo; o nosso privilégio consiste em estarmos diante de Deus e servi-Lo; sim, mais ainda, possuir a Ele próprio, ter comunhão com Ele nos lugares celestiais, comunhão com o Pai e com o Filho que está ao Seu lado. Nossa parte no Filho consiste também nos "sacrifícios queimados ao SENHOR", isto é, Cristo, segundo toda a perfeição da Sua obra e da Sua Pessoa perante Deus; Cristo, o

Homem perfeito, a oferta de manjares de flor de farinha, ungido com azeite e coberto de incenso; Cristo, o holocausto, o sacrifício pelo pecado; enfim, tudo aquilo no qual Deus encontra as Suas delícias eternamente. Nós temos comunhão com o Pai e com o Seu Filho Jesus Cristo.

Cristo, Ele mesmo, nosso Modelo, o Levita puro e sem mácula, o Servo perfeito, fez as mesmas benditas experiências durante a Sua caminhada neste mundo. Dirigindo Seu olhar para a terra, Ele diz: “O SENHOR é a porção da minha herança e do meu cálice”; olhando para cima, para o céu, Ele acrescenta: “As linhas caem-me em lugares deliciosos: sim, coube-me uma formosa herança” (Salmo 16:5-6).

Enfim, amados leitores, o que constitui a nossa porção atual também é a nossa parte futura; para os sacerdotes da tribo de Levi, esta bênção se cumprirá igualmente, a saber, quando Israel gozará em paz da glória milenar sob o governo do Messias. Falando desse tempo bendito, o profeta Ezequiel nos diz: “Eles terão uma herança: *eu* serei sua herança. Não lhes dareis, portanto, possessão em Israel; *eu* sou sua possessão” (cp. 44:28-30); e depois, o profeta continua mostrando como as ofertas do SENHOR também serão a sua parte naquele tempo glorioso.

Quando abrimos o livro do Apocalipse notamos que a cena celestial, relatada nos capítulos 4 e 5, *nos* fala das mesmas coisas? Sim, uma comunhão perfeita com Deus e com o Cordeiro será a parte da nossa herança, *eternamente*!

CAPÍTULO 14

A Persistência de Calebe

Gostaria de me demorar um pouco mais neste capítulo por causa do seu significado prático. Calebe é um exemplo da perseverança na fé. Deparamo-nos com o seu nome, pela primeira vez em Números 13:6; quando Moisés enviou, desde o deserto de Parã, um homem de cada tribo para espiar a terra. Entre estes doze homens encontravam-se Calebe, o filho de Jefoné, e Oseias, filho de Num, ao qual Moisés chamou de Josué (vv. 8,16).

Daquele momento em diante, encontramos o nome de Calebe tão intimamente ligado ao de Josué que podemos dizer: os dois são inseparáveis (cf. Números 14:30, 38; 26:65; 34:17-19; Deuteronômio 1:36-38; Josué 14:13). Eles espiaram a terra juntos; peregrinaram juntos pelo deserto, e entraram juntos em Canaã. Certamente era, antes de tudo, seu caráter especial como homens de fé que os unia tão intimamente, porém, encontramos na Palavra mais uma abençoada razão para a sua união. Josué é uma figura de Cristo Jesus, o Salvador, que introduz Seu povo no descanso da terra prometida; e Calebe anda em sua companhia. O grande nome "Josué", de certa forma, se equipara àquele de Calebe, e lhe grava o seu caráter. Ambos têm o mesmo modo de pensar, a mesma fé, a mesma confiança, a mesma coragem, o mesmo ponto de partida, a mesma conduta, a mesma perseverança, o mesmo alvo. Também é assim conosco, amados leitores? Estamos tão unidos com Cristo que os nossos nomes não podem ser expressados sem o Seu? Nossa existência deriva todo o seu valor do fato de que, pela graça, nos tornamos associados ao Senhor Jesus?

Em Números 13 lemos que os doze homens que Moisés havia enviado chegaram até Hebrom, dali eles continuaram até o vale de Escol, de onde trouxeram consigo os maravilhosos frutos de Canaã para mostrar a excelência da terra da promessa. Porém não era Escol que havia prendido os olhos e o coração de Calebe, como poderíamos estar inclinados a pensar. Sua fé o havia feito encontrar algo melhor. *Hebrom*, o lugar onde ele havia posto o seu pé, lhe é dado (cf. Josué 14:9). Ele havia carregado esse nome no coração desde aquele tempo, por 45 anos; e agora ele vem diante de Josué

para exigir para si, como possessão perpétua, “este monte de que o SENHOR falou aquele dia” (v. 12).

Este lugar tinha bastante fama. Para os olhos da carne, na verdade, ele só podia ser assustador; os terríveis anaquins habitavam ali, aqueles gigantes cuja simples menção havia feito derreter o coração do povo. Porém, que grandiosas lembranças este lugar de sepultura dos seus antepassados despertava no coração de Calebe! E justamente este lugar, com o qual estavam ligadas tão grandes lembranças, foi a parte desse fiel homem de Deus, como recompensa. Era ali que Abraão, o pai do povo, havia escolhido o lugar da sua habitação quando Ló preferiu as cidades da planície (Gênesis 13:18); ali, ele havia construído um altar ao SENHORe também havia recebido a promessa de Deus (Gênesis 18:1). Porém, Hebrom era, principalmente, *o lugar da morte*. Primeiro foi para Abraão, visto que ali morreu Sara (Gênesis 23:2), e ali ela também foi sepultada; também o próprio Abraão foi sepultado ali (Gênesis 25:10); e depois Isaque, seu filho (Gênesis 35:27-29); e, finalmente, Jacó e os patriarcas. Sim, Hebrom é o lugar do sepultamento, o lugar da morte, *o fim do homem*. Mas o que havia então de atraente ali? Nada, absolutamente nada quando se trata do homem natural. Porém, muito — sim, tudo — assim que a fé entra em cena. É um lugar especial, onde o crente encontra o fim do “eu”, é a cruz de Cristo. Porém, há mais para dizer em relação a Hebrom. Foi dali que José partiu para olhar pelos seus irmãos (Gênesis 37:14). Mais tarde, Hebrom se tornou uma cidade de refúgio e uma propriedade dos levitas (2 Samuel 2:1-4); pois com base da Sua *morte*, o Senhor Jesus foi ressuscitado e coroado com glória, e em virtude dessa morte o diadema da Sua dignidade real estará sobre Sua cabeça. Finalmente, foi em Hebrom onde todas as tribos de Israel reconheceram seu rei e se submeteram à ele (2 Samuel 5:1).

Não era Hebrom um lugar maravilhoso? Que lista de bênçãos está relacionada com ele! Hebrom, o lugar da morte, a cidade refúgio; o ponto de partida para as bênçãos e promessas de Israel, seu reinado e sua glória; o ponto de concentração quando a glória terá vindo; e, com tudo isso, o permanente objeto para o coração e as afeições de um pobre peregrino, que encontrou ali seu ponto de partida; porém, também o lugar do retorno para o lar, para o

descanso eterno! Que elevado valor devia ter este lugar para Calebe; lugar que, *aparentemente*, possuía menos atrações! Ele o desejava como herança permanente; a nossa parte na eternidade será perscrutar tudo o que expressa e contém este lugar digno de nota, único em seu tipo. Desde o início, a fé de Calebe teve uma compreensão para aquilo que a fé de Abraão havia encontrado ali: a saber, o fim do "eu", a ação de colocar de lado a si próprio, o velho homem e o que é passado. Também vemos em Calebe, um homem que se dirige pelo caminho sem confiar em si de alguma maneira, que depende apenas de Deus. Ele avança até alcançar seu alvo, o pleno gozo da sua promessa, até aquele lugar onde o homem encontrou seu fim.

Até agora vimos como duas coisas caracterizavam Calebe: primeiro, seu nome estava ligado de forma inseparável com o de Josué; e segundo, que um objeto especial havia atraído suas afeições e havia prendido seu coração de tal forma, que esse objeto não se desvaneceu da sua memória durante toda a duração da sua peregrinação pelo deserto. Assim também, amados leitores, nossas afeições estarão continuamente em atividade se tivermos como objeto a Cristo, que morreu na cruz por nós e Se sacrificou a Si próprio por nós; enquanto, ao mesmo tempo, o Cristo glorificado nos dá a força para prosseguir em direção ao alvo, para ganhá-Lo.

Mas há ainda um terceiro ponto que caracterizava este homem de fé. Calebe *realiza sua esperança*. Primeiro ele entra na terra da promessa como visitante, como um espião; porém aqui é o ponto de partida da sua carreira, e não no deserto. Ele peregrinou pelo deserto com um coração que estava cheio da realidade e da beleza das coisas que ele havia visto, as quais, durante 45 anos, formavam o objeto da sua esperança. Ele mantinha seu olhar inalterado na terra da promessa. Foi assim também com o salmista: "Ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água; *para ver a tua força e a tua glória, como te vi no santuário*" (Salmo 63:1-2). Aqui nós temos um homem que andou segundo o exemplo de Calebe. Ele havia visto Deus no santuário. Este é o ponto de partida de seu caminho; dali ele desce para a

terra, cheio da gloriosa realidade das coisas divinas, que mantém o seu coração firme em toda a peregrinação, em cujo final ele as vê.

Acrescenta-se ainda um quarto ponto. Para a alma que se nutre do “tutano e da gordura” do santuário, o deserto não apenas perdeu todo seu atrativo, mas realmente o vê em toda sua aridez e horror. Se nos encontramos nesse estado, o céu se torna o padrão para esta terra; então desaparece completamente todo suposto valor das coisas visíveis. Para a alma elas são nada mais que uma aridez, um deserto seco, um nada.

Mas, voltemos mais uma vez *à perseverança*, a característica mais marcante de Calebe. Esta característica nem poderia existir sem os quatro pontos dos quais acabamos de falar: o amor a Cristo, o conhecimento do insondável valor da Sua obra, uma esperança realizada, e estar liberto de quaisquer grilhões que nos prendam aqui embaixo. É isso o que nos capacita para trilhar nosso caminho da fé com perseverança, até o fim. Com Calebe essa perseverança se provou em três posições, intimamente ligadas uma com a outra. Em relação à sua ida prévia para espiar a boa terra que Deus queria dar ao Seu povo, nós lemos que ele “perseverou em seguir ao SENHOR” (cf. Números 14:24; Deuteronômio 1:36; Josué 14:8-9). Porém, antes de tomar posse da terra, ele ainda teve que peregrinar por quarenta anos no deserto; e ele fez isso corajosamente e sem desanimar. Ele perseverou, pois guardava em seu coração a lembrança das riquezas e dos tesouros de Canaã. As dificuldades do deserto eram nada para ele. No deserto encontrou o ardente calor do sol, a areia, o cansaço e a sede, mas ele não se importava com isso. Jamais passou pela sua cabeça encontrar algo diferente em seu caminho. Sua perseverança encontrou alimento na sua esperança; e a esperança do cristão não é apenas Canaã no sentido geral, i.e. o céu, mas Cristo — o próprio Cristo.

Em dias posteriores, houve um homem de grande fama, porém *estas* coisas Deus não pôde dizer dele. Salomão falhou ali onde Calebe perseverou; o deserto se tornou algo para este grande rei, ganhou valor para ele. Houve um momento em que Salomão deu as costas para Deus porque havia encontrado algo no deserto no qual seu coração estava preso. Acerca dele lemos: “Salomão... não *perseverou* em seguir ao SENHOR” (1 Reis 11:6). O mundo tinha

atrativos para ele, ainda que no início parecessem insignificantes, logo o aprisionaram completamente, e o seu reino se perdeu. Com Calebe foi diferente, por meio da sua perseverança em seguir ao SENHOR, ele ganhou a sua herança.

Calebe, porém, também perseverou numa terceira posição, a saber, na tomada de posse da terra. Ele passou cinco anos nas batalhas; e então pega em armas mais uma vez, para tomar posse da sua parte especial da herança: o monte do qual o SENHOR lhe havia falado. Ele entra na plena possessão da sua herança, apesar do terrível poder do inimigo e do horror que os filhos de Anaque causavam. Calebe não se intimidou com nada; para ele, assim como para nós, o inimigo já é um inimigo vencido, é aquele que tinha o poder da morte. Ele não pode mais nos assustar, a morte é nossa. Calebe entra na plena posse da sua herança. Sua perseverança é coroada de sucesso. Aparentemente, ele foi o único em Israel que expulsou *todos* os seus inimigos das suas moradias e tomou posse das suas terras.

Que instrução para nós, amados! Lembremos-nos que a tomada de posse da terra por Calebe não é apenas um gozo futuro para nós, mas antes, a nossa parte *presente*. Temos perseverado na batalha para, *agora*, usufruir dos nossos privilégios? Queira Deus nos conceder de que perseveremos assim como Calebe nestas três coisas: na esperança, na conduta e na batalha!

No final desse capítulo ainda vemos duas características marcantes que se encontram, constantemente, junto da perseverança. Calebe diz no versículo 11: “E ainda hoje estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força então, tal é agora a minha força, tanto para a guerra como para sair e entrar”. Apesar de seus 85 anos e das fadigas do deserto, Calebe não havia perdido absolutamente nada da sua força. Como podia ser isso? Porque ele não tinha confiança alguma em si próprio. O significado de Hebrom havia sido gravado profundamente em seu coração. É verdade que ele diz: “Porventura o SENHOR será comigo” (v. 12); porém isso quer dizer que ele desconfiava do SENHOR? Não; ele desconfiava apenas de si mesmo, e compreendia que somente ele levaria a culpa se o SENHOR não pudesse estar com ele. Sempre veremos que a realização da força

está relacionada à medida da nossa desconfiança com nós mesmos. Se não confiamos em nós mesmos, mas apenas no Senhor, iremos de força em força. Isaías 40:28-31 nos mostra a mesma verdade de uma forma maravilhosa! Ali lemos: “Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os moços certamente cairão”, sim, este é o fim de todo o poder humano, também o melhor e o mais forte; porém, “o eterno Deus, o SENHOR, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga”! E é nEle, somente nEle, que a nossa confiança se fundamenta. Ele “dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor”. Ele comunica Sua força aos fracos; Ele a manifesta na fraqueza. Por isso continua: “Mas os que esperam no SENHOR renovarão as forças, subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão”. Foi assim com Calebe; ele andava na consciência de que a sua força estava em Deus e que esse poder estava do seu lado. Quem dera fosse assim conosco! Que também “subamos com asas” nas coisas celestiais, se esforçando ao máximo e correndo para frente com perseverança, no caminho que leva à glória!

Devo lembrar ainda de um segundo traço característico que sempre acompanha a perseverança: *ela produz perseverança nos outros também*. Por meio da sua persistência, Calebe foi uma especial benção para seu círculo familiar, pois sua família, que o seguia, foi igualmente guardada no caminho da fé. No capítulo 15:16-17 lemos: “Quem ferir a Quiriate-Sefer, e a tomar, lhe darei a minha filha Acsa por mulher. Tomou-a, pois, Otniel, filho de Quenaz, irmão de Calebe; e deu-lhe a sua filha Acsa por mulher” (cf. Juízes 1:12-13). O sobrinho anda nas pegadas do tio de forma digna. Ele luta com vistas a um objeto tão valioso para si, cuja possessão ele deseja. Sua esperança está intimamente relacionada com a filha de Calebe. E como é conosco, amados? Desejamos possuir Cristo a qualquer preço? Em Juízes 3 lemos que Otniel se tornou o primeiro juiz de Israel. Depois de ter se provado na batalha e ter se mostrado vencedor, ele foi levantado para libertar a outros também; e perseverou nessa nova posição até o fim.

Acsa, a filha de Calebe, é outro exemplo de perseverança. Calebe a tinha dado a Otniel, o conquistador de Quiriate-Sefer; e agora ela incita seu marido a *exigir mais*. Ela deseja um campo e

fontes de águas. Ela quer bênçãos no campo que possui. Para alcançar estas bênçãos, ela desce do jumento e apresenta seu pedido. Ela *persiste* em seus pedidos, e recebe em abundância as fontes desejadas, as quais são figuras das nossas bênçãos espirituais. Amado leitor, quão rico em ensino isso é para a nossa vida diária! Quando tomamos a Palavra de Deus em mãos, imploramos com verdadeira seriedade pelas fontes que a irrigam? Para muitos cristãos, a viva Palavra de Deus é uma "terra seca", na qual a sua alma não encontra alimento. Se esse também é o teu caso, leitor, gostaria de perguntar: você já se prostrou, à semelhança de Acsa, para suplicar à Deus a ajuda espiritual e o esclarecimento, para pedir por aquelas fontes — as únicas que podem tornar a Palavra fértil para a tua alma? Deus não te daria uma resposta semelhante, como outrora Calebe deu à sua filha?

Antes de deixar o assunto que temos diante de nós, gostaria de aludir ainda um ou dois pontos de importância. De Calebe está escrito que "*perseverara em seguir ao SENHOR Deus de Israel*" (Josué 14:14). Ele havia perseverado *em seguir* a Cristo, o qual ele conhecia como o SENHOR da antiga aliança. O que significa *seguir* a Cristo? Frequentemente, temos uma noção errada do que isso é. Seguir significa ir atrás de uma pessoa que havíamos reconhecido como um guia necessário. Quando temos confiança em nós mesmos, não temos necessidade de um guia. Além disso, andar após o Senhor não significa apenas colocar a confiança nEle, mas também, humildemente, permanecer *dependente* dEle. Há ainda mais um ponto: se eu sigo após alguém, manterei meus olhos fixos nele, para imitá-lo. Porém, imitar ao Senhor significa esforçar-se para que Ele encontre Sua expressão em mim, ser semelhante a Ele. Seja qual for a posição que Deus me coloque, Seu objetivo é que Cristo seja visto em mim nessa posição. Como um irmão disse certa vez, Cristo deve ser visto em todas nossas relações, no serviço, no testemunho e em nossos sofrimentos. Calebe fez isso; ele seguiu após o SENHOR seu Deus de forma plena.

Poderíamos ainda perguntar: a que se refere a perseverança? Em relação com quais coisas ela deve ser encontrada? O Novo Testamento nos dá uma resposta abundante à essa pergunta, mas quero citar apenas algumas passagens.

Em Atos 1:14 lemos: “Todos estes perseveravam unanimemente em oração”; dessa forma, a perseverança estava relacionada *à oração*. Além disso, essa perseverança era algo *coletivo*. Os cristãos daqueles dias não se limitavam a dobrar seus joelhos diante do Senhor cada um por si e pelas suas próprias necessidades; não, eles estavam juntos, unânimes, e oravam pelos assuntos que, coletivamente tinham no coração.

Em Atos 2:42 encontramos, novamente, uma perseverança em comum, mas em relação com quatro coisas. Primeiramente, os cristãos perseveravam “na doutrina dos apóstolos”. Os primeiros cristãos não se satisfaziam em seguir a doutrina dos apóstolos, eles também imitavam o exemplo que estes enviados de Deus lhes davam em toda sua vida. Além disso, eles perseveravam “na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”, isto é, na celebração do memorial de Cristo e nas relações de suas almas com Deus, que se manifestavam na dependência dEle.

Em 1 Timóteo 5:5 encontramos a perseverança do *indivíduo*, “em rogos e orações”. Por que esta viúva *persevera* “noite e dia” em oração? Porque ela está sozinha e sem recursos; ela somente tem a Deus, ao qual pode se dirigir. Dessa maneira, ela aprende a ser dependente.

Em 1 Timóteo 4:16 a perseverança é requerida em tudo aquilo que faz parte da *piedade*. Leia e atente cuidadosamente aos itens mencionados nos versículos anteriores.

Em 2 Timóteo 3:10 o apóstolo diz que Timóteo lhe havia “seguido” em tudo aquilo que havia caracterizado sua própria vida. E o que era que caracterizava a vida do apóstolo? Ele havia perseverado fielmente no combate e na fé, até o fim (cf. cp. 4:7).

Dessas poucas passagens, vemos que a perseverança se refere a todas as particularidades da vida cristã. Que possamos conhecê-la melhor e, assim como Calebe, agir até o final da nossa carreira, para que nós também possamos ouvir do próprio Deus as palavras de reconhecimento: “Ele perseverou em seguir ao SENHOR seu Deus”!

As Cidades de Refúgio

Em relação a estes dois capítulos, gostaria ainda que o leitor lesse Hebreus 6:18-20, a passagem que faz uma evidente alusão às cidade de refúgio, tal como as encontramos em Êxodo 21:13; Números 35:9-34; e Deuteronômio 19:1-13.

Os tipos do Antigo Testamento nos apresentam muitas vezes, na aplicação ao cristão, contrastes em vez de semelhanças. E assim acontece com as cidades de refúgio, como vamos ver. Seria algo muito fraco e muito imperfeito se nós quiséssemos comparar as cidades de refúgio à cruz de Cristo. A aplicação imediata desta figura, como, sem dúvida, o sabe a maior parte de nós, é histórica e profética. O homicida involuntário prefigura Israel, que assassinou a Cristo *por ignorância*. É acerca desse povo que o Senhor Jesus diz, orando na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque *não sabem* o que fazem” (Lucas 23:34). Eles não haviam conhecido o dia da sua visitação. O mesmo se deu com Paulo: “Alcancei misericórdia, porque o fiz *ignorantemente*, na incredulidade” (1 Timóteo 1:13). Mas, num outro sentido, os judeus, os líderes juntamente com o povo, eram assassinos *intencionais*, rejeitando deliberadamente e com conhecimento de causa, a Deus e o Seu Cristo. “Vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança” (Mateus 21:38). “Não queremos que este reine sobre nós” (Lucas 19:14). Ora, a respeito do assassino intencional havia sido ordenado que fosse morto. Este julgamento, tal como várias profecias relativas aos judeus, teve o seu cumprimento parcial na destruição de Jerusalém. O rei, encolerizado, enviou “os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade” (Mateus 22:7). Mas o julgamento do assassino intencional, indevidamente acolhido na cidade de refúgio, na realidade ainda é futura (cf. Deuteronômio 19:11-12). Os judeus, desde a rejeição de seu Messias, estão (durante os tempos atuais) sob a proteção e supervisão da providência de Deus, longe da sua herança; e estão de certa forma, como alguém disse, “sob os olhares dos servos de Deus, que, como os levitas, não possuem herança, e que servem como cidades de refúgio aos judeus;

compreendendo a sua posição e reconhecendo-os como estando sob a guarda de Deus". Entretanto, os assassinos intencionais serão tirados de lá para caírem nas mãos do vingador do sangue. Unidos ao anticristo, virão a ser os tristes objetos do julgamento divino.

Quanto aos homicidas involuntários, poderão voltar à sua porção e à sua herança com a mudança do sumo sacerdote, isto é, após a morte deste (Josué 20:6; Números 35:28); isto é, aplicado a Israel, quando o atual sacerdócio de Cristo "segundo a ordem de Arão", terá dado lugar ao Seu sacerdócio eterno, "segundo a ordem de Melquisedeque", portanto, no início do reino milenar. É extremamente interessante seguir de perto este conhecido significado das cidades de refúgio até os mínimos detalhes, contudo, posso apenas mencionar, e preciso voltar ao contraste que esta figura oferece quando a comparamos com a posição cristã em Hebreus 6.

O israelita, homicida involuntário, figura do povo no seu estado atual, fugia para uma cidade de refúgio, com a *esperança muito incerta* de escapar do vingador do sangue e de poder, um dia, voltar à sua herança. Era mantido em custódia, longe dessa herança, até que o sumo sacerdote morresse — figura, como dissemos, do fim do sacerdócio aarônico de Cristo. Todavia, mesmo na cidade de refúgio, a sua segurança e a sua futura restauração aos seus direitos dependiam de todo tipo de circunstâncias, que tornavam a sua situação muito incerta. Dependia, em primeiro lugar, do vingador do sangue. Se o homicida se afastasse somente por um instante do território da cidade, o vingador, certamente à espreita, tinha o direito de matá-lo (Números 35:26-28); em segundo lugar, dependia dos anciãos da cidade (Josué 20:4); em terceiro lugar, dependia do julgamento da congregação (v. 6; Números 35:12,24-25); e, em quarto lugar, dependia do sumo sacerdote (v. 6), podendo o homicida morrer antes deste.

O leitor não está admirado, assim como eu, sobre a insignificante segurança que a lei, com seus melhores recursos, podia oferecer àquele que era menos culpado em Israel?

Vejamos agora os recursos da graça que, em contraste com isto, encontramos em Hebreus 6:18-20: o cristão, que havia abandonado o judaísmo, *fugia* igualmente do juízo, o qual pairava

sobre o povo judeu, mas não com uma esperança incerta; ele fugia com o fim de *possuir* a esperança que lhe era proposta. Porém, esta esperança do cristão não consiste em retornar, um pouco mais tarde, ao gozo da sua herança terrestre. Não! Esta esperança nós a *apreendemos*, nós a *temos*, e ela é a parte *presente* das nossas almas. Ora, ela não é incerta nem vaga; é, por assim dizer, uma esperança personificada: um *Cristo celestial*; é o grande tema da Epístola aos Hebreus — um Cristo que está em contraste com tudo aquilo que a terra poderia oferecer de melhor; o Homem Jesus Cristo na glória, que é o cumprimento de todos os planos, de todas as promessas e conselhos de Deus. Esta esperança — Cristo — é uma âncora segura e firme da alma. A nossa esperança está solidamente fundada sobre uma Rocha inabalável! Não há nada incerto; quem apreendeu a esperança — Cristo — não é mais lançado para lá e para cá, nem "levado em roda por todo o vento de doutrina" (Efésios 4:14). Porém isso não é tudo, a esperança faz mais: nos introduz *de fato* na presença do próprio Deus, no santuário. Ela "penetra até ao interior do véu", ali onde encontramos ao Senhor Jesus que, como *precursor, entrou ali por nós*. Nós já entramos ali em paz, esperando receber a herança assegurada, que em breve possuiremos. E, para entrarmos, não temos necessidade, como o pobre homicida involuntário, de esperar até que o sacerdócio aarônico de Cristo termine, porque estamos ligados de uma maneira indissolúvel Àquele que foi "feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque"; o qual se tornou Sumo Sacerdote em virtude da obra que nos adquiriu uma salvação eterna!

CAPÍTULO 22

O Altar de Ede (Testemunho)

Reencontramos aqui as duas tribos e meia, das quais falamos no final do primeiro capítulo. Elas tinham passado o Jordão armadas, à frente dos seus irmãos, para combaterem os inimigos do SENHOR na terra da promessa. Josué lhes dá agora a permissão de voltarem à sua herança do outro lado do Jordão. Tinham sido fiéis às ordens de Moisés e de Josué, tinham observado o mandamento do SENHOR e não haviam, de modo nenhum, abandonado os seus irmãos. A obediência com relação aos mandamentos explícitos de Deus e o amor fraternal haviam caracterizado essas duas tribos e meia durante esse longo tempo em que estiveram separadas da terra da sua possessão. Aparentemente, não havia nada reprovável neles, mas, como vemos no primeiro capítulo, o coração deles (não digo os seus pensamentos) não vivia nas coisas celestiais. O ponto de partida para seu posicionamento era o seu gado, portanto, era muito natural que procurassem pastagens para alimentá-lo. Assim, surgiu logo no início da sua história um perigo resultante da sua posição ambígua. Moisés os havia advertido a respeito disso (Números 32); a recusa de se estabelecerem além do Jordão podia influenciar o restante do povo e desencorajá-los, de modo que desprezassem a boa terra e atraíssem a ira de Deus sobre todo o Israel, como sucedera outrora, na montanha dos amorreus. Pela graça, eles foram preservados desta armadilha, mas nem por isso ela deixava de existir. Porém, nisso havia outro perigo, mais real ainda: os seus princípios agiriam sobre os seus *parentes e familiares* que estavam menos protegidos disso do que as demais tribos. Jair, filho de Manassés, e Nobá dão os seus próprios nomes às suas aldeias e cidades (Números 32:41-42), princípio inteiramente mundano, que remonta sua origem no mundo nos dias de Caim (cf. Gênesis 4:17). Por um lado, as duas tribos e meia, por meio da sua conduta, levavam aos homens de fé ao perigo de cair ou de descer ao seu próprio e baixo nível, ao invés de elevá-los ao nível celestial; por outro lado, eles exerciam uma influência decididamente mundana sobre suas próprias famílias — esses dois fatos caracterizavam sua posição.

A exortação de Josué (v. 5) nos mostra claramente o perigo que abriga um cristianismo rebaixado. A verdadeira força de toda a conduta do crente faltava àquelas tribos. A mera obediência a mandamentos conhecidos e o amor fraternal não bastam para nos manter firmes por longo tempo. A conduta, a obediência, a dedicação e o serviço devem provir *do amor*; se o amor não estiver ativo, seremos como um pêndulo que, após ter sido posto em movimento, precisa constantemente de um novo impulso para manter-se em movimento, senão ele volta à inércia.

Mas isso não é tudo. Quando o cristão, em vez de viver da fé, tem de algum modo, ainda que pouco, os princípios do mundo como base para a sua conduta, a sua posição torna-se sempre muito *complicada e difícil*; por outro lado, nada é mais simples do que o caminho da fé! Compare Abraão e Ló. A vida do primeiro foi simples e constante; a do segundo foi cheia de um emaranhado de complicações. E Jacó? Que série de aventuras sem fim numa existência inquieta, enquanto seu pai, Isaque, vivia de forma quieta e simples com Deus! O mesmo se deu com as duas tribos e meia, que se viram obrigadas a construir cercas para os seus rebanhos; a estabelecer as suas famílias, em meio a grandes perigos, em cidades muradas; a deixar suas mulheres e filhos por muitos anos, sem que estes pudessem ser testemunhas dos feitos do SENHOR e das maravilhas que Ele operava em favor do Seu povo do outro lado do Jordão.

Mas, finalmente, os guerreiros recebem autorização para voltarem a seus lares, para as suas famílias. No entanto, apercebem-se de uma nova dificuldade: o Jordão os separa das demais tribos. Isso os deixa preocupados. Eles temiam que o laço de comunhão entre eles e os seus irmãos não fosse forte e íntimo o bastante, e que o rio Jordão pudesse rompê-lo. O que fazer? A posição que haviam escolhido os expõe ao perigo de uma divisão. Eles viam, com preocupação, que poderia chegar um momento em que os seus irmãos os tratariam como estranhos. Essa situação perigosa, de certa forma, os obriga a estabelecer um testemunho pelo qual proclamariam em alta voz que eles serviam ao SENHOR; tal como outrora a sua posição duvidosa os havia levado a fazerem uma ruidosa confissão diante de Josué (cf. cp. 1:16-18). Por isso,

edificaram um grande altar à margem do Jordão, no limite do seu território. O estabelecimento *deste testemunho* provinha *da sua própria sabedoria*. Eu gostaria de chamá-lo de uma *confissão de fé*, tais como nós encontramos frequentemente ao nosso redor — algo que em si mesmo talvez nem seja errado, tampouco como aquele altar, sobre o qual, de momento, não haveria nada a dizer, a não ser que, pelo menos aparentemente, seria criado um novo centro de unificação. Justamente este altar, que no pensamento das duas tribos e meia estava destinado a unir as partes separadas de Israel, podia ser uma contraposição hostil ao tabernáculo em Siló. A sua confissão de fé podia tornar-se num novo centro, e assim substituir o único verdadeiro centro de unidade — Cristo — desonrando-O. Este ato, realizado com a melhor das intenções, era no fundo uma obra meramente *humana*. A sua invenção para manter a unidade desperta a aparência como se eles negassem essa verdade. Assim surge uma nova dificuldade: eles se expõem ao perigo de serem mal compreendidos, a levar as outras tribos à batalha contra eles, e a serem exterminados.

Amados leitores, a cristandade, desde o seu início, não tem agido de outro modo; apenas foi muito mais longe do que as duas tribos e meia: ela tem se reunido em torno de um grande número de confissões de fé, mais ou menos corretas, porém, jamais foi o próprio CRISTO! E quando percebem que a unidade desapareceu, fazem as suas confissões de fé cada vez mais elásticas, e assim, em lugar de realizar a unidade, não consegue senão introduzir a incredulidade manifesta em meio à confissão cristã.

Além disso, aquele altar de Ede, embora sendo a consequência imediata da mentalidade mundana das duas tribos e meia, poderia ser o fruto de uma raiz oculta muito mais grave ainda, a saber, o espírito da rebeldia e o desejo por *independência*. E era isto que as demais tribos temiam. Nós vemos o quanto este ato afetou os filhos de Israel. A independência está a ponto de se introduzir, a unidade está em perigo; e Fineias, um exemplo do zelo por Cristo, é escolhido para ir com os príncipes de Israel para tomar conhecimento do que está se passando do outro lado do Jordão e falar com as duas tribos e meia.

Ele lhes apresenta três casos intimamente ligados entre si, nos quais todo o Israel é responsável. O primeiro caso (v. 20) foi o pecado de *Acã*, que acontecera imediatamente após a travessia do Jordão. Ele havia cobiçado as coisas do mundo, aquilo que Deus tinha amaldiçoado; se apoderou disso e introduziu no meio da congregação de Israel; assim, ele havia menosprezado a *santidade* de Deus, e trouxe assim o julgamento do SENHOR sobre todo o povo. O pecado de Acã foi a cobiça pelo mundo, introduzindo o anátema na congregação. O segundo caso foi a iniquidade de *Peor* (v. 17); tratava-se de algo mais terrível, embora, infelizmente, o mesmo pecado, em assuntos espirituais, é tão pouco conhecido e odiado pelos corações dos cristãos. Era a aliança adúltera com o mundo religioso, isto é, com a idolatria daquele tempo e a introdução dessa religião mundana no meio da congregação de Israel, onde, igualmente, não houve nenhuma consideração pela *santidade* de Deus.

Amado leitor, a Igreja tem feito outra coisa? Acã e Peor não representam os dois princípios que operam atualmente na cristandade e a preenchem? Mas a astúcia satânica de Peor excedia ao terrível anátema de Acã. Quando Balaão, depois de reiterados intentos de separar o SENHOR do Seu povo, havia visto que nunca o conseguiria, mudou de tática: tentou — e desta vez com êxito — afastar o povo e separá-lo do SENHOR. Tratando-se dos afetos de Deus pelo Seu povo, Balaão teve que proclamar que o SENHOR não havia encontrado iniquidade em Israel; tratando-se, porém, da fidelidade de Israel, Satanás conseguiu separá-lo de Deus — e assim "a ira do SENHOR se ascendeu contra Israel" (Números 25:3).

A segunda armadilha para os crentes consiste em pensarem que a adoração a Deus pode ser aliada com a religião do mundo. Foi nessa ocasião que se destacou, em primeiro lugar, o zelo de Fineias: a desonra feita ao SENHOR lhe afetou, e ele purificou a congregação dessa impureza. Agora, no caso do altar de Ede, esse mesmo zelo o leva a colocar-se, por Deus, na brecha. Os sentidos, exercitados pelo hábito a discernirem o bem e o mal, o levam a descobrir o perigo existente. Ele sente que este terceiro princípio, a *independência*, significaria a ruína do testemunho; que o

estabelecimento de um novo altar nada mais seria que o pecado da rebelião contra o SENHOR e contra a congregação de Israel (v. 19). O santo zelo de Fineias desvia o perigo que, não obstante, permaneceu em princípio, mas as intenções dos corações eram retas, e não houve más consequências.

Na cristandade, o corretivo usado não teve o mesmo feliz resultado. O mal tem progredido? Sim ou não? Que vemos nós hoje? A procura pela independência, a inclinação natural dos nossos corações é altamente louvada, e ostentada como sendo uma boa qualidade ou até mesmo um dever. É ela que se fecha à verdade de que há apenas *um* altar, apenas *uma* mesa, e estabelece novos altares e novas mesas diariamente; é ela que, como diz Fineias, se rebela "contra o SENHOR" e menospreza, na sua cegueira, não só a unidade do povo de Deus, mas também o único centro de unidade, o próprio Senhor Jesus.

Amado leitor, que Deus, em Sua graça, nos guarde destes três princípios que atraem o sério julgamento de Deus sobre a Sua casa: o mundanismo, uma aliança com o mundo religioso, e a independência — o mais sutil e o mais perigoso tipo de corrupção, porque a independência é o ponto de partida do pecado e a origem de tudo mais. Lembremo-nos sob qual caráter Cristo se manifesta na carta à igreja em Filadélfia. Ele chama a Si próprio de "o Santo e o Verdadeiro", e esta igreja é louvada por não ter negado Seu santo nome e pela sua dependência da Palavra de Deus. Não estejamos associados a nada, nem individual nem coletivamente, nem nos nossos corações ou nos nossos pensamentos, nem nas nossas ações, nem na nossa conduta — nada que não harmonize com as próprias características do Senhor. Avancemos todos os dias da nossa vida em santidade e dependência, sem as quais não há comunhão com Ele.

CAPÍTULO 23

Últimas Instruções de Josué

Israel está agora na posse da sua herança prometida. Josué, velho e entrado em dias, está prestes a ir pelo caminho de toda carne. Quando as colunas da ordem divina na Igreja são tiradas, e aqueles que estavam na linha de frente do combate já não existem, aparentemente, começa a faltar tudo. Porém, se a fé estiver ativa, na realidade não falta nada! Josué disse: "É o SENHOR vosso Deus que peleja por vós" (vv. 3,10). Os guias do povo podem sair de cena — é precioso contemplar o fim da sua carreira de fé e imitá-la — mas "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:7-8). Sim, nada falta *se houver fé*; mas onde ela não existe tudo se desmorona, assim aconteceu com Israel e com a Igreja.

Daqui para frente, se tratava de que o povo se mantivesse a altura dos seus privilégios, e que aquele poder do Espírito — o qual os havia conduzido à vitória, na pessoa de Josué — se realizasse nas suas almas e em toda a sua vida. "Esforça-te, e tem bom ânimo", havia sido dito a Josué no capítulo 1:6, "porque tu farás a este povo herdar a terra que jurei a seus pais lhes daria". Aqui está o poder para a vitória. Agora Josué diz ao povo: "Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e para fazerdes tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés" (v. 6). Temos aqui a realização daquele poder na alma.

De que forma esse poder espiritual deve se manifestar no povo? Pela obediência à Palavra escrita: "para *guardardes* e *fazerdes*" — isto está inseparavelmente ligado com a vida prática — "tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés". Para obedecer assim, Israel não tinha apenas o poder do Espírito do seu lado, mas também tinha um homem diante de si, Josué, a quem as mesmas coisas haviam sido ordenadas (cp. 1:7); um homem que havia seguido o caminho da fé até o fim, e que, como Paulo, podia dizer: "Guardei a fé" (2 Timóteo 4:7). Mas nós, amados leitores, possuímos o verdadeiro Josué, o Modelo perfeito, o "autor e consumador da fé" (Hebreus 12:2)!

Note ainda isto: tal como Paulo, Josué tem a plena consciência das iminentes mudanças em Israel; não lhe era oculto de que uma nova ordem de coisas seria introduzida logo após a sua partida. Estes dois homens sabiam quão grande seria a decadência, e ambos recomendam a Palavra de Deus como condutor seguro e guia infalível: “Encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça” (Atos 20:32).

Sim, esta Palavra tem o poder de nos edificar, de nos dar uma herança, mas antes de tudo, de nos *santificar*. Justamente pelo fato de Israel ter esquecido essa Palavra, que caiu gradualmente ao nível das nações idólatras e das suas abominações. No versículo 7 vemos como o caminho da decadência é discreto e, ao mesmo tempo, tão escorregadio: primeiramente entra-se em comunhão com os gentios; se esquece da plena separação do mundo; depois faz menção do nome dos seus deuses; nos familiarizamos com os princípios que regem o mundo; depois juramos por eles; achamos natural que também sejam reconhecidos por outros; a seguir os servimos, e, finalmente, nos prostramos perante eles e os adoramos. Nos tornamos pobres escravos do mundo e do seu príncipe! Que caminho este, tão declinante!

Mas, além da obediência à Palavra, Josué aponta ao povo outros meios para conservar as suas bênçãos: o segundo meio é o apego ao SENHOR (v. 8). É necessário que o coração e seus afetos estejam ligados à Pessoa de Cristo. Amado leitor, você pensa com frequência naquele belo versículo do Salmo 63: “A minha alma te segue de perto” (se apega a ti), “a tua destra me sustenta” (v. 8)? Não percebemos ali um coração que se entregou completamente ao Senhor, e que pode dizer isto *ao Senhor*? Pois não são sentimentos que se ostentam perante o mundo. Sim, aqui é uma alma que está tão cativada e encantada pela beleza do seu Objeto, que se entrega inteiramente a Ele. Então ela descobre nEle uma força que a eleva acima de todas as dificuldades e a preserva de todos os perigos: “A tua destra me sustenta”. Assim sucede neste capítulo: nos versículos 9 e 10, o povo tem feito a experiência do poder do SENHOR, *apegando-se* a Ele. Que, em nossos dias inquietos, possamos encontrar mais desse íntimo apego da alma a Cristo, do estado de um coração que nada mais busca e nada mais quer do

que unicamente a Ele, e que não divulga ao mundo os seus sentimentos e a sua devoção a Deus, dizendo: “Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta” (Apocalipse 3:17); mas antes, fala em silêncio a Cristo, ali onde somente o Seu ouvido percebe o murmúrio da alma: “Eu te amo, porque tu me amaste primeiro e porque Tu és inexprimivelmente belo, ó Senhor, meu exemplo inalcançável, que eu gostaria tanto de poder representar, ao menos parcialmente! A minha alma está apegada a Ti e deseja Te seguir bem de perto!”.

O terceiro meio é a *vigilância*. “Portanto, guardai diligentemente as vossas almas, para amardes ao SENHOR vosso Deus” (v. 11). Temos de velar pelos nossos corações, para não tolerarmos ali a entrada, quase sempre muito sutil, das cobiças que enfraquecem os afetos pelo Senhor e fazem com que em Seu lugar amemos objetos que não podem ser comparados com Ele — o que O obriga a julgar-nos (vv. 12-16).

“Foge também das paixões da mocidade”, diz o apóstolo em 2 Timóteo 2:22; e “sede sóbrios; vigiai” (1 Pedro 5:8).

CAPÍTULO 24

A Contraposição da Graça e da Lei

Neste capítulo, Deus, pela boca do Seu servo, resume todos os Seus caminhos de graça para com Israel, desde o chamamento de Abraão até à plena posse de Canaã. Se o povo tivesse sido sensato, teria deixado se comover por esta infatigável misericórdia de Deus; teria desconfiado de si mesmo, e teria dito ao SENHOR: "Que somente a Tua graça continue a guardar-nos e a conduzir-nos". Mas a sua tolice o fez agarrar-se aos princípios da lei. Eles confiaram em si próprios e disseram: "Serviremos ao SENHOR nosso Deus, e obedeceremos à sua voz" (v. 24).

O fato de Deus encerrar esta história pela manifestação da Sua graça é também de importância para nós. Após termos sido introduzidos nos lugares celestiais, para deles gozarmos, Deus quer nos conservar por meio da Sua graça e por meio dela firmar os nossos corações. Mas, para bem compreendermos essa graça, é preciso que o nosso estado seja plenamente revelado. É assim com os caminhos de Deus, porque só depois de ter chegado a Canaã é que Israel teve conhecimento, e pela primeira vez (v. 2), da idolatria de seus antepassados, da ruína total da geração de que provinha e do seu completo afastamento de Deus. E o mesmo se dá conosco. Nós conhecemos a ruína do primeiro homem, em toda a sua realidade, somente quando estamos completamente libertos dela. Infelizmente, são poucos os cristãos que compreendem esta verdade, porque são poucos os que gozam das bênçãos de Canaã, da sua gloriosa posição em Cristo. O filho pródigo trazia consigo muita experiência de vida quando se encontrava em caminho para voltar à casa de seu pai: o seu pecado, o seu miserável estado não lhe eram de modo nenhum desconhecidos; mas só quando foi introduzido na casa do pai é que ouviu pela primeira vez estas palavras: "Porque este meu filho estava *morto,* e reviveu, tinha-se *perdido*, e foi achado" (Lucas 15:24). De igual modo, somente após a nossa introdução nas bênçãos espirituais dos lugares celestiais é que a Epístola aos Efésios nos diz: "Estando vós *mortos* em ofensas e pecados" (cp. 2:1).

Como já vimos, a primeira parte deste capítulo nos fala dos *caminhos* de Deus em graça para com o Seu povo terrestre. Em Abraão (v. 3) encontramos a eleição, o chamamento, a fé, e as promessas que se concentram sobre Isaque. Em Jacó e Esaú (v. 4) encontramos a livre escolha da graça. No Egito (v. 5), Israel aprende a conhecer o perdão; no Mar Vermelho (v. 6), conhece a libertação. É a graça que sustenta Israel no deserto (v. 7), que lhe faz passar o Jordão (v. 11), que o introduz, finalmente, em Canaã (v. 13).

A presença dos inimigos apenas expõe à luz a poderosa graça de Deus a favor do Seu povo. O egípcio que queria reter a Israel na escravidão é julgado, e quando quer impedir a libertação do povo no Mar Vermelho, é destruído; o amorreu, que habitava fora dos limites do Jordão e procurava opor-se à sua passagem, é vencido; Balaque, o inimigo astuto e sutil que, por meio de Balaão, quer desviar o rosto de Deus do Seu povo, é confundido e tem de ouvir bênçãos saírem da boca que ele havia chamado para amaldiçoar. Enfim, todos os gentios fogem diante de Israel, perseguidos por vespões, sem que o povo tenha necessidade da sua espada e do seu arco (v. 12).

Uma graça tão maravilhosa não deveria mover o povo a seguir ao SENHOR? E como é conosco? Não temos nós recebido uma graça ainda maior? Deus "fez conhecidos os seus *caminhos* a Moisés, e os seus *feitos* aos filhos de Israel" (Salmo 103:7). Porém, Ele também lhes revelou os Seus desígnios? Não! Isto foi reservado para nós. Deus nos fez saber Seus propósitos mais secretos, Seus eternos desígnios em relação a Cristo; Ele nos tornou seus confidentes. Que incomensurável graça!

No entanto, Israel não havia perdido a confiança em si próprio. Embora sua história estivesse diante deles para sua instrução, ainda assim exclamou: "Serviremos ao SENHOR nosso Deus". Josué lhes disse: "Deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais além do rio e no Egito, e servi ao SENHOR" (v. 14). Portanto, esses deuses ainda estavam entre eles! Depois, Josué, pensando em Canaã, acrescenta: "Se deixardes ao SENHOR, e servirdes a deuses estranhos" (v. 20)! Ah, eles jamais haviam retirado esses deuses estranhos, toda a sua história estava cheia de idolatria!

Deus os deixa ir, e a sua ruína e corrupção torna-se completa. O seu único recurso teria sido a graça, mas eles não a desejavam — e aquela grande pedra (vv. 26-27), figura da lei, permanece moralmente erguida, para testemunho e julgamento contra eles, até que Israel se torne novamente, um objeto de graça.

Deus não arguirá para sempre. Os Seus caminhos de retribuição terão um fim; toda a história da responsabilidade passará, mas uma coisa permanecerá eternamente: *a graça*! A graça "que dantes [nos] conheceu... predestinou... chamou... justificou... glorificou" (Romanos 8:29-30)!

ANOTAÇÕES

Pedidos Brasil e África direto com a editora:
pedidos@boasemente.com.br
www.boasemente.com.br
Rua Athos Palma, 250
CEP 04476-020 - São Paulo - SP
BRASIL
Pedidos Portugal e África:
www.ensino-biblico.org
Pedidos outras partes do mundo:
www.gbv-dillenburg.de
Pedidos em Moçambique:

Bíblias & Livros Cristãos
Av. de Namaacha - loja 4 (Prédio Rio)
Matola - Rio Maputo
celular: +258 849 576 299 - falar com Ismael
e-mail: jesussalvador.dospecadores@hotmail.com

Estudos SOBRE O LIVRO DE JOSUÉ

Henri Rossier

O livro de Josué traça um paralelo com o livro de Efésios no Novo Testamento. A peregrinação pelo deserto chega ao fim e os filhos de Israel devem cruzar o Jordão para entrarem na terra prometida — uma figura dos "lugares celestiais" de Efésios.

Ali encontramos um Cristo ressuscitado e glorificado, a Quem estamos unidos pelo poder do Espírito Santo. Também encontramos ali, os diversos inimigos que lutam contra nós — há ali uma batalha espiritual. As bênçãos celestiais em Cristo, a terra de Canaã, devem ser conquistadas passo a passo.

Contudo, ali dispomos de tudo o que é necessário à batalha — Cristo, o alimento espiritual como o Glorificado no céu!

depósito de literatura cristã
www.boasemente.com.br
9 788595 790087

Table of Contents

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
capítulo 8
capítulo 9
capítulo 10
capítulo 11
capítulo 12
capítulos 13-19
capítulo 14
capítulos 20-21
capítulo 22
capítulo 23
capítulo 24
Anotações